

A decorative border in a light tan or gold color frames the entire cover. It features intricate floral and scrollwork patterns, with larger, more complex designs at the top and bottom corners, and simpler, repeating motifs along the sides.

Booker T. Washington

MEMORIAS
DE
UM NEGRO

•••

*Traducção de
Graciliano Ramos.*

Companhia Editora Nacional
São Paulo

*Uma auto-biographia
sensacional!*

MEMORIAS DE UM NEGRO

POR

BOOKER T. WASHINGTON

O que mais seduz nesta documental auto-biographia, contada com o movimento e o brilho propios do romance, é a fiel descripção de todos os aspectos do problema do negro americano, meio seculo antes da sua libertação. Booker Washington não se restringiu a narrar a historia de sua propria vida. Atravez de paginas sinceras e eloquentes abordou todas as questões relativas á condição social de sua raça. E assim, mais do que uma auto-biographia, o seu livro se transformou no portavoz das aspirações de todos os homens de côr que, como elle, sentiam sobre os hombros o peso dos preconceitos raciaes. MEMORIAS DE UM NEGRO é um livro tão captivante como o famoso romance "A CABANA DO PAE THOMAZ", de Harriet Beecher Stowe, mas muito mais real e muito mais emocionante que este. A sua leitura contribuirá poderosamente para o conhecimento da historia social dos Estados Unidos no começo do seculo XX e deixará indelevelmente gravado em todos os espiritos o vulto desse grande Negro, que soube, como ninguem, lutar pelos direitos de sua raça e pela grandeza de sua patria. — *Traducção de GRACILIANO RAMOS.*



Edição da
COMPANHIA EDITORA
NACIONAL
SÃO PAULO

MEMORIAS DE
UM NEGRO

BIBLIOTHECA DO ESPIRITO MODERNO
Serie 3.^a HISTORIA *Vol. 8*

BOOKER T. WASHINGTON

MEMORIAS DE
UM NEGRO

Traducção de

GRACILIANO RAMOS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre

1940

Titulo do original Norte-Americano

UP FROM SLAVERY

(Autobiography)

Esta traducção é propriedade literaria da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL — São Paulo
que se reserva todos direitos de reproducção em lingua portugueza

INDICE

CAP.	Pgs.
I — Um escravo entre escravos	1
II — Minha infancia	17
III — Lucta pela educação	31
IV — Auxilio aos outros	47
V — O despertar	59
VI — Negros e indios	67
VII — Principios de Tuskegee	77
VIII — Aulas numa estrebaria e num galli- nheiro	85
IX — Dias de angustia e noites de insomnia	96
X — Uma tarefa difficil	105
XI — Fabricação de moveis	116
XII — Procura de recursos	125
XIII — Um discurso de cinco minutos	139
XIV — O discurso da exposição de Atlanta ..	153
XV — O exito na arte oratoria	168
XVI — Viagem á Europa	188
XVII — Ultimas palavras	205

CAPITULO I

UM ESCRAVO ENTRE ESCRAVOS

Nasci escravo numa fazenda, em Franklin, na Virginia. Não sei com exactidão o lugar e a data do meu nascimento; creio, porém, que vim ao mundo em 1858 ou 1859, perto do Forte de Hale, encruzilhada onde havia uma agencia do correio. Mez e dia ignoro. As lembranças mais remotas que guardo ligam-se á fazenda, especialmente á parte della occupada pelos escravos — a senzala.

Comecei mal a vida, num meio triste e miseravel, embora os meus senhores não fossem particularmente crueis. Nasci numa cabana de madeira, de quatorze a dezeseis pés quadrados, e nella vivi com minha mãe, meu irmão e minha irmã até a guerra civil, quando nos libertaram.

Quasi nada sei dos meus antepassados. Por pedaços de conversas dos negros, na senzala, conheci as torturas que os escravos, entre os quaes, sem duvida, os meus avós do lado materno, padeceram no navio que os transportou da Africa para a America; não conseguí, porém, obter nenhuma noticia de valor sobre a historia de minha familia para lá de minha mãe, que tinha um meio irmão e

uma irmã, também meia. Naquelle tempo ninguém prestava attenção á historia genealogica e aos annaes duma familia de pretos. Um comprador, segundo creio, achou conveniente adquirir minha mãe e se tornou proprietario della e meu — negocio approximadamente igual á compra dum cavallo ou duma vacca. De meu pae sei menos, desconheço até o nome delle. Contaram-me que era branco e residia numa fazenda vizinha, mas nunca ouvi dizer que se tivesse interessado por mim, que se houvesse de qualquer fórma occupado com a minha educação. Não o accuso por isso: era mais uma victima da instituição que o povo americano desgraçadamente introduziu no seu organismo social.

Minha mãe era a cozinheira da fazenda, e a nossa cabana servia de cozinha. De janellas nem signal; apenas aberturas que davam passagem á luz e ao vento glacial do inverno. Havia também uma porta, ou qualquer coisa com este nome, mas era pequena, e os gonzos desarranjados, as grandes fendas que a rasgavam, faziam que a gente vivesse muito mal. Num canto, á direita, existia no muro o *buraco dos gatos*, rombo quadrado commum nas habitações da Virginia antes da guerra. Tinha de sete a oito pollegadas, e por elle o gato entrava e sahia durante a noite. Isso ali era perfeitamente dispensavel, pois havia nas paredes pelo menos meia

duzia de lugares por onde o gato podia passar. A casa não tinha soalho; só a terra dura. No centro, uma cova profunda onde se guardavam batatas no inverno. Lembro-me disso muito bem: quando mettiam batatas no buraco ou quando as retiravam, eu conseguia ás vezes passar os gadanhos em algumas, assava-as na cinza e regalava-me. Como não existia fogão, minha mãe cozinhava para os brancos e para os escravos em panellas e tachos, sobre trempes. Naquelle cabana mal construida o frio era duro no inverno, mas o calor do fogo era horrivel no verão.

Os primeiros annos da minha infancia correram como os de milhares de outros escravos. Minha mãe, é claro, só podia dedicar pouco tempo aos filhos: roubava para nós alguns intantes da manhã, antes de começar a tarefa, outros da tarde, quando o trabalho findava. Numa das minhas recordações mais antigas, vejo-a cozinhando um frango alta noite e accordando os filhos para comel-o. De que modo ella achara o frango, e onde achara, não sei, mas presumo que elle vinha do gallinheiro do proprietario. Ha quem diga que isso é furto, penso que agora é furto; mas a coisa se passava naquelle tempo, e ninguem me prova que, procurando um meio de alimentar-nos, minha mãe commettesse um crime.

Não me lembro de ter dormido em cama antes da alforria da minha familia. Eramos tres moleques: João, o mais velho, Amanda e eu. Dormiamos no chão, numa esteira, enrolados em farrapos sujos.

Pediram-me ha tempo que falasse das minhas brincadeiras infantis; nunca, porém, até o dia em que me tocaram nisso, me havia passado pela cabeça a idéa de que um minuto da minha vida se tivesse gasto com brinquedos. Desde que me entendo, executo quasi todos os dias algum trabalho. Parece-me, entretanto, que seria hoje um sujeito mais util se tivesse tido tempo de brincar.

Quando era escravo, muito novo ainda, não servia para grande coisa. Apesar disso empregavam-me em varrer o pateo, carregar agua para os homens do campo ou levar trigo ao moinho, uma vez por semana, serviço terrivel, o peor de todos. O moinho ficava cerca de uma legua da fazenda. O pesado sacco arrumava-se nas costas do cavallo, de sorte que fosse parte igual de trigo para cada lado, mas de ordinario os grãos se deslocavam, o equilibrio se rompia, a carga ia abaixo — e eu com ella. Não tinha força para tornar a carregar o animal, ás vezes ficava horas esperando que um transeunte me livrasse da difficuldade. E chorava, tremia de medo, porque, perdendo tanto tempo, chegaria tarde ao moinho. Quando acabassem

de moer o trigo, seria noite, eu voltaria para casa no escuro. O caminho atravessava bosques cerrados — e corria que no mato fervilhavam desertores, que os desertores, encontrando um moleque sózinho, cortavam as orelhas d'elle. Alem disso brigavam commigo quando eu voltava tarde, ou davam-me uma surra.

Sendo escravo, não recebi nenhuma instrucção. Fui muitas vezes até a porta da escola, carregando os livros duma das pequenas donas da gente — e algumas duzias de meninas e meninos numa classe, estudando, muito me impressionaram: aquillo era um céo.

Um dia, muito cedo, accordei vendo minha mãe inclinada sobre nós a rezar, pedindo a Deus que as forças de Lincoln triumphassem e nos dessem a liberdade. Ahi percebi que viviamos na escravidão, mas que isto não era mal sem remedio.

Nunca pude saber como os pretos do Sul, ignorantes quasi todos em livros e jornaes, conheciam tão bem as grandes questões que agitavam o paiz. Desde o tempo em que Garrison, Lovejoy e outros começavam a campanha abolicionista, os escravos seguiam de perto os progressos do movimento. No começo da guerra civil eu era menino, mas lembro-me de varias discussões cochichadas á noite entre minha mãe e outros escravos da fazenda.

Essas conversas mostravam que elles, reunindo os boatos, comprehendiam a situação, estavam a par dos acontecimentos. Da primeira vez em que Lincoln foi candidato á presidencia da Republica, todos os debates se divulgavam na fazenda, muitas leguas distante de linha ferrea, cidade ou jornal. Durante a guerra nenhum escravo lá ignorava que, embora houvesse outros negocios em jogo, o principal era a escravidão. Até nas roças mais afastadas, as pessoas mais brancas da minha raça sabiam perfeitamente que, se os exercitos do Norte vencessem, os pretos se libertariam. Commentavam-se com o mais vivo interesse as victorias das forças federaes e as derrotas das confederadas; muitas vezes os escravos se informavam das batalhas antes dos brancos.

As noticias eram geralmente colhidas pelo negro que ia ao correio buscar a correspondencia. A nossa agencia postal ficava a uma legua da fazenda, e a correspondencia vinha uma ou duas vezes por semana. O homem que se encarregava de trazel-a tinha o costume de vagar longamente em redor da agencia, para escutar as conversas dos brancos que ali se agrupavam, discutindo as noticias chegadas nas cartas. De volta, espalhava essas noticias entre os escravos, que se inteiravam ás vezes de factos consideraveis antes dos brancos da casa grande, a habitação do senhor.

Não me lembro de, menino ou rapaz, ter visto minha familia sentar-se á mesa, rezar e comer civilizadamente. Nas fazendas da Virginia as crianças arranjavam comida pouco mais ou menos como os animaes, um pedaço de pão aqui, um bocado de carne ali, ás vezes uma chicara de leite, algumas batatas. Acontecia certos membros da familia comerem na panella, enquanto outros se serviam com os dedos em pratos de folha postos em cima dos joelhos. Quando fiquei um pouco taludo, chamaram-me á casa grande para, nas horas das refeições, enxotar as moscas das mesas com uns leques de papel que se moviam por meio de roldanas. Naturalmente a maior parte da conversa dos brancos rolava sobre a liberdade e a guerra. Eu não perdia uma palavra. Vejo ainda uma das minhas jovens senhoras comendo bolos em companhia de algumas damas que a visitavam. Era isso o meu maior desejo: parecia-me que, se chegasse a libertar-me, seria completamente feliz enchendo-me de bolos como aquellas moças.

Á medida que a guerra se prolongava os viveres escasseavam. Com certeza os brancos sentiam as privações mais que os negros: pão de frumento e carne de porco a fazenda produzia, mas café, chá, assucar, não se cultivavam e era impossivel obtel-os, por causa da guerra. Os brancos se atrapalhavam: fazia-se café com trigo torrado, e uma espe-

cie de melação escuro substituiu o assucar. Com-mummente não se adoçava aquelle arremedo de chá ou café.

Os primeiros sapatos que usei eram de pau. Um pedaço de couro grosso em cima, solas de meia pollegada, e de pau. Quando eu andava, faziam um barulho dos diabos; além disso eram incommo-dos, não havia meio de calçal-os direito. Esses ta-mancos nos davam um ar confuso e ridiculo.

Mas a prova mais dura que aguentei como es-cravo foi vestir a camisa. Naquelle parte da Vir-ginia os pretos se vestiam com um panno ordina-rio, de linho de refugo, naturalmente o mais gros-seiro e barato. Peor que aquillo só a extracção de um dente. Era uma tortura medonha, qualquer coisa semelhante aos arranhõss produzidos por du-zias de espinhos, por centenas de pontas de alfine-tes. Ainda me recordo perfeitamente daquelle hor-ror. Não podia livrar-me, e por desgraça a minha pelle era sensível demais. Se então me fosse possi-vel escolher entre usar aquelle supplicio ou não usar nada, eu teria preferido andar nú. Pois meu irmão João sacrificou-se por mim, fez uma coisa admiravel. Quando me obrigavam a estrear uma camisa, offerencia-se nobremente para vestil-a du-rante alguns dias, até amansal-a. Não conheci ou-tra roupa emquanto fui menino.

Como grande numero de brancos combatia numa guerra que teria como resultado a sujeição do preto, caso o Sul triumphasse, julgarão talvez que a minha raça nutria sentimentos de animadversão contra os seus dominadores. Entre os negros da nossa fazenda isso não se dava, e tambem não se dava na massa da população do Sul, onde quer que o escravo tivesse um tratamento razoavel. Na guerra civil um dos moços da casa grande morreu e dois foram gravemente feridos. Recordo-me da tristeza que os pretos manifestaram quando souberam da morte do Senhor Billy. E não era uma tristeza fingida, longe disso. Alguns tinham cuidado do Senhor Billy quando elle era pequeno, outros haviam brincado com elle. Senhor Billy intercedera por muitos quando o feitor ou o amo os açoitava. A dor da senzala não era menor que a da casa grande. Á chegada dos rapazes feridos, exprimiam-se de muitas fórmãs e sympathia dos escravos: queriam trata-los, velal-os. Essa bondade, essa ternura da gente submissa vinha da sua natureza generosa. Os brancos andavam na guerra — e os escravos dariam a vida para defender as mulheres e as crianças da fazenda. O que pernoitava na casa grande, na ausencia dos homens, occupava um lugar de honra: teria de passar por cima d'elle quem pretendesse tocar na sinhá moça ou na sinhá dona.

Não sei se já notaram, mas hão de admittir, creio eu, que raramente um homem de minha raça, livre ou captivo, abusou da confiança depositada nelle. Podemos dizer que, de modo geral, no correr da guerra os escravos não tinham resentimento contra os brancos. Citam-se até numerosos exemplos de negros que sustentaram senhores arruinados. Sei de antigos proprietarios salvos da miseria graças ao dinheiro enviado, annos a fio, pelos escravos. Tambem me disseram que pretos velhos contribuíram para a educação dos descendentes dos seus amos. Aqui vai um caso. Certo moço de familia deu para beber, bebeu tanto que embruteceu e ficou pobre de fazer pena. Pois os negros da fazenda, pobres tambem, aguentam o rapaz ha muitos annos, offerecem-lhe o que elle precisa para viver: café, assucar, um pedaço de carne. Tudo quanto possuem é pouco para o filho do velho Senhor Tom. O filho do velho Senhor Tom não encolherá a barriga emquanto houver por ali quem, de perto ou de longe, tenha conhecido Senhor Tom.

Affirmei que uma pessoa da minha raça de ordinario não trahia. Em uma cidadezinha do estado de Ohio vi ha tempo um velho escravo que, dois ou tres annos antes da abolição, tinha deixado o senhor, promettendo-lhe pagar um tanto por anno, até resgatar-se. Achando bons salarios em

Ohio, lá ficou. Quando a liberdade veio, devia ainda uns trezentos dollars daquelle negocio. Está claro que não devia nada, mas foi á Virginia, a pé, e entregou ao antigo proprietario o dinheiro todo e mais os juros. Contando-me essa historia, o homem me declarou saber que não estava obrigado a pagar semelhante divida, mas que, tendo dado a sua palavra, era necessario cumpril-a. Não enganava ninguem. E não se considerava livre emquanto não tivesse pago. Concluirão talvez que os escravos não aspirassem á liberdade. Não é exacto: nunca vi um que não quizesse ser livre ou que desejasse voltar ao captivo.

Lastimo sinceramente a nação ou o grupo de individuos infelizes, presos na engrenagem da escravidão, mas já não tenho odio aos brancos do Sul que nos mantinham captivos. Não é possivel pretender que uma região seja mais responsavel que outra por aquella desgraça, aliás reconhecida e amparada muitos annos pelo governo federal. Entrando na vida economica e social da Republica, essa instituição difficilmente seria extirpada.

Por outro lado, se nos desembaraçarmos de parcialidade e preconceitos de raça e olharmos as coisas de perto, reconheceremos que, apesar da crueldade e da injustiça que aqui existiam, os dez milhões de negros educados na escola da escravidão

americana estão em melhores condições, material, intellectual, moral e religiosamente, que os do resto do mundo. Tanto isto é verdade que os negros deste paiz, criados no captiveiro, voltam frequentemente á Africa na qualidade de missionarios, para instruir os que ficaram na antiga patria. Longe de mim a idéa de justificar a escravidão. Sei que ella foi introduzida na America por motivos egoistas e não com um fim humanitario, mas julgo que muitas vezes a Providencia utiliza os homens e as instituições para realizar os seus designios.

Aos que me perguntam como, nas situações aparentemente desesperadas em que não raro nos achamos, posso ter confiança no futuro da minha raça neste paiz, lembro as vicissitudes por que passámos e de que sabemos. Desde que cheguei á idade de reflectir nessas coisas, penso que, não obstante os males terriveis de que foi victima, o preto ganhou com a escravidão quasi tanto quanto o branco. E' certo que apenas o negro sentia as consequencias funestas, coisa que se notava claramente em nossa fazenda. Todo o systema da escravidão era concebido de fórma que, em regra, se julgava o trabalho coisa degradante. Em consequencia, as duas raças juntas numa fazenda procuravam livrar-se delle.

Não ha duvida de que, no lugar onde nasci, a escravidão fez a raça branca tornar-se irresoluta, perder a confiança em si mesma. Meu velho senhor

tinha muitos filhos e filhas. Que eu saiba, nenhum escolheu uma profissão, nenhum se dedicou a qualquer industria rendosa. As moças não entendiam de costura, de cozinha, de qualquer trabalho domestico. Os escravos se encarregavam de tudo, mas não tinham interesse na fazenda, e a ignorancia os impedia de fazer qualquer coisa com geito. Por isso as cercas se estragavam, as portas rangiam ou sahiam dos gonzos, os vidros se quebravam, o reboco não se concertava, o pateo se cobria de hervas. De ordinario havia uma comida especial para os negros, outra para os brancos. Na mesa dos senhores, porém, faltava essa delicadeza, esse cuidado minucioso que torna o lar inglez o mais confortavel, o mais agradavel, o mais attrahente dos lugares. Esbanjavam-se alem disso, de maneira insensata, os alimentos e outros objectos.

Libertando-se, o escravo se achava tão preparado quanto o seu amo para começar um novo genero de vida, menos na parte relativa á instrucção e ao exercicio da propriedade. O antigo senhor e seus filhos, sem profissão, estavam imbuidos da idéa de que o trabalho manual não havia sido feito para elles. Com os escravos dava-se o contrario: tinham aprendido algum officio e nenhum se envergonhava de trabalhar.

Emfim a guerra terminou e veio o dia grande, um dia memoravel e cheio de incidentes. A liber-

dade, longamente esperada, estava no ar. Fazia mezes que os desertores voltavam para casa; militares despedidos, ou de regimentos licenciados sob palavra, passavam constantemente por nós. Os boatos funcionavam dia e noite, noticias e rumores de acontecimentos notaveis iam rapidos de fazenda a fazenda. A baixella e outros objectos de valor foram retirados da casa grande, enterrados no bosque e guardados por escravos de confiança. Ai de quem tentasse mexer no thesouro escondido! Os pretos dariam tudo aos soldados yankees; comida, bebida, roupa, tudo, mas não a baixella de prata.

Á medida que se approximava a libertação, os cantos na senzala se tornaram mais numerosos que de ordinario: mais fortes, mais seguros, entravam pela noite. Muitas palavras desses cantos encerravam allusões á liberdade. Sem duvida todos haviam cantado essas mesmas palavras antes, mas tinham o cuidado de explicar que a liberdade de que se tratava era no outro mundo, não tinha nada com esta vida. Agora tiravam a mascara e não temiam declarar que a liberdade, em seus cantos, significava a do negro na terra.

Espalhou-se uma noite na senzala que no dia seguinte pela manhã haveria um acontecimento extraordinario na casa grande. A excitação foi enorme, creio que ninguem dormiu direito. No outro

dia cedo mandaram chamar todos os escravos, moços e velhos, á residencia do senhor. Lá fui com minha mãe, meu irmão, minha irmã e mais negros em multidão. A familia branca estava reunida na varanda, uns em pé, outros sentados, de modo que podiamos ver e ouvir bem. Havia nos rostos uma expressão de interesse sincero, talvez de tristeza, mas não de azedume. Recordando-me agora da impressão que experimentei, julgo que aquellas pessoas sentiam menos a perda duma propriedade que a ausencia dos que ali se tinham criado e a que se ligavam por tantos laços. Lembro-me perfeitamente de que um desconhecido, provavelmente funcionario, fez um pequeno discurso e leu extenso documento, a proclamação da liberdade, creio eu. Finda a leitura, disseram-nos que estavamos livres, que tinhamos o direito de ir para onde quizessemos e quando quizessemos. Minha mãe, chorando de alegria, inclinou-se e beijou-nos, confessou que nas suas rezas pedira aquillo, receando que a graça viesse tarde, não a encontrasse viva.

Nos primeiros momentos houve um regozijo doido, agradecimentos, manifestações de entusiasmo frenetico. E em tudo isso nenhum signal de animosidade para com os antigos senhores. Os escravos estavam commovidos e tinham pena delles.

A alegria excessiva dos negros emancipados só durou um instante: de volta á senzala, percebi que

já havia nelles uma certa mudança. Jogados ao mundo com os filhos, precisando resguardar-se e resguardal-os, temiam responsabilidades e inquietavam-se. Eram como crianças de dez ou doze annos obrigadas, sem auxilio, a tomar decisões. Em algumas horas tinham abarcado problemas serios que a raça anglo-saxã resolvera em seculos: o domicilio, uma profissão, a educação dos filhos e emfim deveres sociaes, a necessidade de fundar uma igreja e mantel-a. Não admira, pois, que em pouco tempo os gritos de alegria morressem na senzala e viesse um abatimento profundo. A liberdade, agora adquirida, era coisa muito mais grave que o que tinham pensado. Havia escravos de setenta, de oitenta annos, e esses, coitados, ainda que achassem outra moradia, não tinham força para nenhum trabalho nem podiam viver fóra d'ali, com amos novos. Para elles a liberdade era um peso.

Alem d'isso uma extravagancia enchia os corações, um extranho apego ao senhor velho, á sinhá dona, aos meninos, e contra semelhante fraqueza ninguem se podia defender. Tinham passado juntos meio seculo, era difficil a separação. E, ás escondidas, os negros velhos deixavam a senzala, iam á casa grande conversar em segredo com o senhor velho a respeito do futuro.

CAPITULO II

MINHA INFANCIA

Duas coisas os pretos acharam que deviam fazer depois da abolição: mudar o nome e, pelo menos durante alguns dias ou semanas, deixar a fazenda, para se convencerem de que estavam realmente em liberdade. Por isto ou por aquillo, chegaram á conclusão de que não deviam conservar o nome do antigo proprietario. E, primeira manifestação de independencia, muitos o abandonaram. Um escravo chamava-se, por exemplo, João ou Maria, simplesmente; nenhum acrescimo. Se João pertencia ao branco Hatcher, ficava sendo João Hatcher ou o João de Hatcher, designações evidentemente desagradaveis a um homem livre. João Hatcher se transformou em João S. Lincoln ou João S. Sherman. A letra *S* não era inicial dum nome, não tinha significação, mas o preto se orgulhava della.

Quasi todos deixaram, pois, a fazenda, certificaram-se de que tinham o direito de andar por fóra e sentiram o gosto da liberdade. Depois de algum

tempo, muitos dos mais velhos tornaram ás antigas moradas e fizeram uma especie de contracto com os senhores, que os conservaram.

Minha mãe tinha um dono e o marido tinha outro. Esse marido, padrasto de João e meu, raro se mostrava na fazenda — apparecia uma vez por anno, creio eu, nas proximidades do Natal. Fugira na guerra civil, acompanhara o exercito federal, que o arrastara a Kanawha Valley, no Estado novo da Virginia Occidental, para onde minha mãe foi tambem, depois da abolição.

Atravessar nesse tempo as montanhas da Virginia e chegar á Virginia Occidental era empresa difficil. Puzeram numa carroça alguma roupa e os trastes que possuamos, mas as crianças fizeram a pé grande parte da viagem, centenas de leguas.

Nunca nos tinhamos afastado muito da fazenda — e, partindo para aquella aventura, despedimo-nos com tristeza dos nossos companheiros e dos velhos amos. Desde então ficámos em correspondencia com as pessoas mais idosas da familia dos brancos, e quando estas desappareceram, continuámos as nossas relações com as mais novas.

A viagem durou muitas semanas e quasi sempre dormimos ao relento, junto ao fogo que nos servia para preparar a comida. Certa noite descansámos numa cabana deserta. Minha mãe accendeu

lenha para a ceia, mas, antes de estender a enxerga no chão, uma enorme serpente negra, de metro e meio de comprimento, sahiu do fogão e nos afugentou.

Chegámos enfim ao nosso destino, uma cidadezinha chamada Malden, a legua e meia de Charleston, hoje capital do Estado. A riqueza dessa parte da Virginia eram as minas de sal, e muitos fornos rodeavam Malden. Meu padrasto, que já tinha achado trabalho em um delles, conseguiu para nós uma cabana semelhante á que tínhamos deixado na fazenda. Realmente era um pouco peor. A nossa velha casa se achava de facto horripelmente estragada, mas pelo menos lá respiravamos ar puro, e essa de agora estava mettida numa embrulhada compacta de habitações. Como não havia regulamentos sanitarios, a immundicie nos arredores era insupportavel.

Na vizinhança havia negros e brancos, brancos da especie mais baixa, pobres em demasia, ignorantes, abjectos. Multidão extravagante. Bebedeira, jogos, brigas, safadezas, constituíam a occupação ordinaria dessas criaturas.

Todos os que viviam na cidade ligavam-se, de um ou de outro modo, ás minas de sal. Apesar de muito novo, empreguei-me com meu irmão em uma das usinas, onde muitas vezes fui obrigado a tra-

balhar ás quatro horas da manhã. Foi ahi que me iniciei nos conhecimentos scientificos. Cada homem da embalagem tinha os seus toneis marcados com um numero. O de meu padrasto era 18. No fim de um dia de trabalho o capataz vinha escrever sobre os nossos toneis esse numero, que afinal se tornou meu conhecido; acabei por saber reproduzilo, embora ignorasse todos os outros signaes, algarismos ou letras.

Muito cedo me veio um forte desejo de aprender leitura. Pensei que, se nada conseguisse na vida, isso me daria pelo menos a satisfação de ler jornaes e livros ordinarios. Apenas installados em nossa cabana da Virginia Occidental, pedi a minha mãe que me arranjasse um livro. De que fórma ella o achou e onde achou não sei, mas a verdade é que me trouxe um livrinho antigo de Webster, um folheto de capa azul que encerrava o alphabeto e syllabas sem sentido, como ab, ba, ca, da. Comecei a devorar essa brochura, a primeira que me cahiu nas mãos. Tinham-me dito que era preciso conhecer o abecedario, e esforcei-me tenazmente por aprendel-o, sem mestre. Nesse tempo não existia por ali um negro que soubesse ler, e eu era timido, não me aventurava a falar com os brancos. Em algumas semanas pude, entretanto, distinguir muitas letras. Minha mãe participava das minhas ambições e auxiliava-me com vontade. Em sciencia es-

cripta era duma ignorancia completa, mas desejava muito para os filhos, tinha um grosso bom senso que lhe permittia livrar-se honrosamente de situações embaraçosas. Se fiz na vida qualquer coisa util, certamente devo isto a aptidões herdadas de minha mãe.

Por essa epocha, emquanto me estafava para instruir-me, chegou a Malden um negro moço de Ohio que sabia ler. Quando perceberam isso, procuraram um jornal, e, no fim do trabalho diario, homens e mulheres impacientes de ouvir noticias cercavam o rapaz. Eu invejava esse moço, a criatura mais digna de ser invejada no mundo, a que devia estar mais contente com a sua sorte.

Começavam então a tratar duma escola para meninos negros, a primeira que se ia fundar naquella parte da Virginia, e toda a gente se interessou por esse acontecimento notavel. Difficil era achar um mestre. Pensaram no rapaz de Ohio, o que lia jornaes, mas esse ainda não tinha idade para o cargo. Nesse ponto correu que outro negro de Ohio, antigo soldado, regularmente instruido, vivia na cidade. Convidaram-no. E como a escola era particular, cada familia consentiu em pagar-lhe um tanto por mez e hospedal-o: o mestre ficaria com todas, dia aqui, dia ali. Não era mau negocio para elle, pois quando entrava numa casa, punham na mesa o que havia de melhor. Em nossa

pequena cabana, eu esperava sempre com impaciencia o *dia do mestre*.

Esse facto, uma raça inteira de repente marchando para a escola, é um dos phenomenos mais curiosos que já se observaram. Só as pessoas que viveram entre homens de côr podem ter idéa do enthusiasmo que elles manifestaram para instruir-se. Poucos se julgaram moços e nenhum se considerou velho demais para aprender: desde que tiveram mestre, encheram, não sómente as classes do dia, mas tambem as nocturnas. Os velhos ambicionavam ler a Biblia antes de morrer, e por isso era commum vermos á noite homens e mulheres estudando, gente de cincoenta, sessenta, até de setenta annos. Havia tambem aulas dominicaes, em que se ensinava principalmente o abecedario, e todas se enchiam, dia e noite; muitas vezes era preciso despedir alumnos por falta de lugares.

Pouco depois de estabelecida a escola, tive uma decepção, a maior que já experimentei. Fazia alguns mezes que eu trabalhava no sal, começava a ganhar algum dinheiro — e meu padrasto declarou que era impossivel dispensar-me. Esta decisão arruinou-me todos os projectos; o meu desgosto foi enorme, tanto mais quanto do lugar onde trabalhava via sempre, de manhã e de tarde, meninos passarem felizes para a escola. Apesar de tudo re-

solvi aprender qualquer coisa e procurei furiosamente adivinhar o alphabeto no livro de capa azul. Minha mãe soffreu commigo, consolou-me de todos os modos e ajudou-me a achar o que me era necessario. Entendi-me afinal com o mestre, que me veio dar licções á noite, depois do trabalho. Fiquei tão alegre com isso que acredito haver ganho mais á noite que os que tinham o dia inteiro. O que então obtive serviu-me de estímulo mais tarde, em Hampton e Tuskegee, para o estabelecimento de cursos nocturnos. Mas no meu coração de criança eu nutria o desejo de estudar como os outros e nunca deixei de, por todos os meios, advogar a minha pretensão. Afinal venci: permittiram-me ir á escola diurna, durante alguns mezes, com a condição de me levantar muito cedo, trabalhar na usina até nove horas da manhã e voltar á tarde para mais duas horas de serviço.

A escola ficava um pouco longe da usina; e como eu só podia sahir ás nove horas, precisamente quando as aulas se abriam, a minha situação era desagradavel: chegava sempre depois de começadas as licções, ás vezes depois de terminadas. Para sahir do embaraço, pratiquei um acto que os leitores certamente condemnarão. Conto-o porque é um facto: confio muito no poder dos factos. Em geral é inutil esconder as coisas. Havia no pequeno escriptorio da usina um relógio que regulava o tra-

balho de mais de cem operarios. Imaginei que não me seria difficil chegar cedo a escola: bastava levar o ponteiro de oito e meia a nove horas. E foi o que fiz todas as manhãs, até que o contramestre desconfiou e fechou com chave a caixa do relógio. Na verdade eu não tinha querido causar prejuizo a ninguém: o que desejava era não perder os meus estudos.

Achei-me então a braços com outras difficuldades. A primeira se referia a chapéos. Todos os alumnos usavam chapéos ou casquettes, e eu não possuia nada disso. Sempre tinha andado de cabeça nua, e creio que os individuos que viviam perto de mim tambem nunca haviam julgado necessario cobrir-se. Agora, porém, vendo os meus camaradas cobertos, comecei a atrapalhar-me. E, segundo o costume, narrei o caso a minha mãe, que me disse não ter recurso para comprar-me um chapéo de loja, grande novidade entre moços e velhos da minha raça, mas que arranjaría meio de me satisfazer. Tomou dois pedaços de panno, coseu-os — e tornei-me proprietario da minha primeira casquette, que me encheu de orgulho. Minha mãe deu-me nesse dia uma licção que não esqueci e procuro transmittir aos outros. Recordando esse incidente, alegre-me a idéa de que ella possuia um caracter bastante forte para não cahir nas extravagancias dos que desejam parecer o que não são. Foi por

isso que não comprou o chapéo na loja; não queria enganar os meus companheiros, exhibindo coisa superior ás nossas posses. Acho optimo que ella não se tenha endividado para adquirir um objecto caro. Tive muitos chapéos depois disso, mas nada me agradou tanto como a casquette fabricada com dois pedaços de fazenda por minha mãe. Teuho notado, bem desgostoso, que, entre os meus collegas que principiaram com chapéo de loja e zombavam da minha casquette feita em casa, varios acabaram na cadeia, outros não conseguem obter chapéo de nenhuma especie.

A segunda encrenca seria que me appareceu vinha da necessidade de achar um nome. Desde pequeno eu era Booker, e antes de entrar na escola não me occorreu que outro nome fosse preciso. Quando fizeram a chamada, percebi que os moleques tinham pelo menos dois nomes; havia alguns que usavam tres, luxo excessivo na minha opinião. Fiquei terrivelmente confuso. Chegada a minha vez, surgiu-me uma idéa luminosa, que resolvia o negocio, foi o que me pareceu. O mestre me perguntou os nomes, e eu respondi, firme:

— Booker Washington.

E assim me fiquei chamando. Soube depois que minha mãe me havia dado o appellido de Taliaferro, muito cedo cahido no esquecimento. Logo

que o conheci, retomei-o e comecei a assignar-me: Booker Taliaferro Washington. Julgo que poucos homens neste paiz tiveram o privilegio de escolher um nome de semelhante modo.

Tenho ás vezes tentado imaginar-me um sujeito de boa posição social, com antepassados cheios de honra e gloria que me houvessem transmittido, do escuro dos seculos, nome, fortuna, uma propriedade que me desse orgulho; creio, porém, que se tivesse herdado essas vantagens todas, juntamente com a de pertencer a uma raça estimada, inclinar-me-ia a ceder á tentação de confiar nos avós e na côr da pelle, em vez de fazer pelo meu desenvolvimento pessoal o que fosse necessario. Decidi ha muitos annos deixar a meus filhos, em falta de antepassados, uma lembrança que elles possam guardar com altivez, que os anime a progredir.

E' um erro julgar o negro, especialmente o negro moço, com precipitação e severidade. O rapaz negro lucha com obstaculos, desfallecimentos e tentações que só elle conhece. O moço branco que se mette numa empresa qualquer deve, segundo a opinião geral, sahir-se bem; com o negro se dá o contrario: todos se admiram quando elle não falha. Em resumo, o homem de côr estréa na vida com presumpções contra elle. Comtudo a influencia dos antepassados sobre os individuos, e portanto sobre a raça, tem valor, valor que não se deve exaggerar,

é claro. Os que apregoam a fraqueza moral do negro e comparam o desenvolvimento d'elle ao do branco não levam em conta a força das recordações que ha nas casas das familias antigas.

Já confessei que nunca soube quem era minha avó. Tive e tenho primos, tios e tias, mas não me seria facil dizer onde elles se acham. Aliás o que se dá commigo dá-se com centenas e milhares de negros em todos os cantos do paiz. Só o facto de saber que o infortunio constitue mancha nos annaes duma familia de muitas gerações basta para que o rapaz branco se comporte bem: atraz d'elle e em redor d'elle ha uma linhagem, historia, relações, que o enchem de orgulho e o estimulam a vencer todas as difficuldades.

Alem de me deixarem pouco tempo para a escola, obrigaram-me a faltas constantes. E até isso acabou logo: afastei-me da aula e dediquei-me inteiramente á usina. Voltei aos meus estudos nocturnos. Posso dizer que adquiri á noite, depois de trabalhar o dia inteiro, a maior parte do que sei. Ás vezes era bem difficil achar mestre que prestasse. Um que descobri me causou enorme decepção: percebi que elle não estava muito mais adiantado que eu. Aconteceu-me andar a pé varios kilometros para dar as minhas licções. Apesar de tudo, por triste e desalentadora que tenha sido essa phase da

minha mocidade, nunca esmoreci na resolução de instruir-me, custasse o que custasse.

Pouco depois da nossa chegada á Virginia Occidental, minha mãe, esquecendo a pobreza, adoptou um pequeno orpham a quem demos mais tarde o nome de Jayme B. Washington. Esse moço nunca nos deixou.

Tiraram-me da usina e empregaram-me na mina de carvão que ali se explorava especialmente para alimentar os fornos. Sempre tive medo de carvão: nas horas de serviço a gente se suja em demasia, e é difficil limpar-se depois. Alem disso, para ir da boca da mina ao lugar do trabalho, eu precisava andar cerca de kilometro e meio numa escuridão terrivel. Julgo que em parte nenhuma ha trevas tão medonhas como nas minas de carvão. Essa onde me empreguei estava dividida em grande numero de compartimentos, que nunca pude localizar direito. Muitas vezes me perdi no meio delles. A minha lanterna se apagava, e isto era horrivel: se não tinha phosphoros, caminhava á toa naquella noite profunda, até que apparecesse alguém. O trabalho era duro e perigoso: constantemente nos arriscavamos a voar numa explosão repentina ou a ser esmagados sob um bloco de ardosia. Desastres deste genero se reproduziam constantemente, e a minha inquietação era immensa.

Muitas crianças, e das menores, eram obrigadas a passar grande parte da vida nas minas de carvão, longe de qualquer especie de estudo. Penso que ainda hoje isto acontece, coisa triste, pois tenho muitas vezes notado que, em geral, os rapazes que ali se criam são physica e mentalmente atrophia-dos. Não desejam sahir, não têm nenhuma ambição.

Nesse tempo, e mais tarde, ás vezes me entretinha conjecturando os sentimentos e as aspirações dum rapaz branco absolutamente livre nos seus desejos, capaz de exercer uma actividade enorme. Invejava esse homem que desconhecia obstaculos, podia tornar-se deputado, bispo, governador ou presidente da republica, por ter nascido branco, e tentava imaginar de que modo me comportaria em circumstancias analogas. Via-me no pé da escada e ia subindo, subindo sempre, até o ultimo degrau.

A inveja dos meus annos de mocidade já não existe: aprendi que o exito não se deve medir pela posição que um sujeito alcança na vida, mas pelas difficuldades que precisa vencer para triumphar. Assim, não hesito em declarar que, praticamente, a impopularidade da sua raça deu ao negro vantagens inestimaveis. Por via de regra o homem de côr é obrigado a consumir-se, a esmerar-se no que faz, para que o seu trabalho seja acceto; mas nessa lucta desigual e encarniçada ganha força e confian-

ça em si mesmo, o que não se dá com o branco, habituado a percorrer caminhos agradáveis. De qualquer modo acho bom ser o que sou, um negro. Sempre me desgostou ouvir pessoas que, sem allegar meritos proprios, utilizam direitos, privilegios, distincções, provenientes da côr da pelle. Esses individuos me entristecem, pois estou convencido de que não é o facto de pertencer a uma raça julgada superior que eleva o homem, se elle não tem merecimento, nem o de provir duma raça considerada inferior que prejudicará o que tem valor intrinseco. Todos os seres perseguidos acharão consolações infinitas na grande lei humana, universal e eterna, que faz que o merito, escondido sob qualquer pelle, seja emfim reconhecido e recompensado. Não falo assim com a idéa de merecer a attenção dos outros, mas desejo pôr em evidencia a minha raça, raça de que me orgulho.

CAPITULO III

LUCTA PELA EDUCAÇÃO

Um dia, mourejando na mina de carvão, percebi a conversa de dois mineiros que discutiam a respeito duma grande escola para negros installada num ponto qualquer da Virginia. Até então, relativamente a casas de ensino, eu só tinha ouvido falar em coisas miudas como a que existia na cidade onde moravamos. No escuro, approximei-me dos dois homens. E soube que a escola grande funcionava unicamente para individuos da minha raça, que os estudantes pobres aprendiam lá um officio e podiam pagar com trabalho uma parte da pensão. Isso me pareceu a coisa melhor do mundo; o céu não devia ser mais attrahente que a escola normal e agricola de Hampton, assumpto da conversa dos mineiros.

Logo decidi entrar nesse estabelecimento, apesar de não saber onde elle ficava nem o que devia fazer para chegar lá. Sabia é que precisava ir a Hampton — e este pensamento me atormentou dia e noite.

Continuei a trabalhar no carvão. Passados alguns mezes, porém, ouvi referencia a um emprego em casa do general Luis Ruffner, proprietario do alto forno e da mina. A sra. Viola Ruffner, mulher do general, uma yankee do Vermont, tinha fama de ser dura demais com as pessoas que a serviam, especialmente com os homens. De ordinario ficavam em casa della duas ou tres semanas e sahiam todos contando a mesma historia: não aguentavam o rigor da generala. Apesar de prevenido, resolvi experimentar um serviço que não podia ser peor que a mina. Minha mãe deu os passos necesarios, e empreguei-me com salario bem modesto.

Tanto me impressionava a reputação da sra. Ruffner que tremi quando me achei na sua presença. Mas não tardei em comprehender o que ella desejava. Primeiramente exigia presteza e methodo, queria que tudo estivesse limpo; em segundo lugar não dispensava honestidade e franqueza. Nada de sujeira ou desleixo; as cercas e as portas deviam conservar-se em bom estado.

Antes de me dirigir a Hampton, fiquei uns dez-oito mezes em casa do general — e as lições que ahi recebi foram tão proveitosas como as que me deram depois. Ainda hoje desejo apanhar os papeis velhos que encontro perto das casas ou na rua, varrer os pateos, fincar as estacas soltas das cercas, cair e pintar os muros enxovalhados, chamar

a attenção de alguém para a falta de botões num casaco, para manchas de gordura em roupa ou soalho.

O receio que a sra. Ruffner me inspirava transformou-se em confiança, e afinal considerei-a uma das minhas melhores amigas. Quando percebeu que podia fiar-se em mim, foi uma excellente pessoa. Nos dois invernos que passei em casa della obtive permissão para ir á escola uma hora por dia, durante alguns mezes. Fiz, porém, a maior parte dos meus estudos á noite, sózinho ou auxiliado por mestres eventuaes. A sra. Ruffner interessou-se por mim e approvou, com bondade, os esforços que eu fazia para instruir-me. Em casa della organizei a minha primeira bibliotheca. Arranjei um caixão, tirei-lhe um dos lados, preguei umas taboas dentro e ahi reuni todos os livros que me cahiram nas mãos. Era minha bibliotheca.

Apesar dessas vantagens, não abandonei a idéa de entrar no instituto de Hampton. No outomno de 1872 resolvi esforçar-me para chegar lá, embora ignorasse a direcção que devia seguir e os gastos que a viagem acarretaria. Só minha mãe apoiava a minha ambição, e ella propria, coitada, andava inquieta, receava que me lançasse numa aventura perigosa. Em todo o caso concordou cõmmigo. Meu padrasto e o resto da familia tinham consumido o pouco dinheiro que eu havia ganho, deixando-me apenas alguns dollars, insufficientes para roupas e

outras despesas necessarias. Meu irmão João fez o que pode para ajudar-me e conseguiu pouco, naturalmente, pois ganhava na mina uma insignificancia e quasi tudo ia para o sustento da casa. O que mais me commoveu nesse projecto de viagem foi o interesse que me testemunharam muitos negros velhos. Tinham-se mortificado na escravidão, sem nunca imaginar que um dos seus sahiria de casa para estudar. E as offertas surgiram: moedas de cobre, nickel e prata, lenços.

Afinal veio o dia grande e parti para Hampton. Levava num pequeno sacco alguma roupa que tinha conseguido arranjar. Minha mãe estava de cama, bem doente, e a separação foi dolorosa: receei não tornar a vel-a. Comtudo a pobre mulher conservou a coragem até o fim.

Nesse tempo a Virginia e a Virginia Occidental não estavam ligadas por linha ferrea: fazia-se parte da viagem em trens, parte em diligencias. Entre Malden e Hampton ha umas cento e cinquenta leguas. E logo que me puz a caminho percebi, sem nenhuma sombra de duvida, que o dinheiro se acabaria depressa.

Não esquecerei nunca uma das minhas primeiras decepções. Tinha andado muitas horas na montanha, numa velha diligencia, que á noite parou diante duma casa suja, de apparencia modesta, a que davam o nome de hotel. Todos os viajantes, menos eu, eram brancos. Ignorante, suppuz que o

hotel estivesse ali para acolher os passageiros cansados: não me ocorreu que a côr da pelle tivesse qualquer coisa com isso. Quando todos os viajantes se accommodaram e se dispuzeram a cear, apresentei-me timidamente ao homem do escriptorio. Realmente não possuia com que pagar casa e comida, mas esperava merecer a benevolencia do proprietario, pois não tinha onde abrigar-me e as montanhas da Virginia eram frias. Sem me falar em pagamento, o homem recusou-se a tomar o meu pedido em consideração. E comprehendí o que significava a côr da minha pelle. Apesar de tudo consegui aquecer-me andando nos arredores, onde passei a noite. Tão preocupado me achava com a idéa de alcançar Hampton que nem tive tempo de pensar no hoteleiro.

Finalmente, viajando a pé, em carruagem e em trens, cheguei á cidade de Richmond, na Virginia, pouco mais ou menos a trinta leguas de Hampton. Era alta noite — e sentia-me estafado, esfomeado, sujo. Nunca vira uma cidade grande, e isto me perturbava em demasia. Não tinha um vintem no bolso, um conhecido no lugar, e ignorando os costumes, andava á toa, sem saber para onde ir. Dirigi-me a varias casas, pedindo hospedagem, mas os donos exigiam dinheiro, e era exactamente o que me faltava.

Nada tendo que fazer, passei nas ruas, observei numerosas exposições de comidas onde havia frangos assados e tortas de maçãs em fôrma de meia-lua, coisas que me enchiam a boca d'agua. A tentação era tão grande que eu trocava os sonhos do futuro por uma coxa de frango ou uma torta. Nem frango nem torta, absolutamente nada para comer.

Caminhei até depois de meia-noite. Por fim não pude mais avançar. Estava morto de fome e canção, mas a coragem não me abandonava. De-tive-me num canto de rua, junto a uma calçada muito alta, convenci-me de que ninguem me via e arreei, estirei-me no chão, o sacco de roupa servindo-me de travesseiro. Durante a noite ouvi sempre rumor de passos por cima da minha cabeça.

Levantei-me no dia seguinte um pouco melhor, mas a fome era horrível. Quando a manhã clareou e distingui as coisas em redor, notei que me achava perto dum grande navio donde se descarregava ferro fundido. Apresentei-me ao capitão, pedi-lhe que me deixasse trabalhar na descarga para obter almoço. O capitão, um branco, tinha bom coração e acceitou-me. Trabalhei muitas horas — e a refeição que tomei depois foi a melhor da minha vida. Ficaram satisfeitos commigo e convidaram-me para continuar na descarga com salario pequeno. Fi-

quei ali varios dias. Pago o alimento, não sobrava muito para a somma necessaria á viagem. De-sejando chegar logo ao meu destino, economizei quanto pude. E continuei a dormir na calçada.

Muitos annos mais tarde, os negros de Richmond offereceram-me uma demonstração de amizade. Essa manifestação, em que tomaram parte umas duas mil pessoas, realizou-se perto do lugar onde me alojei — e, devo confessal-o, o meu pensamento fugia da cerimonia cordial, dirigia-se á calçada que me havia abrigado a miseria.

Feitas as economias indispensaveis, agradecei ao capitão do navio e puz-me de novo a caminho. Cheguei a Hampton com alguns nickeis no bolso para começar a minha educação. A viagem longa tinha sido penosa, mas a grande casa de tres andares compensou o que eu havia padecido para vel-a. Se as pessoas que deram dinheiro para levantar aquelle edificio soubessem a impressão que elle produziu em milhares de rapazes como eu, certamente se animariam a recommençar a sua liberalidade. Era o predio mais bello e mais alto que eu tinha visto. Maravilhei-me olhando-o, senti que uma nova existencia ia abrir-se para mim, que a minha vida ia transformar-se completamente. Resolvi não me deter diante de nenhum obstaculo.

Transpuz os portões do estabelecimento, apresentei-me a uma funcionaria e pedi-lhe que designasse a minha classe. Como tinha estado longo tempo sem alimentar-me direito, sem me lavar e sem mudar de roupa, o exterior não me favorecia — e percebi que a mulher hesitava em receber-me. Afinal eu não tinha o direito de queixar-me se me tomavam por mendigo ou vagabundo. Durante algum tempo fiquei ali rondando, procurando a melhor fôrma de mostrar que, apesar de tudo, era digno de interesse. Enquanto esperei, vi diversos rapazes serem admittidos, e isto me embaraçou enormemente, pois me sentia capaz de fazer tanto como os outros, se me dessem oportunidade. Ao cabo de algumas horas a mulher me disse:

— E' preciso varrer a sala aqui ao lado. Tome esta vassoura e despache-se.

Compreendi immediatamente que me havia chegado ocasião de exhibir os meus prestimos. Nunca uma ordem foi executada com tanto zelo. Eu sabia varrer: graças á sra. Ruffner, servia-me proficientemente da vassoura. Varri a sala tres vezes, tomei depois um molambo, esfreguei-a quatro vezes. Rodapés, mesas, carteiras, bancos, foram esfregados e reesfregados. Alem disso desloquei os moveis, limpei os cantos, as bandeiras das portas e das janellas. Parecia-me que, em grande parte, o meu futuro dependia da impressão que a limpeza

produzisse no espirito da mulher. Concluido o trabalho, fui ter com ella. Era yankee e sabia descobrir poeira. Andou pela sala, examinou o soalho e as bandeiras, em seguida tomou o lenço e passou-o nos rodapés, nas paredes, nas mesas e nos bancos. Findou a inspecção e disse calmamente:

— Acho que podemos acceital-o nesta casa.

Considererei-me um dos viventes mais felizes da terra. Meu exame de admissão no collegio consistiu num exercicio de varredela — e nunca estudante de universidade, Harvard ou Yale, teve provas que lhe dessem tanto prazer. Submetti-me depois a numerosos exames, mas aquella foi o melhor de todos.

Eis ahi o que supporteei para entrar no instituto. Difficuldades terriveis. Comtudo centenas de moços, desejosos de instruir-se por qualquer preço, chegavam nesse tempo a Hampton e a outros estabelecimentos depois de viagens semelhantes á minha.

O exame de vassoura aplanou-me o caminho do estudo. Miss Mary F. Mackie, inspectora geral, offereceu-me um lugar de criado, que acceitei com enthusiasmo, porque assim poderia pagar a minha pensão. Trabalho duro, mas perseverei nelle. Devia occupar-me com um grande numero de quartos, ficava accordado até alta noite, erguia-

me ás quatro horas da manhã para accender os fogos e, no meio de tudo, precisava dispor duns minutos para lançar os olhos ás licções. Enquanto vivi em Hampton e depois que de lá sahi, miss Mary F. Mackie conservou-se minha amiga fiel e preciosa: os seus conselhos me deram animo, sustentaram-me nas horas mais tristes.

Referi-me á impressão que o aspecto geral do instituto de Hampton produziu em mim. O que, porém, mais me preocupou ahi foi um homem, o ser mais nobre que já vi: o general Samuel C. Armstrong. Tive a honra de conhecer pessoalmente muitos grandes caracteres, na Europa e na America, e sem hesitação declaro que não encontrei ninguém como o general Armstrong. Eu vinha da escravidão e da mina, estava cheio de influencias ruins, sentia-me degradado — e para mim era privilegio enorme a vizinhança do general. Logo o achei perfeito, junto d'elle eu pensava em qualquer coisa sobrehumana. Encontrei-o no dia da minha chegada. E desde então até a morte d'elle nunca esse homem deixou de crescer aos meus olhos. Tirassem de Hampton as aulas, os professores, tudo quanto ali se ensinava, e deixassem aos alumnos o direito de ouvir o general Armstrong — elles obteriam uma educação liberal. Quanto mais envelheço mais me convenço de que nenhuma educação adquirida em livros e nos mais luxuosos labo-

ratorios iguala a que nos proporciona o contacto dos grandes homens e das grandes mulheres. Em vez de estudarmos constantemente em livros, acho que seria melhor estudarmos os homens e as coisas.

No fim da vida, o general Armstrong passou dois mezes na minha casa de Tuskegee. Estava paralytico: mal podia mexer-se e tinha perdido a fala quasi completamente. Enfermo assim, trabalhava sem descanso, noite e dia, pela causa a que se havia dedicado. Negligenciava os seus interesses, creio que nunca teve um pensamento egoista. Com o mesmo enthusiasmo, trabalhava em Hampton e auxiliava estabelecimentos do Sul. Tinha-se batido contra os sulistas na guerra civil, e entretanto nunca o ouvi dizer sobre elles uma palavra amarga; longe disto: esforçava-se por achar meio de servil-os.

Ninguem imagina cá fóra a auctoridade que o general exercia sobre os estudantes, a confiança que inspirava. Adoravam-no. Difficilmente poderiamos suppor que elle se mettesse numa empresa e falhasse, que pedisse qualquer coisa e os outros não corressem para attendel-o. Quando estava em minha casa, no Alabama, doente que mal se afastava da cadeira de rodas, um dos seus antigos alumnos julgou-se feliz conduzindo-o, com enorme esforço, até o cume duma collina ingreme. Chegando lá em cima, esse homem exclamou, cheio de alegria:

— Que felicidade! Emfim pude fazer alguma coisa pelo general.

Emquanto vivi em Hampton, os dormitórios se encheram a ponto de se tornar difficil conseguir lugar para os que desejavam ser admittidos. O general teve então a idéa de construir tendas que deviam servir de quartos de dormir e deu a entender que ficaria satisfeito se alguns dos antigos fossem passar nellas os mezes de inverno. Quasi todos se offereceram. Fui com elles. O inverno que aguentámos nas tendas, terrivelmente frio, nos incommodou em excesso, mas o general nada percebeu, porque ninguem se queixou. Ficavamos contentes sabendo que aquillo era do seu agrado e que facilitavamos a educação dum grande numero de pessoas. Ás vezes, alta noite, uma rajada soprava forte, a tenda ia pelos ares e ficavamos ao relento. O general tinha o costume de visitar-nos pela manhã — e a sua voz grave e alegre nos dava coragem, fazia tudo esquecermos.

Falei até agora do general Armstrong. Entretanto elle não era unico: pertencia a um exercito de christãos, homens e mulheres que, no fim da guerra, se tinham devotado ao melhoramento dos pretos. Seria difficil achar na historia do mundo pessoas de coração mais elevado e generoso que as que trabalhavam nas escolas negras.

A vida em Hampton era uma surpresa constante para mim, sentia-me transportado a um mundo novo. Comer num prato a horas certas, em mesa com toalha, tomar banho, usar escova de dentes, dormir em cobertores, tudo era novidade. Desses habitos novos o mais precioso que adquiri em Hampton foi o banho, que me pareceu bom como hygiene e bom para fazer o individuo respeitar-se. Nas minhas viagens, depois que deixei a escola, procurei sempre o meu banho diario, ás vezes difficil de obter, sobretudo em casas de negros. Em difficuldades semelhantes, appellei para o riacho da floresta. Nunca me cancei de recommendar aos pretos a installação de banheiros.

Quando entrei no collegio, possuia um par de meias. Lavava-as á noite, pendurava-as junto do fogo e calçava-as pela manhã. De pensão devia pagar dez dollars por mez, parte em dinheiro, parte em trabalho. Ao chegar, dispunha de alguns tostões. Com isso e com os raros dollars que meu irmão conseguia mandar-me, de longe em longe, o pagamento era difficil. Resolvi, pois, tornar-me indispensavel como criado. Sahi-me bem: logo me communicaram que me davam a pensão toda pelo trabalho. Restavam as despesas de estudo, e estas montavam a setenta dollars por anno, somma inatingivel para mim, evidentemente. Sem poder arranjar essa dinheirama toda, ser-me-ia preciso dei-

xar Hampton. Foi o general Armstrong que me salvou: por instancia delle, um dos seus amigos, o sr. S. Griffith Morgan, de New-Bedford, no Massachusetts, consentiu em pagar-me os estudos enquanto eu permanecesse em Hampton. Tive o prazer de conhecê-lo e visitá-lo mais tarde, quando principiei o meu trabalho em Tuskegee.

Outra difficuldade era conseguir livros e roupa. Obtive os livros por emprestimo, de collegas menos pobres que eu. Quanto a roupa só existia a que tinha vindo na pequena mochila de viagem. Isto me inquietava bastante, pois o general revisitava os rapazes para certificar-se de que elles estavam asseados. Era preciso engraxar os sapatos, pregar os botões que se soltavam, não deixar uma nodoa. Ora vestir uma roupa só na cozinha e na classe, conservando-a limpa, é coisa bem difficil. Emfim arranjei-me como pude, até que os professores notaram que eu desejava ir para diante e ofereceram-me roupas usadas, que vinham do Norte, destinadas aos estudantes pobres e de algum merecimento. Essas dadas eram uma fortuna para centenas de rapazes; sem ellas, pergunto a mim mesmo se teria podido continuar os meus estudos.

Eu nunca havia dormido em lençoes. Quando cheguei a Hampton, o estabelecimento se compunha de algumas construcções, onde os alumnos se aper-

tavam. No quarto que me deram havia mais sete pessoas, quasi todas chegadas antes de mim. Os lençoes me atrapalharam. Na primeira noite deitei-me em baixo delles; na segunda noite deitei-me em cima; na terceira observei os meus companheiros, aprendi a maneira de usar os lençoes, tratei de habituar-me e fiz o que pude para transmittir a outros a minha experiencia.

Eu era dos estudantes mais novos. A maior parte se compunha de gente madura, homens feitos e mulheres, alguns de quarenta annos. Acho que poucos individuos terão tido oportunidade de viver no meio de trezentas ou quatrocentas pessoas animadas de enthusiasmo semelhante. Estudavam e trabalhavam o dia inteiro, todos conheciam o mundo e avaliavam a necessidade da instrucção. Alguns, muito velhos para entrar seriamente nos manuaes, faziam esforços terriveis, supprimam pela tenacidade o que lhes faltava em viveza de espirito. Muitos, arrastados como eu, desembrulhando o que havia nos livros, affligiam-se com privações de todo o genero. Varios tinham parentes idosos que dependiam delles. Havia tambem homens casados, e esses precisavam fazer milagre para sustentar as mulheres.

A ambição de todos era o aperfeiçoamento da raça, ninguem pensava em si mesmo. E os mestres,

os melhores do mundo, trabalhavam sem cessar. No dia em que se souber o que os professores yankees fizeram pela educação dos negros depois da guerra, um capítulo novo, impressionante, surgirá na historia deste paiz. Esse dia não está longe. E então o Sul compreenderá o que até hoje tem ignorado.

CAPITULO IV

AUXILIO AOS OUTROS

Uma difficuldade me appareceu depois do meu primeiro anno de estudo. A maior parte dos alumnos passava as ferias em casa. Eu não tinha dinheiro para a viagem, e precisava sahir: prohibia-se naquelle tempo aos alumnos passar as ferias na escola. Senti uma enorme tristeza vendo os preparativos dos collegas. Não podia voltar para casa e não tinha para onde ir.

Possuia um vestuario de segunda mão, ainda bom, adquirido já nem sei como. Decidi vendel-o e offereci-o a diversas pessoas da cidade. Emquanto procurava comprador, tentava, na minha altivez de rapaz, esconder aos camaradas a ausencia de dinheiro. Passados alguns dias, um negro entrou-me no quarto pela manhã, o que me encheu de esperança. Examinou cuidadosamente o fato, detendo-se nas costuras, e perguntou-me quanto queria por elle. Pedi tres dollars, preço que lhe pareceu razoavel.

— Muito bem, declarou o sujeito com a maior naturalidade. Levo a roupa. Dou-lhe cinco tostões agora e o resto vem depois. Está certo?

Imaginem como fiquei. Depois disso vi que era impossível deixar Hampton. Desejava ardentemente ir para algum lugar onde pudesse trabalhar e ganhar qualquer coisa. Professores e alumnos partiram; fiquei só, num immenso desanimo.

Depois de muitas buscas na cidade e nos arredores, empreguei-me num restaurante em Fortress Monroe. Pagavam-me pouco, o necessario para a comida, mas deixavam-me tempo, que utilizei nos estudos e em leituras. Esse verão foi, portanto, proveitoso.

Devia á escola dezeseis dollars que não tinha podido pagar com trabalho. O meu mais vivo desejo era arranjar essa quantia e saldar a conta, uma divida de honra. Nem deveria tornar ao collegio, se não pudesse liquidal-a. Economizei em excesso, lavei, engommei, privei-me das coisas mais necessarias. Comtudo o inverno chegou ao fim e os dezeseis dollars não vieram. Ora um dia, na ultima semana que passei no restaurante, achei no chão uma nota nova de dez dollars, que levei ao proprietario. Este ficou muito satisfeito e me disse tranquillamente que, tendo o dinheiro sido encontrado em sua casa, tinha o direito de guardal-o. E

guardou-o. Devo confessar que experimentei um choque tremendo. Isto, porém, não me desalentou. Olhando para traz na minha vida, não me lembro de, em trabalho que eu tenha decidido realizar, a coragem me haver faltado. Sempre tomei uma resolução com a idéa de que me sahiria bem e nunca supportei os individuos, muito numerosos, que nos annunciam com boas razões o naufragio dos nossos planos. As pessoas que me inspiram respeito são as que nos indicam o meio de triumphar.

No fim da semana apresentei-me ao thesoureiro do instituto de Hampton e expuz francamente a minha situação. Tive a alegria de saber que poderia continuar os estudos: concediam-me credito e não marcavam prazo para a realisação do pagamento.

Retomei, no segundo anno, as minhas funcções de criado. A instrucção obtida em livros é apenas uma parte insignificante do que Hampton me deu. O que me impressionava fortemente era o desinteresse dos professores, aquella extranha abnegação que eu mal podia comprehender. Parecia que elles só pensavam nos outros. Não tardei em perceber que os homens felizes são os que se meam beneficios. Esforcei-me por não esquecer esta verdade.

Considero vantajoso para mim ter-me familiarizado com os animais e haver-me interessado pela

avicultura. Tinhamos aves das melhores variedades. O estudante que se habitua a criá-las não se contenta com variedades mediocres.

No segundo anno comecei a estudar a Biblia seriamente, graças a miss Nathalia Lord, professora de Portland. Foi ella que me ensinou a admirar e amar essa leitura, pelo que ahi se contém de edificação e pelo valor literario. Confesso que nunca havia percebido nada disso. As licções que recebi ficaram profundamente gravadas, e ainda hoje, por muito occupado que esteja, nunca deixo de ler um pedaço da Biblia todos os dias, antes do trabalho.

Se tenho alguma aptidão como orador, devo igualmente parte della a miss Lord. Notando em mim disposições para a tribuna, instruiu-me sobre a maneira de respirar, a intonação, a articulação. Falar por falar nunca me tentou. Para dizer a verdade, acho inutil e vão discutir em publico um assumpto abstracto. Desde a minha infancia desejei fazer alguma coisa pela humanidade — e falar ao mundo a respeito disso. As discussões oratorias que tinhamos em Hampton eram para mim uma fonte de prazer intellectual. Realizavam-se no sabbado á tarde. Assisti a todas, e até organizei uma dessas reuniões. Entre a ceia e o estudo nocturno perdiamos regularmente vinte minutos em conversas futeis. Resolvemos então uti-

lizar esse tempo em discussões — e acho que a applicação desses vinte minutos de folga muito proveito nos deu.

No fim do anno, graças ao dinheiro remettido por minha mãe e por meu irmão e á generosa offer-ta que me fez um mestre, pude passar as ferias em Malden. Ahi chegando, soube que as usinas de sal não funcionavam e a exploração da mina cessara, por causa da greve dos mineiros.

Minha mãe e os outros membros da familia ficaram encantados com o progresso que eu havia conseguido naquelles dois annos de ausencia. A satisfação dos negros da cidade, especialmente dos mais velhos, tocava-me o coração. Fui obrigado a visital-os, sentar-me com elles á mesa e em toda a parte fazer um relatorio da minha vida em Hampton. Alem disso tive necessidade de falar na igreja, diante das crianças da escola dominical, e em outros lugares. O que mais desejava, porém, trabalho, não me appareceu, por causa da greve. Passei quasi um mez procurando um emprego que desse para as despesas da volta e para os primeiros gastos da reinstallação.

Nessa busca permanente, afastei-me um dia de casa. Como de ordinario, nada consegui. Voltei á noite, fatigado em excesso, e a um quarto de legua da cidade não me foi possivel dar mais um passo: recolhi-me, para descansar, numa casa em

ruína que encontrei no campo. Às tres horas da madrugada meu irmão deu commigo ali, despertou-me e communicou-me docemente que nossa mãe tinha morrido. Foi um golpe tremendo. Fazia muitos annos que minha mãe não gozava saude, mas ao deixal-a na vespera nada me fazia suppor que eu fosse encontral-a morta. Sempre tinha desejado estar junto della naquelle terrivel momento. O que mais me estimulava em Hampton era a necessidade de obter uma boa situação que me permitisse dar socego á pobre velha. E a ambição della tinha sido viver bastante para ver os filhos instruidos e collocados.

Com a morte de minha mãe tudo em redor de nós cahiu num estado de confusão extrema. Minha irmã Amanda fazia o possivel para desobrigar-se, mas era ainda muito nova, e meu padrasto não estava em condições de chamar uma empregada. Assim, tinhamos ás vezes alimentos preparados, outras vezes nada tinhamos. Houve dias em que a nossa refeição consistiu numa lata de tomates em conserva e bolachas. Ninguem cuidava das nossas roupas, e na casa havia uma desordem completa. Julgo que foi esse o periodo mais sombrio da minha vida.

A sra. Ruffner, excellente amiga, auxiliou-me de muitas fórmias nesse tempo difficil. Pouco

antes do fim das ferias arranjou-me emprego. Gagnei algum dinheiro na mina de carvão.

Um instante perguntei a mim mesmo se não seria preciso renunciar á idéa de tornar a Hampton. Livrei-me dessas duvidas: não abandonaria sem lucta um projecto que me enchia a vida. Necessitava roupas de inverno; contentei-me com algumas peças que meu irmão adquiriu. Em falta de outras coisas, havia pelo menos o indispensavel para a viagem, e isto me encantava. Chegando a Hampton, ficaria tranquillo: tornar-me-ia necessario no serviço e atravessaria sem difficuldade novo anno de estudo.

De repente uma agradável surpresa me chegou, uma carta em que miss Mary F. Mackie exigia a minha presença na escola quinze dias antes da abertura das aulas, afim de occupar-me da limpeza e dos arranjos necessarios. Isso me encheu as medidas: ia conseguir um credito nos livros do thesoureiro. Parti immediatamente para Hampton.

E ahi chegando, tive longamente diante dos olhos um exemplo que nunca esquecerei. Miss Mackie pertencia a uma das mais antigas e mais distinctas familias do Norte. Apesar disso trabalhou duas semanas junto de mim, limpando janelas, esfregando moveis, arrumando camas. Queria que todas as vidraças estivessem immaculadas —

e não descansava. Eu vivia num assombro: aquella mulher de classe elevada, intelligente e culta, rebaixava-se a trabalhos grosseiros para levantar a raça desgraçada. Desde então me insurgi contra as escolas negras onde não se cultivava a dignidade do trabalho.

Nesse ultimo anno dediquei-me com energia ao estudo: aproveitei todos os minutos que as minhas funções de criado me deixavam. Pretendia fazer exames brilhantes e figurar na lista de honra dos oradores na distribuição dos premios.

Realizei o meu sonho: em Junho de 1875 terminei o curso. Devo o que alcancei primeiramente á influencia do general Armstrong, o character mais vigoroso e nobre que já conheci, em segundo lugar á comprehensão exacta do que significa a instrucção para o homem. No começo eu havia pensado, como os negros em geral, que instrucção queria dizer vida agradável e facil, isenta de qualquer trabalho manual. Em Hampton aprendi que o trabalho, longe de constituir deshonra, deve ser amado e independentemente do que nos offerece em pecunia: deve ser amado pelo bem que nos causa, pela convicção que nos proporciona de podermos ser uteis aos outros. Lá comprehendí o desinteresse. Vi que os homens verdadeiramente felizes são os que se dedicam á felicidade alheia.

Não tinha um tostão no bolso quando terminei os exames. Com diversos estudantes que estavam em situação precaria, sahi em busca de emprego. Colloquei-me como garçon num hotel de verão, no Connecticut. Em pouco tempo notei que não possuia grande habilidade na arte de servir, embora o dono do hotel teimasse em ver em mim um garçon verdadeiro. Logo me confiou a mesa onde comiam quatro ou cinco freguezes ricos. A minha ignorancia era tão grande que esses homens não me aguentaram: reprehenderam-me com dureza, e eu fugi apavorado, abandonei-os diante da mesa vazia. Depois desse procedimento fui retrogradado para a situação de bicho de cozinha. Desejava entretanto ageitar-me no serviço. E tanto fiz que, no fim de algumas semanas, puderam reintegrar-me nas minhas funcções.

Tempo depois, quando entrei a viajar, muitas vezes me hospedei nesse hotel onde fui garçon.

No fim da estação voltei para Malden, e nomearam-me director da escola de negros. Fui quasi feliz. Estava certo de que ia ser util aos homens da minha cidade, mostrando-lhes um ideal de vida. E ao mesmo tempo ensinaria aos moços que não é sómente nos livros que se obtem instrucção.

O meu trabalho começava ás oito horas da manhã e em geral não findava antes das dez da noite. Alem da educação regulamentar que se ministra em

toda a parte, eu acostumava os meus alumnos a pentear os cabellos, tratar da roupa, lavar a cara e as mãos. Inculcava-lhes sobretudo a necessidade do banho e da escova de dentes. Durante a minha carreira de ensino convenci-me de que a escova de dentes é um dos mais poderosos agentes de civilização.

Havia numerosos adultos que, apesar dos trabalhos diarios, ardiam por instruir-se. Por isso tornaram-se necessarias as classes nocturnas, que logo foram tão frequentadas como as outras. Era realmente admiravel o esforço dessas criaturas, algumas de mais de cincoenta annos.

Occupava-me activamente com essas classes. Alem disso fundei um salão de leitura, uma sociedade para debates oratorios e duas escolas dominicaes. Dava tambem licções particulares a varios rapazes que se destinavam a Hampton. Não me preocupava com remuneração, e se podia, auxiliava os mais necessitados que eu. É verdade que o orçamento municipal me concedia uma pequena somma.

Esfalfando-se nas minas para manter a familia, meu irmão tinha-se conservado ignorante. Eu desejava preparal-o e arranjar dinheiro que lhe permittisse a manutenção na escola. Consegui o que esperava. Meu irmão esteve tres annos em Hampton, fez o seu curso — e actualmente é dire-

ctor do ensino profissional no collegio de Tuskegee. Quando elle voltou da escola, reunimos os nossos esforços e as nossas economias para enviar a Hampton nosso irmão adoptivo Jayme. Tivemos bom resultado: Jayme é director duma secção em Tuskegee.

O meu segundo anno de professor em Malden, 1877, não differiu sensivelmente do primeiro. Nesse tempo funcionava com intensidade o Ku Klus Klan, terrivel associação que tinha por objectivo fiscalizar a attitude dos negros, especialmente em materia politica. Assemelhava-se um pouco ás *patrulhas*, de que ouvi contar historias na senzala. As *patrulhas* compunham-se de rapazes brancos que observavam todos os actos dos escravos, prohibiam que elles fizessem meetings, não estando presente pelo menos um branco, e que á noite fossem duma fazenda a outra sem passaporte. O Ku Klux Klan, como as *patrulhas*, operava ás escuras, mas era mais cruel que ellas. Queria destruir qualquer ambição politica no preto, e não se limitava a isto: incendiava escolas e igrejas, martyrizava grande numero de innocentes. Os actos desses bandos de vagabundos produziram no meu espirito de rapaz uma forte impressão. Fui, em Malden, testemunha duma rixa entre brancos e negros. Em cada lado havia bem um cento de homens. Muitos ficaram gravemente feridos, entre

elles o general Luis Ruffner, marido de minha amiga a sra. Viola Ruffner. O general quiz defender os negros e foi atirado ao chão, recebeu feridas de que nunca se curou completamente. O espectáculo dessa lucta roubou-me toda a esperança no futuro da minha raça na America. Foram dias medonhos.

Se me refiro a esse episodio triste, é apenas com o fim de mostrar a mudança que se operou no Sul desde o tempo do Ku Klux Klan. Essa horrivel associação desappareceu, até o nome della está hoje esquecido. Em poucos lugares do Sul o espirito publico supportaria agora a existencia de semelhante organização.

CAPITULO V

O DESPERTAR

O espaço que vai de 1867 a 1878 pode ser considerado, segundo julgo, o periodo em que a raça começou a levantar-se. Comprehende o tempo em que fui estudante em Hampton e director da escola na Virginia Occidental. Duas idéas principaes dominavam então a maior parte dos negros: admiravam excessivamente o grego e o latim e ambicionavam tornar-se funcionarios.

É claro que um povo durante seculos mantido na escravidão e no paganismo não podia conceber repentinamente a educação. Nesse tempo, nos Estados do Sul, as escolas se enchiam de alumnos de todas as condições, alguns de sessenta e setenta annos. Disposições muito louvaveis, sem duvida, mas desgraçadamente quasi todos pensavam que, obtendo um pouco de instrução, ficariam livres das maçadas deste mundo ou, pelo menos, das canceiras do trabalho manual. Estavam certos de que saber, embora pela rama, grego e latim fazia um sujeito crescer demais. Lembro-me da admiração

enorme que me inspirou o primeiro negro que ouvi arranhar uma lingua estrangeira.

Dos que adquiriam alguma instrucção muitos se tornavam mestre-escolas e pastores. Entre elles havia realmente homens capazes, serios e piedosos, mas o maior numero dedicava-se a essas profissões para ter uma vida facil. Havia professores que apenas sabiam assignar o proprio nome. Nos arredores da nossa cidade um desses procurava lugar. Como alguém lhe perguntasse que iria elle dizer ás crianças a respeito da fórma da terra, o nosso homem respondeu que estava disposto a ensinar que a terra é chata ou redonda, conforme a opinião da maioria dos seus clientes.

Na religião foi uma vergonha, que ainda continua, não obstante a situação haver melhorado, vergonha por causa da ignorancia e tambem por causa da immoralidade dos que se diziam chamados a prégar. Logo depois da abolição, os negros que sabiam ler começaram a receber esses *chamados*, que ordinariamente vinham poucos dias depois de elles deixarem os bancos da escola. Na Virginia Occidental o costume era bem curioso. O individuo interessado recebia a inspiração geralmente na igreja. Cahia no chão, ficava horas extendido, calado, immovel — e corria a noticia de que elle tinha tido um *chamado*. Se o homem não se dava por vencido, cahia duas vezes, tres vezes, até que aca-

bava por ceder. Quando eu era menino e desejava com desespero estudar, atormentava-me o receio de que, satisfeita a minha ambição, um desses *chamados* me apparecesse. Nunca me veio nenhum, não sei porque.

O numero de prégadores, alguns instruidos e muitos ignorantes, era, portanto, elevado. Conheci uma igreja onde havia para duzentas ovelhas dez-oito pastores. Como quer que seja, o nivel intellectual do pastor subiu em numerosas communidades do Sul. E dentro de alguns annos os elementos maus estarão consideravelmente reduzidos. Á medida que os negros se foram incorporando na industria, os *chamados* se tornaram menos frequentes. Quanto ao pessoal do ensino o progresso é ainda mais notavel.

Como crianças dependentes dos paes, os nossos homens tudo esperavam do governo. Natural. Durante mais de dois seculos o paiz se havia enriquecido pelo trabalho do escravo. Não sei porque o governo federal, vendo o sacrificio que faziam os Estados, não tomou, logo depois da libertação, as medidas necessarias para facultar aos negros meios que lhes permittissem cumprir os seus deveres civicos. Emfim não custa censurar. Talvez os governantes daquella epocha fertil em difficuldades não tenham podido fazer o que era preciso. Comtudo, recordando essa primeira phase da nossa

liberdade, lamento não se ter exigido para o exercício do voto um certo grau de instrução, uma certa quantidade de riqueza, ou as duas coisas juntas, condições que seriam impostas honestamente e imparcialmente ás duas raças.

Apesar de novo nesse tempo, eu via muita coisa errada, que não podia durar. Fazia-se com os negros uma politica artificial, baseada em principios falsos. Da ignorancia delles aproveitavam-se os brancos para galgar postos elevados. E havia nos Estados do Norte um partido que, por vingança, forçava os negros a aceitar lugares em que elles se julgavam superiores aos brancos do Sul. Quem aguentaria as consequencias disso? O preto, evidentemente. Por outro lado a agitação politica cegava os homens de côr, desviava-os do que tinha importancia para elles: a aprendizagem dum officio e a aquisição da propriedade.

Nesse momento veio-me a tentação de lançar-me na vida publica, mas livreimei disso ao pensar que me seria possivel realizar tarefa mais util preparando, pela educação intellectual, moral e profissional, uma raça forte. Vi negros funcionarios civis e negros legisladores que não sabiam ler e tinham moralidade e intelligencia bem deficientes. Andando ha tempo numa cidade do Sul, notei que alguns retelhadores no trabalho se dirigiam a um

companheiro dando-lhe o nome de governador. Muitas vezes ouvi gritos:

— Acaba com isso, governador, mais telha. Depressa, governador.

Curioso, pedi informações. E soube que se tratava dum preto que tinha sido governador do seu Estado.

Comtudo nem todos os negros que nessa epocha exerceram funções publicas importantes eram indignos. Alguns, como o senador B. K. Bruce e o governador Pinchback, eram homens honestos e uteis. Mesmo entre os aventureiros do Norte havia pessoas de character, como o governador Bullock, da Georgia.

Certamente os negros, destituídos de experiencia politica, commetteram enormes faltas, o que teria acontecido a qualquer outro povo assim ignorante. Os brancos do Sul continuam persuadidos de que, se se permittisse hoje aos pretos o exercicio de direitos politicos, elles recahiriam nos mesmos erros. Acho que não recahiriam: estão muito mais experientes e mais instruidos que ha trinta e cinco annos e aprenderam á sua custa que não podem privar-se do concurso dos seus vizinhos brancos. Estou certo de que o futuro politico do negro estará garantido quando os Estados que acharem conveniente modificar a sua legislação eleitoral elabora-

rem leis imparciaes que se applicuem igualmente ás duas raças. As minhas observações diarias no Sul convencem-me de que qualquer maneira diferente de proceder seria injusta para com o preto, para com o branco e para com todos os outros Estados da União. Seria, como a escravidão, uma iniquidade.

No outomno de 1878, depois de dois annos de ensino em Malden, onde preparei varios rapazes, varias moças e meus dois irmãos para o instituto de Hampton, resolvi passar alguns mezes em Washington, D. C., afim de proseguir nos meus estudos. Fiquei lá oito mezes, largamente aproveitados pelo que aprendi e pelo conhecimento que travei com alguns homens e mulheres de caracter rijo. Não se ministrava nessa instituição nenhum ensino profissional, coisa que a differençava muito de Hampton, onde grande parte do tempo se gastava nessa instrucção. Em Washington os alumnos viviam folgadamente, vestiam á moda e ás vezes mostravam intelligencia brilhante. Pela organização de Hampton, rapazes e moças podiam fazer bons estudos á custa de alguma pessoa que a administração descobria, mas eram obrigados a pagar pensão, roupa, fornecimentos, morada, e isto se fazia com dinheiro ou com serviço. Os estudantes de Washington dispunham de recursos, os de Hampton precisavam dedicar-se ao trabalho manual, o

que era muito importante para a formação do character. Pareceu-me que os rapazes de Washington não eram muito solidos nem muito independentes e se preocupavam demais com as apparencias. No fim dos estudos estavam intimos do latim e do grego, mas desconheciam as verdadeiras exigencias da vida que iam encontrar mais tarde lá fóra. Depois de alguns annos de conforto, difficilmente voltariam aos districtos ruraes do Sul, onde a vida não era doce. Preferiam empregar-se como garçons.

Quando morei em Washington, a cidade estava cheia de negros, muitos chegados do Sul. A idéa de que se tinha na capital uma vida facil determinara essa affluencia. Uns haviam conseguido lugares modestos na administração, outros, mais numerosos, esperavam nomeações do governo. Alguns negros, homens de valor, tinham assento na camara dos deputados e um delles, B. K. Bruce, estava no senado. Tudo isso contribuia para fazer de Washington um lugar encantador para os negros, que no districto da Colombia podiam invocar a protecção da lei. As escolas publicas de Washington eram melhores que as do resto do paiz.

Tive a intenção de fazer sobre o meu povo um estudo de costumes, que me pareceu interessante. Se havia uma quantidade razoavel de homens competentes e bons cidadãos, havia tambem grande

numero de individuos futeis e levianos que me inquietavam. Vi negrinhos que ganhavam quatro dollars por semana gastarem metade disto no domingo, rodando em carruagem na avenida de Pennsylvania, bancando millionarios. Outros que recebiam ordenados de setenta a cem dollars estavam encalacrados no fim do mez. E alguns saham do congresso e pouco depois se achavam na miseria. Havia os que depositavam confiança no governo e pretendiam que se criassem cargos especialmente para elles. Nenhuma ambição alem disso.

Desejei muitas vezes ter o poder magico de transportar essa grande massa para o campo, ligal-a ao solo, base immutavel que não engana.

Em Washington conheci jovens lavadeiras que, havendo frequentado as escolas publicas durante seis ou oito annos, tinham a respeito de toilette exigencias absurdas. As necessidades augmentavam e os meios de satisfazel-as continuavam os mesmos. Seis ou oito annos de estudo haviam afastado do trabalho essas raparigas, que muitas vezes acabavam mal. Nada disso aconteceria se lhes tivessem dado na escola, juntamente com a cultura literaria, uma boa educação profissional.

CAPITULO VI

NEGROS E INDIOS

Nessa epocha um serio movimento se operou na Virginia Occidental com o fim de se mudar a capital do Estado, que era Wheeling, para uma cidade mais central. O poder legislativo designou tres localidades, entre ellas Charleston, que ficava a legua e meia de Malden, minha residencia.

Ora os brancos d'ahi, quando voltei de Washington, me fizeram a surpresa de convidar-me para, em discursos, defender os interesses da cidade. Aceitei o convite e falei tres mezes em diferentes lugares. Charleston tornou-se sede do governo. E a reputação que adquiri como orador nessa campanha fez que varias pessoas me aconselhassem a lançar-me na vida publica. Resisti, como já havia resistido, certo de que podia ser mais util aos negros de outra fórma. Achava-me profundamente convencido de que a minha gente necessitava um pouco de instrucção, habilidade industrial e alguma riqueza, coisas mais dignas de esforços que as situações que a politica proporciona.

Quanto a mim parecia-me que, embora me fosse possível abrir caminho na politica, não me devia occupar com ella: a satisfação dum desejo egoista prejudicaria o dever que me havia imposto de trabalhar pela educação do meu povo.

Nesse tempo os negros que estudavam pretendiam tornar-se advogados e deputados, e as negras tencionavam ser professoras de musica. Eu achava que havia coisas mais urgentes que o preparo de advogados, deputados e professoras de musica. E pensava na historia dum preto velho que, no tempo da escravidão, queria aprender a tocar guitarra. Esse preto dirigiu-se a um dos seus senhores, que, tendo confiança diminuta no talento d'elle, tentou dissuadil-o deste modo:

— Tio Jake, você terá licções de guitarra. Cobro-lhe tres dollars pela primeira, dois pela segunda, um pela terceira e meio pela quarta.

— Muito bem, patrão, concordou tio Jake. Está feito o negocio. Mas o senhor não poderia começar pela quarta licção?

Apenas terminada a minha tarefa em defesa de Charleston, recebi uma carta que muito me alegrou. O general Armstrong convidava-me para, na distribuição dos premios, falar em nome dos estudantes diplomados. Eu não sonhava com semelhante honra. Preparei, pois, sobre *a força que tri-*

umpha, o melhor discurso que pude arranjar. Dirigindo-me a Hampton, fiz o mesmo trajecto que havia feito seis annos antes. E, no wagon da estrada de ferro, pensava constantemente nessas duas viagens. Posso dizer, sem receio de mostrar vaidade, que raramente seis annos produziram mudança tão completa na vida dum homem.

Professores e estudantes em Hampton receberam-me de braços abertos. Notei que, depois da minha sahida, o instituto havia progredido muito. Elle não fôra modelado por nenhum outro. Todos os melhoramentos ahi, fructos da excellente direcção do general Armstrong, eram dictados pelas exigencias da hora presente e pelo interesse do publico. Acontece muitas vezes que, civilizando raças atrazadas, missionarios e educadores cedem á tentação de fazer o que se fez em paizes distantes e em tempos distantes: applica-se a individuos differentes o mesmo systema de educação, sem levar em conta o estado intellectual de cada um e o resultado que se deseja obter. Não se deu isso em Hampton.

Toda a gente me prodigalizou felicitações por causa do meu discurso. E acabava de regressar a Malden, para retomar as minhas classes, quando o general Armstrong me chamou novamente a Hampton, onde queria que eu continuasse os meus estudos e me encarregasse duma parte do ensino. Foi

isto no verão de 1879. Pouco depois da minha chegada á Virginia Occidental, eu tinha escolhido quatro alumnos intelligentes, alem de meus dois irmãos, e me havia occupado especialmente com elles. Recebidos em Hampton, tinham entrado nas classes elevadas, e a isto eu devia a honra de ser chamado como professor. Entre esses rapazes que preparei achava-se Samuel E. Courtney, hoje dr. Samuel Courtney, medico muito conhecido, membro do *School board* de Boston.

O general Armstrong desejava experimentar a educação dos indios, coisa que em geral se considerava impossivel. Fez uma tentativa em ponto grande: trouxe do Oeste mais de cem selvagens completamente ignorantes, quasi todos moços. E incumbiu-me de vigial-os, manter a disciplina, examinar-lhes cuidadosamente a roupa e os dormitórios. Era uma boa occupação, mas afastava-me do trabalho a que me sentia fortemente ligado na Virginia Occidental, e isto me desgostava. Comtudo resignei-me, pois nada podia recusar ao general Armstrong. Alojiei-me, pois, em companhia de setenta e cinco indios. Eu era ali o unico representante da minha raça, e pareceu-me no começo que não poderia fazer grande coisa por elles. Sabia que, em regra, os indios se consideravam superiores aos brancos e, com mais forte razão, superiores aos negros, que se tinham submettido á escravidão,

coisa que elles nunca supportariam. Tinham, pelo contrario, possuido escravos no seu territorio.

A idéa de civilizar indios em Hampton foi acolhida com bastante scepticismo. Senti promptamente a minha responsabilidade e achei que devia proceder com circumspecção. Não me custou, porém, ganhar a confiança dos meus indios, e mais que isto, a sua amizade e o seu respeito. Descobri que eram pouco mais ou menos como todas as criaturas humanas, sensiveis á bondade e rebeldes á violencia. Tentaram por todos os meios agradar-me. O que mais os descontentava era a obrigação de cortar os cabellos, não fumar e abandonar os cobertores de lã que lhes serviam de roupa. Mas precisavam conformar-se: o americano de pelle branca só julga civilizado o homem que se vista como elle e se alimente como elle, fale a sua lingua e pratique a sua religião.

Logo que os indios souberam exprimir-se em inglez, aprenderam officios e entraram no estudo facilmente. Commovia-me a satisfação que os negros manifestavam em servil-os. Havia realmente alguns que não os viam com bons olhos, mas eram em numero reduzido. E nunca deixavam de recebê-los como companheiros de quarto quando era preciso, para habitual-os a falar inglez e tomar os costumes de pessoas civilizadas. Não sei quantas instituições de brancos teriam acolhido assim indi-

viduos duma raça extranha. Eu desejaria que os brancos comprehendessem isto: quanto mais uma raça é abjecta e desgraçada mais se elevam aquelles que procuram eleva-la.

Isto me faz pensar numa conversa que tive com Frederico Douglass. Viajava elle em trem na Pensylvania e, por causa da côr, foi obrigado a metter-se num wagon de mercadorias, tendo pago como os outros passageiros. Alguns brancos foram falar com elle, mostrar descontentamento por vel-o degradado.

— Ninguém poderia degradar Frederico Douglass, exclamou o negro erguendo-se da mala que lhe servia de assento. Nenhum homem degrada a alma que está aqui dentro. Degradados estão os que tentaram envergonhar-me infligindo-me esse tratamento.

Numa região onde a lei exige ainda a separação das côres nos trens assisti a uma scena curiosa, pela qual se via que ás vezes é bem difficil estabelecer linha de demarcação entre as duas raças. Tratava-se dum negro, realmente negro, porque os seus o reconheciam como negro, tão branco, porém, que um perito qualquer se enganava com elle. Esse homem viajava no compartimento dos pretos. O conductor descobriu-o e ficou embaraçado: se o sujeito era negro, não podia viajar no wagon dos

brancos; se era branco seria injuria fazer-lhe perguntas a respeito de raça. Examinou-o cuidadosamente, observou-lhe os cabellos, os olhos, o nariz, as mãos — e continuou perplexo. Emfim teve a idéa de baixar-se e olhar os pés da criatura.

— Isto vai decidir a questão, disse commigo.

Realmente, o funcionario afastou-se, deixando o negro em paz, e a minha raça não se desfalcou, o que achei optimo.

Pode-se julgar a distincção dum homem pelas relações que elle mantém com pessoas de raça menos favorecida que a sua. Não seria possivel encontrar melhor exemplo que o do proprietario do Sul que trata com antigos escravos e descendentes de escravos. A anedota attribuida a Jorge Washington é significativa. Conta-se que um dia, tendo elle correspondido á saudação dum negro, alguém considerou isto uma condescendencia inutil.

— O senhor não quereria, disse Washington, que um negro pobre e ignorante fosse mais polido que eu.

As minhas relações com os indios revelaram-me, por varias vezes, as extravagancias originadas pelos preconceitos de raça. Um dos rapazes adoeceu e foi-me necessario leval-o a Washington, adquirir no ministerio do Interior um passaporte que lhe permittisse regressar ao Oeste. Nesse tempo eu

tinha muito pouca pratica dos costumes em voga. No vapor que nos conduzia a Washington, antes de sentar-me á mesa, deixei que os outros passageiros se levantassem. Disseram-me não obstante, muito cortezmente, que só o indio se podia servir. Perguntei a mim mesmo que differença notavam entre nós dois, pois eramos pouco mais ou menos da mesma côr. Em Hampton tinham-me dado o endereço do hotel onde nos deviamos hospedar em Washington. Ahi me fizeram a mesma objecção: só o meu companheiro podia ser recebido.

Assisti mais tarde a um facto semelhante, que ia tendo consequencias desagradaveis. Numa cidade vi o povo mexer-se num assanhamento horri-vel. Temi que fossem lynchar alguém. Dera motivo a essa enorme agitação o apparecimento dum homem escuro que se atrevera a hospedar-se num hotel da localidade. Mas a colera da multidão esmoreceu: o auctor innocente do barulho era marroquino e sabia inglez, lingua que, por prudencia, deixou de falar.

Ao cabo dum anno em meio dos indios, fui chamado para um novo lugar, que julgo um presente da Providencia. Foi ahi que me preparei para a obra de Tuskegee. O general Armstrong havia notado que muitos negros e negras desejavam instruir-se e não podiam entrar no instituto de Hamp-

ton, por falta de recursos. Concebeu então a idéa de fundar uma classe nocturna para um numero pequeno de alumnos, os melhores, moças e rapazes, que deveriam trabalhar dez horas por dia e estudar duas. Receberiam como paga quantia superior ao preço da pensão. A maior parte do salario seria depositada na caixa da escola e serviria, depois de um anno ou dois, para as despesas necessarias quando os estudantes frequentassem as aulas communs. Ganhariam elles e ganharia o instituto.

O general pediu-me que tomasse a direcção dessa classe nocturna. Comecei com uma duzia de rapazes e moças, gente robusta e seria. Os homens trabalhavam na serraria da escola, as mulheres na lavandaria. Serviço bem aspero, mas na minha carreira de professor não tive alumnos que me dessem maior satisfação. Estudavam e cumpriam os seus deveres rigorosamente. Não paravam antes do toque da sineta, e algumas vezes pediam o prolongamento das licções. Mostravam tanto ardor que lhes dei o nome de *classe dos bravos*, expressão que se tornou popular no estabelecimento e ainda hoje permanece. Quando um alumno seguia algum tempo o meu curso nocturno, recebia um certificado que lhe dava muito prazer: “Declaro que F. pertence á *classe dos bravos*, é assiduo, etc.” Esses certificados contribuíram para a reputação que a classe nocturna alcançou.

Em algumas semanas o numero de estudantes elevou-se a vinte e cinco. Entre elles ha alguns que nunca perdi de vista e hoje occupam situações elevadas no Sul. Essa classe nocturna de Hampton, iniciada modestamente com doze pessoas, conta agora trezentos ou quatrocentos alumnos e tornou-se uma das partes essenciaes da instituição.

CAPITULO VII

PRINCIPIOS DE TUSKEGEE

Emquanto me dedicava aos indios e á classe da noite em Hampton, proseguia nos meus estudos sob a direcção de professores especiaes. Um delles, o reverendo dr. H. B. Frissel, é hoje director do instituto de Hampton.

Em Maio de 1881 a occasião me chegou de entrar no meu verdadeiro caminho, e isto de maneira absolutamente inesperada. Uma tarde, na capella, depois do serviço habitual, o general Armstrong me contou que lhe pediam do Alabama alguém com habilitação para dirigir uma escola normal de negros que desejavam fundar na pequena cidade de Tuskegee. Esperavam um branco, naturalmente. Mas o general Armstrong me surprehendeu perguntando se me sentia com força para encarregar-me dessa tarefa. Respondi que estava disposto a sujeitar-me á experiencia. Elle communicou aos interessados que não havia no momento nenhum branco disponivel, mas que, se elles acceitavam um negro, podia recommendar-lhes um. Passaram-se

alguns dias sem resposta; afinal um domingo á tarde chegou um telegramma com estas palavras: "Booker Washington convem. Mande-o immediatamente".

Mestres e alumnos trouxeram-me parabens pelo convite. Parti para Tuskegee. Demorei-me um pouco na Virginia Occidental, onde visitei a minha gente.

Tuskegee era uma cidadezinha de dois mil habitantes, mais de metade pertencentes á raça negra. Situava-se na parte chamada a *Cintura Negra*, onde a população de côr é o triplo da branca, e em alguns lugares, o sextuplo. Acho que a expressão *Cintura Negra* serviu a principio para designar uma região de solo escuro. Effectivamente a terra é negra e muito fertil. Por isso os escravos foram para lá transportados em grande numero. Mais tarde, especialmente depois da guerra, a expressão tomou um sentido exclusivamente politico e applica-se aos Estados onde os negros estão em maioria.

Esperei, chegando em Tuskegee, achar uma escola installada, prompta para funcionar. Imaginem a minha decepção: não encontrei nada. Em compensação havia centenas de criaturas desejosas de instruir-se.

A legua e meia da estrada de ferro, a que se ligava por um ramal, Tuskegee era o ponto ideal

para uma escola. No tempo da escravidão havia sido um centro de educação para os brancos. Realmente achei o nivel intellectual delles mais elevado ahi que em outros lugares. Os pretos eram ignorantes, mas não haviam cahido no vicio e na abjecção, o que se dá nas classes inferiores das grandes cidades. E por felicidade negros e brancos mantinham relações cordiaes. Um exemplo: a maior loja de quinquilharia da cidade tinha dois proprietarios, um branco e um negro, que viveram juntos até a morte deste ultimo.

Um anno antes da minha chegada em Tuskegee, alguns negros, sabendo o que se fazia em Hampton, tinham pedido á assembléa do Estado a quantia necessaria para a fundação duma escola normal. Fôra concedida a somma annual de dois mil dollars, mas este dinheiro, segundo me disseram, só podia ser despendido com ordenados de professores. E nada havia para a compra do terreno, construcção do edificio e installação da escola. A empresa não me parecia facil. O que me consolava era ver negros cheios de entusiasmo, sempre dispostos a offerecer-me os seus serviços para que a idéa não fosse por agua abaixo.

Procurei um lugar conveniente. Depois de percorrer a cidade, o que achei melhor foi uma cabana em ruina, dependencia duma velha igreja methodista que os pretos utilizavam. Igreja e ca-

bana reunidas formaram uma sala de classe, mas tudo ali estava num estrago feio, tão grande que, se chovia, um alumno ficava de pé, com um guarda-chuva aberto por cima da minha cabeça, enquanto durava a lição. Na casa onde me hospedei acontecia o mesmo — guarda-chuva nas horas das refeições.

Quando cheguei ao Alabama, os pretos se interessavam excessivamente pela politica. E queriam inocular-me as suas opiniões. Um delles, escolhido para acaudilhar-me, dizia-me gravemente:

— E' preciso que o amigo vote comnosco. Não sabemos ler jornaes, isto não sabemos, mas sabemos votar, e é preciso que o amigo vote comnosco. Observamos cuidadosamente os brancos até conhecermos para que lado pendem os votos delles. Votamos então em sentido contrario, e estamos certos de que, procedendo assim, não erramos.

Actualmente essa tendencia para votar contra o branco, porque é branco, pouco a pouco desaparece: os negros começam a enxergar principios e a eleger os individuos recommendados pelo interesse geral.

Foi em Junho de 1881 que cheguei a Tuskegee. Passei um mez procurando casa para a escola; em seguida percorri o Alabama, com o fim de estudar os costumes do povo, sobretudo no campo; afi-

nal iniciei a propaganda do estabelecimento projectado. Viajava numa charrette puxada por um burro, comia e dormia em casa de gente simples, visitava fazendas, escolas, igrejas, e, como de ordinario me apresentava inesperadamente, surprehendia a vida real do povo, sem disfarces.

Nos districtos agricolas as habitações tinham apenas um quarto de dormir onde se accommodava toda a familia, não raro alguns parentes afastados e até pessoas que não tinham com ella nenhuma ligação. Para mudar a roupa ou deixar que os outros se deitassem, muitas vezes tive necessidade de sahir. Preparavam-me a cama no chão, ou davam-me lugar numa cama já occupada. Impossivel fazer a toilette dentro de casa. Para isso a gente ia ao pátio, onde em geral se encontrava o necessario.

A alimentação compunha-se de toucinho e pão de milho. E em certas mesas vi apenas pão de milho e ervilhas cozidas com agua. Essas coisas vinham do mercado e eram caras, mas ninguem se lembrava de obter outra comida. Podiam cultivar bons legumes na terra excellente, mas só se interessavam pelo algodão, que plantavam em todos os lugares.

Em moradas de pobres encontrei machinas de costura de sessenta dollars e relógios de doze a quatorze dollars, tudo comprado a prestações. Du-

rante um jantar achei-me em horrivel atrapalhação vendo um garfo para cinco pessoas. Entretanto havia junto da mesa um harmonium de sessenta dollars, comprado a prestações, naturalmente. Ora vejam. Um garfo e um harmonium de sessenta dollars. O peor é que as machinas de costura não serviam para nada, o harmonium enfeitava a sala e os relogios ficavam parados, porque ninguem sabia coser, ler as horas nem tocar.

Em uma dessas casas percebi que era por minha causa que a familia, quebrando os seus habitos, se sentava á mesa. Ordinariamente não se sentava. Pela manhã, ao levantar-se, a mulher punha um pedaço de carne na caçarola e farinha no tacho, levava esses utensilios ao fogo, e dez minutos depois o almoço estava prompto. O homem tomava o pão e a carne e sahia comendo, enquanto marchava para o campo; a mulher servia-se num prato, algumas vezes na caçarola ou no tacho; os meninos alimentavam-se correndo no jardim. Em algumas quadras do anno a carne se tornava rara e então era um luxo inatingivel ás crianças que não tinham força para trabalhar na lavoura.

Depois do almoço a familia geralmente abandonava a casa e dirigia-se ao algodoad, onde todos os individuos capazes de pegar numa enxada trabalhavam. Deitava-se o bebé no chão (pois quasi sempre havia um bebé), debaixo dum algodoeiro, e

quando era possivel, a mãe suspendia a tarefa e ia amammental-o. O jantar e a ceia eram pouco mais ou menos iguaes ao almoço.

Todos os dias da semana se passavam desse geito, excepto o sabbado e o domingo. No sabbado a familia ia á cidade, fazer compras. Com o dinheiro que havia uma pessoa em dez minutos fazia os negocios necessarios; comtudo o pessoal ficava o dia inteiro na cidade, passeando nas ruas, as mulheres fumando e tomando tabaco. O domingo era gasto em meetings.

Nos lugares que percorri achei, com poucas excepções, as colheitas hypothecadas e os lavradores cobertos de dividas.

O Estado não pudera construir escolas no campo, de modo que geralmente as aulas se davam nas igrejas ou em cabanas de madeira, desabrigadas. Como não havia lá dentro nenhum aquecimento, fazia-se um fogo no pateo, onde mestres e alumnos se accommodavam, quando era preciso. Em regra os professores eram lamentavelmente mal preparados e tinham fraco valor moral. As aulas duravam de tres a cinco mezes por anno. Material quasi nenhum: apenas um rude quadro negro. E um dia vi cinco meninos estudando num livro unico. Dois, sentados, seguravam o volume; dois, em pé, olhavam por cima dos hombros dos primeiros; o quinto,

muito pequeno, tentava desesperadamente abrir uma passagem entre os companheiros.

O que referi sobre escolas e mestres applica-se tambem ás igrejas e seus ministros.

Encontrei nas minhas viagens alguns typos bem interessantes. O caso seguinte revela o juizo dos camponezes pobres dessa epocha. Pedi a um preto sexagenario que me falasse da sua vida. Contou-me que nascera na Virginia e fôra vendido em 1845 no Alabama. Quando lhe perguntei quantos haviam sido vendidos com elle, respondeu-me:

— Eramos cinco: meu irmão, eu e tres burros.

Narrando o que observei nos arredores de Tuskegee, não pretendo insinuar aos leitores que ahi só havia miserias. Se insisti nas condições em que achei a população nesse tempo, foi apenas com o intuito de patentear as transformações que se realizaram depois, não sómente pela acção da escola de Tuskegee, mas tambem graças a outras instituições.

CAPITULO VIII

AULAS NUMA ESTREBARIA E NUM GALLINHEIRO

Devo confessar que um mez de viagens e observações me trouxe um desanimo profundo: a educação daquella gente me parecia tarefa superior ás minhas forças. Sentia-me só, achava que o meu trabalho renderia uma insignificancia em relação ao tamanho da empresa. Perguntava a mim mesmo se os meus esforços serviriam para alguma coisa e se valeria a pena começar. Estava absolutamente convencido, vista a situação moral e intellectual do meu povo, que os estudos não bastavam. Foi ahi que percebi direito a sabedoria do systema inaugurado pelo general Armstrong em Hampton. Evidentemente era um erro prender numa classe durante horas as crianças que ali viviam soltas, como bichos.

Depois de me entender com alguns cidadãos de Tuskegee, fixei o dia 4 de Julho de 1881 para inicio dos trabalhos na igreja e na cabana destinadas a elles. Os pretos interessavam-se pela nova escola e esperavam impacientes a inauguração, mas va-

rios brancos dos arredores viam com maus olhos o nosso projecto: duvidavam que elle fosse util aos negros e temiam sobretudo uma scisão entre as duas raças. Alguns receavam que o negro perdesse qualidades preciosas sob o ponto de vista economico. Se elle adquirisse conhecimentos, abandonaria as plantações. E ninguem acharia mais criados. Esses brancos, adversarios da nova escola, imaginavam o negro instruido um homem de chapéo alto, monoculo com aro de ouro, bengala de junco, sapatos lustrosos, luvas de pelle, emfim um sujeito decidido a viver do trabalho intellectual. Outra figura de negro instruido não surgia nos espiritos.

Nas minhas primeiras difficuldades e durante os dezenove annos que se seguiram encontrei um apoio constante e conselhos proveitosos em dois homens, os meus melhores amigos em Tuskegee: o sr. Jorge W. Campbell, branco e antigo proprietario, e o sr. Lewis Adams, negro e antigo escravo. Foram elles que escreveram ao general Armstrong pedindo um director para a escola. O sr. Campbell, negociante e banqueiro, tinha-se conservado alheio ás questões de ensino; o sr. Adams, operario, fôra no tempo da escravidão sapateiro, selleiro e funileiro. Sem nunca frequentar escola, conseguira aprender leitura e escripta. Esses dois homens adoptaram o meu plano de educação, associaram-se ás minhas esperanças e ajudaram-me nas minhas

experiencias. Nunca, em dias de aperto, recorri á bolsa do sr. Campbell sem que recebesse immediatamente um auxilio efficaz. Ninguem me orientaria tão bem nos negocios da escola como esses dois homens, um antigo senhor de escravos e um ex-escravo. Sempre me pareceu que o sr. Adams possuia aquella extraordinaria força de character por haver adquirido tres officios no tempo da escravidão. Ainda hoje, se alguem nos Estados do Sul deseja ver um negro notavel, pode estar certo de que lhe indicam um que, sendo escravo, achou meio de aprender um officio.

Quando a escola se abriu, umas trinta pessoas se matricularam, homens e mulheres, a maior parte de Macon. Muitos alumnos se apresentaram, mas haviamos decidido só receber os de mais de quinze annos e que tivessem alguns estudos. Entre os que foram admittidos varios haviam ensinado em escolas publicas e andavam nos quarenta annos. Diversos professores inscreveram-se juntamente com os seus alumnos, e, coisa espantosa, depois do exame de admissão, alguns rapazes entraram em classes superiores ás dos antigos mestres, que se orgulhavam de ter aprofundado volumes grossos de titulos sonoros. Quanto mais os livros eram pesados e os titulos compridos mais elles se vangloria-

vam da sua sciencia. Varios tinham ido ao latim, um ou dois ao grego, e com isto julgavam elevar-se.

Realmente nesse mez de viagem a que me referi uma das scenas mais dolorosas que presenciei foi esta: um rapaz coberto de farrapos immundos, sentado no quarto unico duma cabana de madeira, devorando a grammatica franceza. Tudo em roda era porcaria e o mato crescia no jardim.

Esses primeiros estudantes decoravam afincadamente regras complicadas de grammatica e mathematica, mas ignoravam a arte de applicar as noções adquiridas ás necessidades da vida real. Gostavam de me dizer que eram fortes em arithmetica e em contabilidade, mas logo percebi que nem elles nem os seus vizinhos tinham tido contas num banco.

Inscrevendo os nomes dos alumnos, percebi que todos, sem excepção, intercalavam uma inicial entre o nome e o sobrenome. Jayme Johns passava a Jayme J. Johns. Informei-me a respeito da significação dessa letra, e responderam-me que ella constituia o titulo da pessoa.

Quasi todos os estudantes desejavam tornar-se professores. Fóra isso, eram criaturas cheias de boa vontade, sempre dispostas a cumprir os seus deveres. Eu queria dar-lhes uma instrucção solida e simples. Logo percebi que nada sabiam das scien-

cias que affirmavam ter estudado. Tambem notei que as raparigas achavam perfeitamente no mappa a capital da China e o Sahara, mas eram incapazes de achar as facas e os garfos, a carne e o pão na mesa. Era-me necessario um pouco de coragem para dizer a um sujeito vaidoso de raiz cubica e contabilidade que elle devia aprender taboada de multiplicação.

O numero de alumnos cresceu e ao cabo dum mez chegou a cincoenta. Na entrada quasi todos annunciavam que ficariam dois ou tres mezes: esperavam escorregar nas classes adiantadas e concluir os estudos rapidamente.

No fim de mez e meio de trabalho, appareceu-me uma collega, mulher de intelligencia rara, miss Olivia A. Davidson, com quem mais tarde me casei. Miss Davidson tinha nascido no Ohio e estudado numa escola publica. Muito nova, sabendo que havia falta de professores no Sul, dirigira-se ao Estado do Mississippi e mais tarde a Memphis, no Tennessee, onde se dedicara ao ensino. Um dos seus alumnos fôra atacado de variola e toda a gente fugira com medo. Então miss Davidson fechara a escola, installara-se junto da criança até a cura completa. Em seguida a febre amarella rebentara em Memphis, a epidemia mais terrivel que já houve no Sul. Apesar de nunca ter tido semelhante doen-

ça, miss Davidson telegraphara á auctoridade offerecendo os seus serviços como enfermeira.

Essa moça admittia que a educação puramente livresca não convinha a uma escola de pretos. Por isso, ouvindo falar em Hampton, para lá se encaminhara. A sua intelligencia brilhante chamara a attenção da sra. Maria Hemenway, que lhe facultara os meios de, recebidos os diplomas em Hampton, passar dois annos na escola normal de Framingham, no Massachusetts. No momento de partir para Framingham, alguém lhe dissera que, sendo ella tão clara, poderia passar por branca na outra escola, o que lhe seria muito proveitoso. Sem hesitação, ella respondera que não pretendia enganar ninguém.

Foi pouco depois de terminar o curso em Framingham que miss Davidson chegou em Tuskegee, para onde trouxe idéas novas sobre methodos de ensino, uma excellente natureza e capacidade notavel de abnegação. Ninguém melhor que ella contribuiu para a fundação e o engrandecimento da escola de Tuskegee.

Logo no começo entendemo-nos admiravelmente. Os alumnos entravam bem nos livros, mas achavamos que, para deixar nelles uma impressão duradoura, deviamos dar-lhes alguma coisa mais que noções scientificas. Nos lugares donde elles vi-

nham ninguem se importava com hygiene. E as casas que agora occupavam em Tuskegee em geral não eram melhores que as que haviam deixado no campo. Desejavamos inculhir-lhes a necessidade de tomar banho, escovar os dentes, cuidar da roupa, alimentar-se direito e dormir em quartos limpos. Queriamos tambem que aprendessem officios, adquirissem a habilidade necessaria para desembaraçar-se lá fóra. Pretendiamos leval-os a pensar na vida pratica.

A maior parte delles vinha dos districtos agricolas. Nos Estados do golfo do Mexico oitenta e cinco por cento dos negros viviam da cultura da terra. Indispensavel que os nossos estudantes não se esquecessem dos trabalhos ruraes, não fossem augmentar inutilmente a população das cidades. Sem duvida era conveniente preparar muitos delles para o ensino, mas tencionavamos envial-os ao campo afim de inculcar aos negros nova energia e novas idéas, principios moraes, religiosos e intellectuaes.

Tudo isso nos preocupava, quasi nos acabrunhava. Que fazer? Dispunhamos da cabana em ruina e da igreja abandonada que os pretos nos haviam amavelmente offerecido. O numero dos alumnos augmentava dia a dia, e isto nos desanimava. Certamente os nossos esforços seriam vãos. Toda

a gente ambicionava instruir-se para livrar-se do trabalho material. E eu me lembrava de certo preto que, num dia quente de Julho, interrompeu subitamente a limpa do algodoal, ergueu as mãos ao céo e exclamou:

— Deus de misericórdia! O algodão não presta, o trabalho é duro e o sol queima como fogo. Parece que este negro vai ser chamado a prégar o Evangelho.

Tres mezes depois da abertura da escola, quando nos achavamos mais cheios de inquietações, uma velha propriedade, a um kilometro de Tuskegee, foi posta á venda. A casa grande, antiga residencia do proprietario no tempo da escravidão, tinha sido queimada, mas o local era excellente. E, examinando o terreno, vi que elle convinha admiravelmente á nossa empresa. O preço não era elevado: quinhentos dollars apenas. O diabo é que não havia dinheiro. Nem dinheiro nem a esperanza de encontral-o. O dono da terra fazia o negocio recebendo metade á vista e metade com o prazo dum anno. Transacção optima. Desgraçadamente eu não possuia absolutamente nada.

Nessa conjectura tomei coragem e escrevi ao general J. F. B. Marshall, thesoureiro do instituto de Hampton, expondo-lhe o caso e pedindo-lhe um emprestimo de duzentos e cincoenta dollars. Alguns

dias depois chegou a resposta: nella o general me dizia que não dispunha da caixa do instituto, mas que do seu proprio dinheiro me enviava a importancia pedida. Isto me trouxe enorme surpresa. Eu nunca havia possuido mais de cem dollars, e a somma que o general Marshall me emprestava era immensa para mim, a responsabilidade do pagamento vexava-me como um fardo pesado.

Fiz a compra e mudei a escola para a velha propriedade. De construcções havia ali um resto de sala de jantar, uma cozinha, uma estrebaria e um gallinheiro, tudo bastante arruinado. Trabalhámos algumas semanas em limpeza e concertos. Reformámos a estrebaria e fizemos della uma sala de classe. Depois foi preciso restaurar o gallinheiro. Quando falei nisso ao preto velho que ali vivia e me auxiliava algumas vezes, o homem arregalou o olho, espantado:

— Que está dizendo, mestre? Limpar o gallinheiro de dia, para todo o mundo ver?

Grande parte das obras foi realizada pelos alumnos, depois dos trabalhos escolares. Logo que tivemos casa, resolvi amanhar um terreno para cultivar trigo, idéa a que os meus jovens amigos torceram o nariz. Não admittiam relação entre a cultura do trigo e a sciencia, e os que tinham sido professores perguntavam se a enxada era compati-

vel com a dignidade de pedagogos. Para afastar duvidas, habituei-os a ver-me todos os dias, findas as licções, tomar o machado e encaminhar-me ao bosque. Percebendo que eu não tinha vergonha de trabalhar, todos me acompanharam com entusiasmo. E conseguimos preparar um campo de tamanho razoavel e semear o nosso trigo.

Emquanto nos occupavamos nisso, miss Davidson fazia todas as especies de combinações para liquidar o emprestimo. Começou organizando festas e ceias pagas. Batia a todas as portas de Tuskegee, e obtinha um bolo aqui, um frango acolá, pães e tortas que á noite se vendiam. Os negros offereceram o que puderam, mas os brancos tambem foram generosos: nesse tempo e depois não nos faltou a contribuição delles.

As ceias de miss Davidson e uma subscrição que fizemos renderam bastante. Todos contribuíram, e tocavam-me o coração as dadivas de negros velhos callejados no captiveiro: moedas de cobre, um cobertor, um feixe de cannas de assucar. Lembro-me perfeitamente da visita que me fez uma negra de setenta annos. Entrou na sala coxeando, apoiada a um bordão, coberta de farrapos, mas farrapos limpos.

— Sr. Washington, disse, passei a maior parte da vida na senzala. Sou bruta e pobre, mas adivi-

nho o que o senhor e miss Davidson querem fazer. Dinheiro não tenho: trago-lhe esta meia duzia de ovos que guardei para a educação dos pretos.

Tenho recebido para a escola de Tuskegee muitas offertas; nenhuma, porém, me sensibilizou como essa.

CAPITULO IX

DIAS DE ANGUSTIA E NOITES DE INSOMNIA

No fim do anno tivemos ensejo de apanhar certos aspectos da vida do povo no Alabama. A festa de Natal foi annunciada por numerosos ranchos de crianças que, de manhã cedo, nos accordavam gritando:

— Presentes, presentes para o Natal!

Em tres horas tivemos umas cincoenta dessas visitas. E' um costume que ainda existe em alguns lugares do Sul.

No tempo da escravidão concedia-se aos negros pelo Natal uma semana de folga, que elles aproveitavam cahindo na bebedeira. Essa tradição conservava-se nos arredores de Tuskegee: interrompia-se o trabalho durante sete dias, e homens e mulheres, até pessoas que não gostavam de bebida, tomavam pileques. Em toda a parte ouviam-se gargalhadas, estouros de buscapés, tiros de pistola e de espingarda.

Num desses dias de ferias fui visitar uma fazenda proxima. Os habitantes ahi tinham idéas ex-

quisitas sobre o modo de festejar o nascimento de Jesus. Numa cabana cinco meninos dividiam um pacote de bombas; em outra seis pessoas rodeavam uns bolos minguidos; adiante havia dois ou tres pedaços de canna de assucar para uma familia inteira; mais longe o ministro da localidade e sua esposa, junto a um pote de aguardente ordinaria, emborrachavam-se dignamente. Vi sujeitos que se divertiam muito olhando gravuras de reclame. Outros haviam comprado pistolas novas. Nada que nos fizesse pensar no Salvador do mundo. O trabalho suspenso, os campos abandonados, toda a gente passeando pelos caminhos. Á noite havia danças, danças primitivas que, depois de abundante cachaça, findavam em tiros e navalhadas.

Um negro que encontrei nessa visita, velho e pastor, asseverou-me, citando a Biblia, que era peccado trabalhar. Deus, no Eden, havia amaldiçoado o trabalho, razão por que o descanso era recommendavel. Naquelle momento esse honrado pastor se sentia feliz, pois ficava uma semana sem peccar.

Na escola procurámos ensinar aos nossos alumnos outra maneira de celebrar decentemente o Natal. Obtivemos excellent resultado: a festa ganhou para elles uma significação nova. Agora os estudantes empregam a semana de ferias em actos de beneficencia. Como exemplo, menciono a reconstrucção da cabana duma pobre negra enferma,

de setenta e cinco annos, trabalho realizado por alguns rapazes. Certa vez annunciei na capella que um estudante passava mal por falta de casaco. No dia seguinte remetteram-me dois casacos para elle.

Já me referi á benevolencia que os brancos de Tuskegee e vizinhança nos dispensaram. Eu desejava que o estabelecimento pertencesse á communi-
dade, que não vissem nelle uma instituição enxertada ali. O facto de haverem contribuido para a compra do terreno dava-lhes a idéa de que aquillo em parte era delles. E tornaram-se decididamente favoraveis á escola quando affirmámos que, se prezavamos os nossos amigos brancos de Boston, contavamos tambem com os de Tuskegee e esperavamos que o nosso trabalho fosse proveitoso a toda a gente.

Posso agora dizer que o instituto de Tuskegee não possue amigos mais sinceros que os brancos, não apenas da cidade, mas de todo o Alabama e em geral dos Estados do Sul.

Sempre recommendei aos estudantes que se approximassem dos seus vizinhos, sem distincção de côr, fossem leaes e direitos. Tambem os aconselhei a, nas eleições, inspirar-se no interesse publico e, não estando em jogo questões de principios, na opinião dos seus camaradas.

Continuámos a esforçar-nos para obter a quantia necessaria ao pagamento da propriedade. Em noventa dias conseguimos os duzentos e cincoenta dollars pedidos ao general Marshall, e dois mezes depois, de posse dos quinhentos dollars, assignámos a escriptura e tomámos conta da fazenda. Experimentámos uma enorme alegria, a nossa felicidade foi completa por nos sentirmos ligados a Tuskegee graças á benevolencia de brancos e negros.

Precisavamos agora cultivar a terra. As industrias de Tuskegee se desenvolveram naturalmente, logicamente, de accordo com as necessidades immediatas. Começámos pela agricultura porque deviamos, antes de tudo, pensar na alimentação. Adoptámos um systema de trabalho remunerador, que permitisse aos alumnos fazer as despesas do anno escolar, pois muitos ficavam apenas algumas semanas connosco, tão pobres eram.

O primeiro animal que adquirimos foi um velho cavallo cego, offerta dos brancos da cidade. Possuimos actualmente duzentos cavallos, gallinhas, burros, vaccas, bois e pouco mais ou menos setecentos porcos, sem falar em muitos carneiros e cabras.

O numero de alumnos cresceu tanto que, paga a fazenda, iniciada a cultura do solo e terminados os concertos das ruinas, tivemos a idéa de levantar

uma casa nova. Arranjámos a planta e, feitos os calculos, vimos que ella nos iria custar cerca de seis mil dollars, uma exorbitancia que nos apavorou. Era-nos, porém, indispensavel ir para diante: a instituição seria inutil se não pudessemos internar os estudantes, modificar-lhes a vida familiar. Logo que o meu projecto se espalhou na cidade, recebi uma excellente proposta que me surpreendeu: um branco do Sul, proprietario duma serraria nos arredores de Tuskegee, offereceu-nos a credito a madeira necessaria ás obras, sem garantia, contentando-se com a promessa de pagamento quando isto nos fosse possivel, coisa bem vaga. Confessei-lhe francamente que não tínhamos dinheiro; o homem insistiu e, recolhida uma pequena somma, aceitámos o material.

Miss Davidson poz-se em campo novamente. O entusiasmo dos negros foi grande. Certo dia em que nos reuniamos para tratar da collecta, um negro velho do tempo da guerra appareceu-nos, trazendo na charrette um porco enorme. Esperou momento favoravel, ergueu-se e declarou que, em falta de dinheiro, offerecia um porco magnifico para as despesas do edificio. Terminou deste modo:

— Todo o negro que se respeita e tem amor á raça deve trazer um porco na proxima reunião.

Muitos, desprovidos de recursos, nos offereceram os seus serviços como operarios.

Exgottadas as fontes em Tuskegee, miss Davidson resolveu partir para o Norte. Fez visitas, falou nas igrejas, nas escolas dominicaes e em outras instituições, empresa difficil, cheia de toda a especie de obstaculos. A nossa escola era desconhecida, mas miss Davidson soube em pouco tempo ganhar a confiança da gente do Norte. O primeiro dinheiro que d'ahi nos veio foi dado por uma senhora de Nova York, em viagem. Conversaram no trem, a nortista ficou satisfeita com a narração da moça e entregou-lhe, na separação, um cheque de cincoenta dollars. Antes e depois do nosso casamento, Olivia Davidson nunca deixou de, em conversas e em cartas, pedir o que necessitavamos. Alem disso desempenhava as funcções de professora e directora em Tuskegee, occupava-se com uma associação protectora de velhos e com os meninos da escola dominical. Sem ser robusta, sacrificava todas as suas forças á causa a que se devotava. Acontecia-lhe ás vezes achar-se á noite cansada a ponto de não poder despir-se. Contou-me uma senhora de Boston que, recebendo um dia a visita della, fôra enconral-a adormecida no salão.

Antes de concluido o nosso primeiro edificio, Porter Hall, assim chamado em honra do sr. A. H. Porter, o nosso maior contribuinte, a pobreza nos apertou horriavelmente. Era-me necessario pagar a um credor exigente quatrocentos dollars, e no dia

marcado não havia um nickel em caixa. Achava-me desesperado quando o correio das dez horas me trouxe a importancia precisa, enviada por miss Davidson, offerta de duas senhoras de Boston. Mais tarde, quando os nossos trabalhos se desenvolveram e atravessámos novas difficuldades, essas senhoras nos remetteram seis mil dollars, que nos reanimaram. E desde então as duas excellentes amigas de Boston nos mandam seis mil dollars todos os annos.

Approvado o plano da nova construcção, os nossos alumnos começaram a cavar os alicerces. Mas cavavam depois do trabalho nocturno e não cavavam de boa vontade, porque, como um delles me disse, tinham vindo fazer estudos e não cavar. Pouco a pouco, entretanto, notei que elles mudavam. E o trabalho acabou por se tornar uma honra para todos. Depois de algumas semanas de rude canceira, terminaram-se os alicerces e fixámos o dia para a collocação da primeira pedra.

O lançamento dessa primeira pedra no coração do Sul, em plena *Cintura Negra*, isto é, na região dos escravos, no lugar onde, dezeseis annos antes, quem ensinasse leitura a um negro era punido pelos rigores da lei ou pela censura publica, causava realmente admiração. O espectáculo que tínhamos diante dos olhos nesse dia de primavera não se realizaria, penso eu, em nenhuma outra

parte. O primeiro discurso foi pronunciado pelo sr. Waddy Thompson, director do ensino. Estavam reunidos professores e alumnos, parentes e amigos, funcionarios brancos que alguns annos atraz tinham direito de propriedade sobre os que se achavam agora junto a elles. Todos desejavam deixar uma lembrança na primeira pedra.

Atravessámos horas terriveis antes que a casa estivesse prompta. Mais duma vez desfallecemos, achando-nos absolutamente sem recursos no vencimento duma letra. Ninguem imagina os transe que aquella horrivel penuria nos fez padecer. Não esquecerei nunca os meus primeiros annos de Tuskegee, as noites que passei a rolar na cama sem poder dormir, atormentado pela idéa fixa de arranjar dinheiro. Precisavamos provar que os negros podiam fundar um estabelecimento de instrucção e dirigil-o convenientemente. Se falhassemos, a raça inteira ficaria compromettida. Tudo era contra nós. Ordinariamente pensavam que o exito, natural, certo para os brancos, seria para nós quasi impossivel. Essas considerações pesavam-me na cabeça, tiravam-me o somno.

Devo dizer que, no meio das minhas angustias, das difficuldades permanentes que me acabrunhavam, não me dirigi a branco ou negro sem obter algum auxilio. Muitas vezes recorri a cinco ou seis pessoas para resgatar um titulo de cem dollars. A

minha preocupação constante era salvaguardar o credito da escola, e isto conseguimos. O sr. Jorge W. Campbell, o branco que teve a idéa de chamar-me a Tuskegee, dizia-me:

— Washington, lembre-se de que o credito é capital.

Um dia em que nos achavamos em aperto imenso, escrevi ao general Armstrong expondo-lhe francamente a situação. Sem hesitar, elle me enviou num cheque importancia correspondente a todas as suas economias, facto que se reproduziu mais tarde.

No verão de 1882, ao cabo dum anno de residencia em Tuskegee, casei-me com miss Fanny M. Smith, de Malden. Installámo-nos em principio do outomno, e a nossa casa se tornou um centro de reunião dos professores, agora em numero de quatro. Minha mulher, diplomada em Hampton, occupava-se activamente com a escola. Nunca poudesaber, coitada, o desenvolvimento que ella teria para o futuro: morreu em Maio de 1884, deixando-me uma filha, Porcia M. Washington.

CAPITULO X

UMA TAREFA DIFFICIL

Eu queria que em Tuskegee os alumnos se empregassem na cultura da terra, nos serviços domesticos e nas construcções. Pretendia inculhir-lhes os mais aperfeçoados methodos de trabalho, no interesse da escola, evidentemente, mas tambem com o intuito de insinuar-lhes que essas occupações eram bellas, uteis e dignas. Habituarão-se e deixaram de ver nellas um prolongamento da escravidão. E para animar-os, fixar-lhes esses bons propositos, eu desejava adoptar processos modernos, utilizar as forças da natureza: a agua, o vapor, a electricidade.

Muitas pessoas combateram a minha idéa, acharam absurdo confiar a execução de obras de architectura a individuos incompetentes, mas não me dei por vencido. Admittia que as primeiras construcções não ficariam tão perfeitas como as executadas por operarios habéis; mas não seria uma compensação á falta de conforto e de belleza a convicção que os nossos rapazes adquiriam de poder, em qualquer momento, livrar-se de apuros e con-

tar com as proprias forças? Alleguei aos meus contradictores que os alumnos, em geral criados no algodão, no arroz e na canna de assucar, eram pobres em demasia, tinham sempre habitado casebres miseraveis. Sem duvida seria optimo alojal-os em bellos edificios; parecia-me, porém, mais certo acostumar-os pouco a pouco e começar por ensinar-lhes a maneira de construir as suas proprias moradas. Certamente commetteriamos erros, mas até esses erros nos seriam proveitosos no futuro.

Faz dezenove annos que a escola de Tuskegee funciona, e não mudei de opinião. Os quarenta edificios aqui existentes foram, com excepção de quatro, feitos pelos estudantes. O resultado é que centenas de pessoas d'aqui sahidas espalharam-se no Sul e vivem das noções praticas recebidas entre nós. Esses conhecimentos facultam-se a todos, de fórma que professores e alumnos são capazes de levantar um predio: traçam o plano, executam as obras, installam os apparatus electricos, sem que seja necessario chamar nunca um operario de fóra. Em consequencia os alumnos dedicam aos edificios cuidados particulares. E' commum ouvirmos um veterano dizer ao novato que risca as paredes a lapis:

— Deixa disso. E' a nossa casa.

O que mais nos custou a principio foi a fabricação de tijolos, que muito necessitavamos. Havia

no mercado uma grande procura delles e Tuskegee não tinha olaria. Tentámos fazel-os, depois de organizado o trabalho rural. Mas faltava-nos dinheiro e faltava-nos pratica. Demais o serviço era pesado e sujo, difficilmente obrigaríamos alguém a conservar-se muitas horas numa fossa, com lama pelos joelhos. Foi nessa occasião que o espirito de revolta se manifestou com mais intensidade na escola e muitos estudantes nos deixaram.

Experimentámos diversos terrenos, procurando argilla conveniente. Eu sempre havia pensado que a fabricação de tijolos era facil, mas convenci-me de que ella exigia muita pericia, sobretudo na parte relativa á queima. Depois de grande esforço, conseguimos metter na fôrma cerca de vinte e cinco mil tijolos, que se inutilizaram por falta de forno adequado. Preparámos uma segunda fornada, que igualmente se perdeu. Os alumnos cada vez mais desanimavam. Alguns mestres formados em Hampton nos offereceram os seus serviços e, graças a elles, pudemos levar ao fogo a terceira fornada. A queima durava uma semana. Pois ao cabo desse tempo, quando nos julgavamos de posse de alguns milheiros de tijolos, o forno rebentou e lá se foi tudo embora. Depois do desastre, não me restava um dollar para nova tentativa, e todos achavam que eu devia largar isso. Lembrei-me então de que possuia um relógio: levei-o á cidade proximi-

ma de Montgomery, onde havia uma casa de pe-nhores, e recebi por elle quinze dollars, que reani-maram os meus auxiliares e me permittiram a quar-ta experiencia. Dessa vez fomos felizes. No dia do pagamento não houve dinheiro, é claro, e perdi o relógio, que não me fez falta.

Essa industria prosperou tanto que o anno passado os nossos alumnos fabricaram um milhão e duzentos mil tijolos, producto excellente, que acha comprador em qualquer mercado. Numerosos moços viram ahi uma profissão rendosa, que exer-cem agora em varias cidades do Sul.

A victoria que alcançámos melhorou conside-ravelmente as nossas relações com os brancos. Mui-tos que não nos dedicavam nenhuma sympathia vie-ral, comprar-nos tijolos, quando viram que elles eram bons. Tinhamos evidentemente algum pres-timo, e os que não admittiam nenhuma especie de capacidade na raça negra começaram a mudar per-cebendo que augmentavamos o bem-estar e a ri-queza da communidad. O nosso commercio de ti-jolos nos tornou bastante conhecidos. Estabelece-ram-se interesses entre os brancos e nós: demos-lhes o que tinhamos, recebemos o que precisavamos, e assim nos entendemos perfeitamente.

E' da natureza humana, penso eu, reconhecer e recompensar o merito, seja qual for a pelle que o

esconda. Mas o merito que se manifesta de modo concreto e visivel é o que mais poderosamente desvanece os prejuizos. Uma bella casa construida por nós prova mais facilmente a nossa habilidade que uma longa discussão arranjada para demonstrar que somos capazes de construir uma casa. Assim, pensando, fabricámos carruagens, charrettes e fiacres. Possuimos actualmente duzias de vehiculos no serviço da escola e da fazenda, e offerecemos alguns ao commercio. Construindo e concertando carros, fabricando tijolos, fomos uteis aos brancos e aos negros da localidade.

Quem de qualquer modo se torna indispensavel acaba por abrir caminho, qualquer que seja a sua côr.

Se um homem chega a uma cidade com o intuito de ensinar grego, pode não encontrar pessoas dispostas a estudar grego, pode até cahir no meio de individuos que não vejam nenhuma utilidade no grego. E' certo, porém, que todos precisarão de tijolos, casas e vehiculos. Caso o sujeito que pretende ensinar grego possa, antes de começar, attender ás necessidades materiaes dos outros, é possível que estes, quando satisfeitos, lhe peçam licções de grego e tirem proveito dellas.

No principio do nosso curso de tijolos tivemos de responder ás objecções muito energicas dos que

repugnavam o trabalho manual. Corria em todo o Alabama que os estudantes de Tuskegee, ricos ou pobres, eram forçados a aprender um officio. Choveram cartas de paes indignados contra a obrigação imposta a seus filhos de trabalhar no collegio. Outros vinham reclamar pessoalmente, e os novos alumnos traziam sempre algumas linhas em que se manifestava o desejo de vel-os occupar-se unicamente com o estudo. Quanto mais livros melhor, volumes grossos, pesados, de titulos pomposos.

Não me inquietei com os protestos, mas nas minhas viagens esforcei-me por convencer o povo de que o ensino profissional era uma necessidade. Doutrinava tambem os meus alumnos, e, a despeito da antipathia que toda a gente votava ao trabalho manual, a escola cresceu tanto que, no fim do segundo anno, tinhamos perto de cento e cincoenta rapazes e moças procedentes de todas as partes do Alabama e de alguns Estados vizinhos.

No verão de 1882 miss Davidson e eu nos dirigimos ao Norte afim de obter recursos para a conclusão do novo edificio. Demorei-me um pouco em Nova York e falei a uma personagem influente, que havia conhecido alguns annos antes, pedi-lhe uma carta de recommendação. Não recebi a carta, mas recebi o conselho de voltar para a casa, pois era certo só obtermos a quantia indispensavel ás despesas de viagem. Agradei o conselho e segui

para Northhampton, no Massachusetts, onde estive muitas horas procurando uma familia negra que me quizesse receber. Soube então, com bastante surpresa, que não seria difficil hospedar-me num hotel.

Fomos felizes na viagem: recolhemos a somma sufficiente para, em fim de Novembro do mesmo anno, no dia de acção de graças, celebrar o nosso primeiro serviço religioso na capella de Porter Hall, embora o edificio não estivesse inteiramente concluido. Procurando um prégador para o sermão, tive a sorte de encontrar o homem mais distincto que já vi, o reverendo Robert C. Bedford, branco do Wisconsin, pastor duma pequena igreja negra de Montgomery. Não me conhecia, nem eu o conhecia. Comtudo recebeu de boa vontade o convite e veio a Tuskegee celebrar a cerimonia religiosa, coisa absolutamente nova para os negros. A estréa de Porter Hall tornou esse dia memoravel.

O reverendo Bedford aceitou um lugar de membro do conselho administrativo e ha dezoito annos que ahi se conserva, prestando-nos grandes serviços. Desde que nos conhecemos identificou-se inteiramente connosco. Encarrega-se ás vezes de casos insignificantes, que outros desdenhariam. A sua abnegação não tem limites; foi a pessoa que já vi approximar-se mais de Jesus.

Pouco depois fizemos uma excelente aquisição: chegou-nos de Hampton um rapaz, o sr. Warren Logan, que ha dezesete annos é thesoureiro do instituto e me substitue quando preciso ausentarme. Sem elle, estaríamos longe do ponto que atingimos. E' desinteressado, possui admiravel tacto nos negocios, julgamento seguro, grande paciencia e, não obstante complicações financeiras de todo o genero, immensa fé no exito da nossa empresa. Entregando-lhe a escola, posso afastar-me tranquillo, fazer viagens longas, certo de que elle nada esquecerá.

Meio construida a nossa primeira casa, decidimos encher-a de pensionistas, o que fizemos em meado do segundo anno escolar. Vinham muitos alumnos, e viamos perfeitamente que os nossos esforços seriam vãos se não pudessemos intervir na vida particular delles. Para internato nada tinhamos, porém. Apenas os alumnos com os seus appetites. Não havíamos pensado em installar cozinha e sala de jantar. Felizmente, cavando a terra, ser-nos-ia possivel conseguir duas peças subterrneas que serviriam para isso. Ainda uma vez exigi a boa vontade dos estudantes e, ao cabo de algumas semanas, tinhamos o que necessitavamos, dois buracos de apparencia bem desagradavel, na verdade. Quem os visse hoje difficilmente acreditaria que ali houve sala de jantar.

Tudo era incompleto, insufficiente. Faltava dinheiro para a compra de utensilios. Os generos não nos preocupavam: poderíamos obtel-os a credito. Confesso que me affligia muitas vezes nesse tempo a confiança que depositavam em mim. Não me considerava digno della.

Impossivel cozinhar sem fogão e comer sem pratos. Voltámos á moda antiga: preparámos a comida em tachos e marmitas postos sobre fogos de lenha ao ar livre. E convertemos em mesas os bancos dos carpinteiros que haviam trabalhado na construcção da casa. Quanto a louça nem é bom falar nella, tão pouca existia.

Os cozinheiros não tinham a minima idéa da regularidade indispensavel ao serviço, e isto me transtornava. Tudo ia mal, uma desordem completa. Nas duas primeiras semanas não tivemos refeição que prestasse. Ora a carne vinha crua, ora vinha queimada, não deitavam sal no pão e esqueciam-se do chá. Um dia, á porta do refeitório, ouvi queixas mais energicas e mais numerosas que as habituaes. Ausencia absoluta de almoço. Uma rapariga deixou a mesa e, em falta de alimento, foi beber agua no poço, mas achou partida a corda do balde. Não me vendo ali perto, afastou-se murmurando com desanimo:

— Que escola, santo Deus! Nem agua se encontra.

Nunca uma observação me causou tanta magua.

Algum tempo depois o reverendo Bedford, de que já falei, administrador e amigo sincero do instituto, era nosso hospede e occupava um quarto por cima do refeitório. Certa manhã foi despertado pela discussão calorosa de dois alumnos que disputavam uma chicara de café. Um delles, que estivera tres dias sem beber café, defendeu valentemente os seus direitos e apoderou-se da chicara.

Á custa de muita perseverança, afastámos as difficuldades, sahimos da enorme confusão, o que sempre acontece quando não nos deixamos abater, sejam quaes forem os embaraços que nos appareçam.

Recordando essa phase da nossa historia, não lamento que as coisas se tenham passado como se passaram. Os aborrecimentos e os desgostos nos callejaram, deram força aos alumnos para cavar o refeitório e a cozinha. Não lamento o desperdicio de energia que nos custou esse local escuro e humido. Se tivéssemos começado numa bella sala, talvez nos deslumbrassemos, nos enchessemos de orgulho. Afinal é agradavel lançar os fundamentos duma obra, vel-a desenvolver-se pouco a pouco.

Hoje, quando os nossos antigos alumnos vêm a Tuskegee, o que se dá frequentemente, vêm um bello refeitório amplo e arejado, alimentos appeti-

tosos, producto dos nossos campos, servidos em mesas limpas, toalhas e guardanapos de brancura perfeita. Flores, cantos de passaros, o serviço realizado com ordem, sem que entre centenas de pessoas haja uma reclamação. E os nossos velhos amigos se declaram satisfeitos, acham bom terem corrido as privações dos primeiros tempos, privações necessarias aos resultados que alcançámos.

CAPITULO XI

FABRICAÇÃO DE MOVEIS

Tivemos um dia visita do general J. F. B. Marshall, o homem que nos havia emprestado duzentos e cinquenta dollars para a compra da fazenda. Esteve uma semana comnosco, fez uma inspecção minuciosa, declarou-se contente com o que viu e mandou a Hampton um relatorio optimista cheio de incentivos para nós. Recebemos em seguida miss Mary F. Mackie, a mesma que me havia submettido a um exame de vassoura. Depois foi a vez do general Armstrong.

Na epocha dessas visitas tinhamos varios professores, quasi todos diplomados em Hampton. Com immensa alegria revimos os nossos excellentes amigos, que ficaram bem impressionados com a escola. De muitas leguas de distancia vieram negros ver o general, pois a fama d'elle corria longe. E os brancos o acolheram com sympathia.

Cada vez mais esse homem extraordinario crescia a meus olhos, as suas disposições para com os brancos do Sul enchiam-me de admiração. Eu

suppunha que, tendo-os tido como inimigos, elle os aborrecia e apenas se interessava pelos negros. Não tardei em perceber o meu erro: emquanto aqui estive, essa grande alma generosa mostrou a mesma solicitude para todos. Não revelou nenhum signal de resentimento contra os antigos adversarios e muitas vezes lhes testemunhou amizade. Esse exemplo foi para mim fecundo e precioso. Os corações nobres cultivam sempre o amor, só os espiritos mesquinhos guardam odio. Compreendi tambem que o protector dos fracos adquire forças novas e o oppressor dos infelizes enfraquece.

A attitude do general Armstrong inspirou-me essas reflexões, ha muitos annos, livrou-me de rebaixar-me a ponto de odiar alguem. Recalquei a aversão, esqueci o mal que os brancos do Sul fizeram á minha raça. Hoje sinto prazer em ser util a todos os homens e tenho compaixão dos individuos que procuram separal-os. Quanto mais reflecto mais me convenço de que as manobras adoptadas pelos brancos do Sul para inutilizar o voto dos negros são prejudiciaes, não apenas a estes, mas á gente que se esforça por conserval-os em situação inferior. O damno causado ao negro é temporario, mas o attentado á moral do branco é permanente. Observei muitas vezes que, se um sujeito perjura para annullar o voto do negro, acaba por comportar-se deshonestamente em outras circumstancias,

molestando o preto ou molestando o branco. O que engana um preto não tarda a enganar um branco, o que infringe a lei lynchando um preto nenhum escrupulo terá em lynchar um branco, se puder. Essas considerações me fazem desejar que a nação inteira intervenha na lucta contra a ignorancia que desgraçadamente reina ainda no Sul.

Convem notar que o systema de educação do general Armstrong cada vez mais ganha terreno. São raros actualmente os Estados do Sul que não têm ensino profissional, para homens e para mulheres.

Installados modestamente os nossos pensionistas, outros se apresentaram, e mais outros, de modo que, durante semanas, desesperadamente nos debatemos buscando meio de alimental-os, dar-lhes roupas de cama e um canto para dormir. Alugámos, em falta de melhor, algumas casas nos arredores da escola, cabanas estragadas onde alojámos diversos estudantes. No inverno passavam mal. Com oito dollars por mez, tudo quanto podiamos exigir dos seus minguados recursos, tinham casa, comida, luz e roupa lavada. Deduziamos nas suas contas a importancia correspondente a qualquer trabalho que fizessem util á casa. As despesas de estudo elevavam-se a cincoenta dollars annuaes, quantia que eram obrigados a arranjar sabe Deus como.

A renda insignificante da pensão não nos permitia formar capital sufficiente para organizar um internato em boas condições. No segundo anno escolar o inverno foi excessivamente rigoroso. Não dispunhamos de bastantes cobertores, durante algum tempo não tivemos lenha para fogo nos quartos e até colchões faltaram.

Muitas vezes não consegui adormecer durante aquelles grandes frios cortantes, pensando no sofrimento dos pobres rapazes. Erguia-me alta noite, ia visital-os nas suas cabanas, confortal-os. Muitos não podiam deitar-se: mal agasalhados, batiam os dentes, agachavam-se em redor do fogo para aquecer-se um pouco. Certa manhã, depois duma noite horrivelmente fria, pedi aos que se imaginavam gelados que levantassem um braço. Tres apenas foram capazes de mover-se. E não se queixavam. Sabendo que nos sacrificavamos por elles, não deixavam de perguntar se podiam, de alguma fórma, diminuir o trabalho dos mestres.

Têm-me dito repetidamente, homens do Norte e homens do Sul, que os negros não se conformam com a auctoridade dum negro. A esta affirmação respondo com um facto: nos dezenoves annos da minha carreira em Tuskegee nunca notei palavra descortez ou acto desrespeitoso de alumno ou de qualquer pessoa ligada ao serviço da escola. Pelo contrario: acanham-me as numerosas gentilezas

que me dispensam. Se me vêem com um livro pesado, offerecem-se para transportal-o; em dias de chuva nunca me levanto do bureau sem que um alumno se approxime, decidido a acompanhar-me segurando o guarda-chuva.

Devo dizer que, nas minhas relações com os brancos do Sul, nunca recebi uma affronta pessoal. Em Tuskegee e vizinhança sempre me testemunharam consideração, coisa que algumas vezes muito lhes custa, bem sei.

Ha algum tempo viajei no Texas, de Dallas a Houston. Ignoro como souberam que me achava no trem, mas a verdade é que, em todas as estações, brancos em quantidade, inclusive funcionarios, vieram felicitar-me pela obra que empreehendi no Sul.

Mais tarde, dirigindo-me a Atlanta, cancei-me depois duma longa viagem e tomei um *Pullman car*. Ahi encontrei duas senhoras de Boston minhas conhecidas, que ignoravam, supponho, os costumes do Sul e innocentemente me convidaram a sentar-me ao lado dellas, o que fiz meió encabulado. Logo uma das senhoras pediu a ceia para tres. Isto augmentou a minha perturbação. Muitos brancos pejavam o carro e não tiravam os olhos de cima de nós. Ouvindo aquella historia de ceia, arranjei um pretexto para me afastar, mas obrigaram-me

a ficar onde estava. Resignei-me, dizendo cá por dentro:

— Bonito. Estou agarrado.

O geito que tive foi cear. Depois uma das senhoras se lembrou de que trazia no sacco de viagem um chá maravilhoso, desejou que o experimentássemos e, não confiando na cozinha do trem, preparou-o com arte e serviu-o. Bebi o chá. E como tudo tem fim, a refeição terminou, a mais longa da minha vida. Ancioso por livrar-me daquella situação penosa, pedi licença para entrar no compartimento vizinho, fumar um cigarro e olhar a paizagem. Ahi chegando, vi que me haviam reconhecido e fiquei assombrado: quasi todos os cavalheiros que ali se achavam, na maioria cidadãos da Georgia, vieram apertar-me a mão, agradecer-me o que eu fazia no Sul. E não era lisonja, que nenhum esperava nada de mim.

Sempre me esforcei por demonstrar aos alumnos que Tuskegee não é coisa minha, mas de todos os que aqui vivem. Aconselho-os a interessar-se pelos negocios da casa tanto quanto os administradores e os professores, a não considerar-me censor, mas amigo. Quero que me falem sem rodeios, com toda a franqueza, peço-lhes que me escrevam, duas ou tres vezes por anno, expondo criticas, reclamações, propostas relativas á organização e ao regimen da escola. Em falta de escriptos, reuno os es-

tudantes na capella e discutimos sem reboço. Gosto dessas palestras, fecundas em sugestões proveitosas: revelam-me dedicações, alliviam as responsabilidades que pesam sobre mim.

Quando leio a noticia duma greve, digo comigo que as divergencias entre patrões e operarios desapareceriam se os primeiros fossem accessiveis, consultassem os segundos antes de tomar uma deliberação e tentassem provar-lhes que os interesses das duas partes são communs. A confiança gera a confiança. Tratando-se de negros, isto é um facto que não admite contestação. Convencidos de que nos interessamos por elles, tornam-se doces em extremo.

Eu desejava que os alumnos fizessem, não sómente as casas de Tuskegee, mas os moveis. Hoje admiro a paciencia daquelles rapazes que dormiam no chão ou em taboas duras, esperando que lhes fabricassem camas grosseiras ou um arremedo de colchões. No começo raros tinham pratica de marcenaria, e os leitos improvisados nesse tempo eram pouco seguros e rudimentares. Acontecia-me frequentemente, na inspecção da manhã, achar alguns desmantelados. Os colchões nos atrapalharam muito. Afinal vencemos a difficuldade comprando fazenda barata que transformámos em grandes saccos. Os pinheiros da floresta vizinha nos forneceram o enchimento delles. Agora as nossas alu-

mnas fazem aqui optimos colchões, iguaes aos que se vendem no armazem.

E' superfluo dizer que havia falta de cadeiras. Para substituil-as, usavamos tamboretos feitos com tres pedaços de taboa tosca, mal pregados. A mobilia dos quartos era bem summaria: a cama, tamboretos, algumas vezes uma pequena mesa sem verniz. Naturalmente continuamos a fabricar os nossos moveis, que agora são numerosos e resistem á critica dos entendidos.

O que sempre exigi em Tuskegee foi limpeza. Martelei sem cessar que tudo nos perdoariam lá fóra, a pobreza, a falta de conforto, não a porcaria. Indispensavel a escova de dentes. "O evangelho da escova de dentes", como dizia o general Armstrong, aqui se professa. Para alguem ficar em Tuskegee precisa possuir uma escova de dentes e usal-a. Já nos chegaram alumnos que, em materia de bagagem, trouxeram uma escova de dentes. Tinham tido noticia da exigencia e, com o fim de causar boa impressão, muniam-se do objecto indispensavel. Um dia, fiscalizando com a directora o alojamento das moças, entrámos num quarto onde se reuniam tres novatas. Quando perguntei se tinham escovas de dentes, uma dellas respondeu:

— Sim, senhor, comprámos uma hontem.

Foi necessario explicar-lhe que faltavam duas.

Recommendámos tenazmente aos alumnos que não se descuidassem da hygiene. Acostumaram-se ao banho. E antes que pudessemos offerecer-lhes banheiros, já se lavavam tão regularmente como se sentavam á mesa. Os que vinham dos districtos agricolas não sabiam deitar-se em cama. Tiveram de aprender a usar lençoes, não no começo, evidentemente: impossivel obrigar o estudante a metter-se entre dois lençoes, pois só lhe podiamos dar um. Precisavamos tambem ensinal-os a vestir uma camisa á noite.

Difficil foi habitual-os a repregar os botões cahidos, coser os rasgões e tirar da roupa as nodoas de gordura. Comtudo tanto repisámos essas necessidades de ordem que elles se modificaram e corrigiram o desleixo dos que vieram depois. Hoje, na revista diaria, que se realiza quando sahimos da capella, ordinariamente não falta um botão.

CAPITULO XII

PROCURA DE RECURSOS

Installado o refeitório, pudemos offerecer ás raparigas hospedagem no celleiro da nossa primeira casa, Porter Hall. O numero de alumnos augmentava constantemente. Era-nos facil accommodar fóra os rapazes, mas não queriamos fazer o mesmo com as moças.

Achámo-nos diante duma nova difficuldade. Necessitavamos um estabelecimento mais vasto, onde se alojassem todos os pensionistas, homens e mulheres. Impunha-se a construcção dum segundo edificio, grande, com sala de jantar para todos os alumnos e quartos para as moças.

Calculámos que iriamos gastar uns dez mil dollars. Como de ordinario, nada possuamos, o que não nos impediu de baptizar a nova casa. Isto era facil, ainda que não conseguissemos levantá-la. Resolvemos dar-lhe o nome de Alabama Hall, em honra do Estado onde viviamos. Mais uma vez miss Davidson apertou com uma subscrição a gente de Tuskegee e os nossos alumnos começaram a cavar os alicerces.

Estavamos exgottando a importancia recolhida, uma anciedade nos opprimia com a certeza de que as obras iam suspender-se, quando a generosidade do general Armstrong se manifestou providencialmente. Recebi um telegramma em que elle me pedia que, se pudesse passar um mez viajando, fosse enconral-o em Hampton. Sem vacillação, acceitei o convite. E, ao chegar, inteirei-me de que o general pretendia conduzir pelo Norte um quartetto de musicos e nas cidades realizar meetings em que falaríamos os dois. Imaginarão a minha surpresa quando soube que essas reuniões deviam effectuar-se unicamente em beneficio das obras de Tuskegee e que as despesas correriam por conta do instituto de Hampton.

Outro director recearia talvez, apresentando-me, prejudicar o seu estabelecimento. Mas o general Armstrong era grande e bom. Nenhum sentimento mesquinho, nenhum egoismo. Alem disso não ignorava que os nortistas, com os seus donativos, desejavam contribuir para a civilização do negro em geral, não favorecer esta ou aquella escola. Sabia igualmente que, para fortalecer Hampton, era necessario estabelecer ali um centro de utilidade, propagar a sua influencia benefica por todo o Sul.

Quanto aos discursos, o general deu-me um conselho excellente, que não esqueço:

— Cada uma das suas palavras deve exprimir uma idéa.

Fizemos conferencias em Nova York, Brooklyn, Boston, Philadelphia e outras cidades importantes, e em toda a parte o meu admiravel companheiro advogou a causa de Tuskegee. Queriamos obter a quantia indispensavel á construcção de Alabama Hall e revelar ao publico a nossa instituição, duplo objectivo que alcançámos.

Depois dessa apresentação, entrei a viajar sózinho pelo Norte. Nestes ultimos quinze annos passei grande parte da minha vida longe da escola, na caça ao dinheiro, e fiz experiencias talvez interessantes para os leitores.

Varias vezes cidadãos dedicados ao mister de arranjar recursos para obras de philanthropia me perguntaram que regras eu adoptava na conquista da boa vontade e das contribuições do publico. Se podemos subordinar a regras fixas a arte de mendigar, direi que obedeci a duas: cumpri o meu dever, explicando-me honestamente ás pessoas a que me dirigia; tentei não me preoccupar com o resultado, coisa que obtive bem difficilmente, confesso. É horrivel, com effeito, apparentarmos tranquillidade sabendo que no dia seguinte, sem termos em caixa um nickel, seremos assaltados por letras vencidas. Entretanto, á medida que os annos se pas-

sam, convengo-me de que os desgostos e as inquietações nos consomem as forças physicas e intellectuaes indispensaveis á actividade. As minhas relações constantes com homens eminentes ensinaram-me que os seres na verdade superiores sabem dominar-se, têm calma, paciencia e urbanidade. Modelo perfeito dessas qualidades era, segundo penso, o presidente Mac Kinley.

Para conseguir exito num empreendimento qualquer, acho que o sujeito deve esquecer os seus casos pessoaes e subordinar a uma idéa todas as vantagens que lhe possam advir.

O meu officio de collector obriga-me a julgar severamente os que malsinam os ricos. Em primeiro lugar esses accusadores não pensam na desorganização que traria o desaparecimento das fortunas, nos individuos que se reduziriam á miseria se as grandes empresas cahissem de golpe. Depois ninguem imagina como os ricos são importunados. Conheço alguns que recebem diariamente pelo menos vinte pessoas que lhes fazem solicitações. Nas minhas viagens acontece-me ás vezes encontrar numa sala onde vou buscar recursos meia duzia de typos que ali se acham movidos pelas mesmas razões que me levaram. E esses pedidos representam uma insignificancia, comparados aos que chegam pelo correio. Ninguem calcula o numero de almas

generosas que prodigalizam silenciosamente centenas de dollars e têm fama de sovinas. Cito como exemplo duas senhoras de Nova York, duas criaturas admiraveis que, alem de varios donativos á escola, nos facultaram meios de construir, nestes ultimos oito annos, tres grandes edificios. Tenho a certeza de que não dispensam as suas liberalidades apenas em Tuskegee: procuram sem descanso obras dignas de amparo. Comtudo os seus nomes raramente figuram nas listas de subscrições.

Não obstante me haver occupado em arranjar para a caixa de Tuskegee algumas centenas de milhares de dollars, sempre evitei o que em geral se considera *mendicidade*. Nunca *mendiguei*. E' verdade que não vou exigir brutalmente o dinheiro dos ricos. Parto deste principio: a gente que possui habilidade necessaria para ganhar tem, é claro, sabedoria bastante para gastar. A melhor maneira de interessal-a por uma causa é apresentar os factos simplesmente e dignamente. Isto vale mais que a mendicidade.

Comquanto seja penosa, desagradavel e até nociva á saude, a obrigação de bater nas portas nos dá alguma satisfação. Travamos conhecimento com optimas pessoas, as melhores do mundo.

Um dia, em Boston, fui visitar uma senhora muito rica. Enviei-lhe o meu cartão. E esperava

na antecâmara que ella me mandasse entrar quando o marido surgiu e me perguntou seccamente que estava fazendo ali. Antes de me explicar, o homem se tornou tão grosseiro, tão violento, que dei-xei a casa sem receber a resposta da senhora. Continuei o meu caminho e pouco depois fui ver um cavalheiro, que me recebeu cordialmente. Offereceu-me uma quantia razoavel e cortou-me os agradecimentos com estas palavras:

— Estou muito reconhecido ao sr. Washington. E' uma honra contribuir para as grandes obras. O senhor se encarrega de trabalho que devia ser feito por nós, e por isto lhe ficamos obrigados.

De resto posso affirmar que a primeira categoria de homens vai escasseando, enquanto a segunda cresce. Agora os ricos chegam a considerar os que lhes solicitam contribuições como agentes que os substituem junto aos necessitados. Isto é muito differente da mendicancia.

Raramente os habitantes de Boston me fazem um donativo sem dirigir-me palavras amaveis. É uma gente de extrema delicadeza, que parece julgar-se feliz quando a convidam a desembolsar. Em nenhuma parte encontrei como ahi desenvolvido o espirito christão. É claro que elle existe em outras cidades: cada vez mais o mundo se habitua a dar.

Nas minhas primeiras tentativas aconteceu-me palmilhar estradas e ruas, dias inteiros, sem receber um dollar. Decepções e mais decepções me acabrunhavam durante uma longa semana. De repente offertas generosas surgiam donde eu menos esperava, e casas que me pareciam acolhedoras se fechavam.

Disseram-me ha tempo que um capitalista residente a meia legua de Stamford, no Connecticut, desejava conhecer a situação de Tuskegee e as suas necessidades. Puz-me a caminho num dia tempestuoso, andei a meia legua a pé e, a custo, consegui avistar-me com o sujeito. Falei, expliquei, demonstrei, elle me ouviu attento, interessou-se pelo que eu lhe dizia e nada me deu. Retirei-me certo de haver conversado tres horas á toa. Um desastre. Emfim tinha cumprido o meu dever. Dois annos depois recebi esta carta:

“Aqui lhe envio para a obra de Tuskegee um cheque de dez mil dollars. A minha intenção era legar-lhe esta somma em testamento, mas, reflectindo, achei melhor offerecel-a agora. Guardei excellente impressão da visita que o senhor me fez, ha dois annos”.

Nenhuma generosidade me deu tanta alegria. Era o presente mais importante que havíamos recebido e cahia do céu, num momento de vaccas magras. Não ha nada peor que ser director dum gran-

de estabelecimento quando existem obrigações pesadas, o dinheiro falta e o desgraçado se volta para os quatro cantos e não sabe onde arranjar-o. É medonho.

Juntando-se ás responsabilidades, um pensamento angustiava-me: se a nossa empresa fosse dirigida por brancos e falhasse, apenas a educação dos negros, especialmente os da região, ficaria comprometida; conduzida por nós, a escola não podia vir abaixo sem arruinar a minguada confiança do povo na raça negra, que seria condemnada irrevogavelmente como refractaria á civilização. O cheque dos dez mil dollars livrou-me dum pesadelo.

A primeira vez que vi o sr. Collis P. Huntington, grande proprietario de caminhos de ferro, obtive dois dollars para o instituto. Mais tarde elle me enviou cincoenta mil dollars, que vieram engrossar o capital do estabelecimento. Alem desse, outros donativos generosos nos foram feitos pelo sr. e pela sra. Huntington.

Dirão talvez que tivemos boa estrella. Conversa. Não houve estrella, o que houve foi perseverança. Nenhuma vantagem nos chega por acaso. Não me zanguiei com o sr. Huntington quando elle me offereceu dois dollars, mas decidi provar-lhe que mereciamos quantia mais avultada. Esforcei-me doze annos por convencel-o e tive o prazer de

notar que elle seguia cuidadosamente os progressos de Tuskegee e que as suas offertas eram proporcionaes a elles. Deu-nos dinheiro e conselhos preciosos relativos á administração da casa.

Muitas vezes me vi em cruel embaraço nas minhas peregrinações pelo Norte. Cito um caso que ainda não contei receando que não me dessem credito. Achava-me em Providencia (Rhode Island) e não tinha com que pagar almoço. Atravessando uma rua para visitar certa senhora de quem esperava recursos, vi no trilho do bonde uma moeda nova de prata. A esta fracção de pecunia juntouse, minutos depois, uma quantia regular que a senhora mencionada me deu.

Num começo de anno ousei pedir o sermão do costume ao reverendo E. Winchester Donald, doutor em theologia, reitor da igreja da Trindade, em Boston. Não havendo no collegio sala que pudesse conter o pessoal todo, fizemos uma enorme tenda com pranchas cobertas de verdura. Mal o reverendo começou o sermão, uma chuva torrencial forçou-o a interromper-se. Alguem tentou abrigal-o, inutilmente. Quando vi o reitor da igreja da Trindade em pé, silencioso, esperando o fim do aguaceiro debaixo dum velho guarda-chuva, percebi que o meu convite fôra temerario. Veio a calma, o dr. Donald terminou a falação, optima, e depois, livre das vestes humidas, achou que Tuskegee

necessitava uma capella grande. No dia seguinte recebi de duas senhoras que viajavam pela Italia uma carta e o dinheiro sufficiente para realizarmos o conselho do reverendo.

Ultimamente o sr. Andrew Carnegie nos offereceu vinte mil dollars para uma bibliotheca nova. Como a que possuimos occupava espaço reduzido, num canto de cabana, procurei-o, mas a principio elle se interessou mediocrementemente pelo assumpto. Gastei dez annos para convencel-o de que mereciamos assistencia. Ao cabo dum rude labor teimoso, escrevi-lhe a seguinte carta:

“15 de Dezembro de 1900.

Sr. Andrew Carnegie — Avenida 51, n.º 5 —

Nova York.

Illmo. Sr.

Em conformidade com o desejo que V. S. me expressou em sua casa ha alguns dias, tomo a liberdade de endereçar-lhe este pedido relativo a uma bibliotheca. A nossa escola conta mil e cem alumnos, oitenta e seis empregados e professores, que vivem com suas familias, e cerca de duzentas pessoas de côr habitam nos arredores. Toda essa gente faria uso da bibliotheca. Temos doze mil livros, mas não dispomos dum lugar conveniente para collocal-os e falta-nos salão de leitura.

Os alumnos que nos deixam dedicam-se a profissões uteis, no Sul, e os conhecimentos que

obtêm aqui exercem influencia benefica sobre toda a raça negra.

Uma bibliotheca poderia custar vinte mil dollars, approximadamente. A fabricação de telhas e tijolos, trabalhos de pedreiro, marceneiro, serralheiro, tudo isto os alumnos executam. O dinheiro que V. S. nos desse teria uma dupla vantagem: habilitaria muitos rapazes nos varios officios que exige a construcção duma casa e, como o trabalho deles é pago, facultar-lhes-ia meios de liquidar as suas contas na escola.

Estou certo de que esses vinte mil dollars contribuiriam efficazmente para a elevação duma raça inteira.

Caso V. S. deseje outros esclarecimentos, estou ás suas ordens.

Amigo, admirador,

Booker T. Washington, director".

Passados alguns dias, chegou-me esta resposta:

"Professor Booker Washington — Tuskegee,
Alabama.

Illmo. Sr.

Com muito prazer farei os gastos necessarios á construcção duma bibliotheca, até a importancia de vinte mil dollars. Considero uma felicidade poder assim manifestar-lhe o interesse que tenho pela sua generosa empresa.

Saudações.

Andrew Carnegie".

Sempre dirigi os negocios em Tuskegee e mantive relações com os bemfeitores da escola obedecendo a principios rigorosamente commerciaes. Adoptei, no desempenho das minhas funcções, methodos que um banco de Nova York não desaprovava.

Referi-me a sommas importantes recebidas pelo instituto, mas — coisa espantosa — foi especialmente graças a ofertas miudas, feitas por desconhecidos, que elle prosperou. Dessas insignificancias, dessas migalhas que revelam a sympathia da multidão dos pobres, depende, penso eu, o exito de todas as obras de philanthropia.

Admiraveis os ministros das igrejas, diariamente importunados por todo o genero de pedidos e comtudo cheios de paciencia e bondade. Se não me sobrassem razões para crer na efficacia da vida christã, o que nestes ultimos trinta e cinco annos os pastores fizeram pelo desenvolvimento da raça negra bastaria para transformar-me em christão. As pequenas moedas colhidas nas escolas dominicaes, nas associações de actividade christã, nas missões, muito contribuíram para levantar o negro rapidamente.

A proposito desses fracos donativos, devo mencionar o costume que os nossos alumnos tomaram de, quando nos deixam, enviar-nos uma contribuição annual que chega no maximo a dez dollars.

Ao começarmos o terceiro anno recebemos com surpresa, de tres pontos, consideraveis dotações que até hoje permanecem. A primeira nos veio do congresso estadual do Alabama, que de dois mil dollars elevou para tres mil a importancia que o orçamento nos destinava. Mais tarde o sr. F. Foster, deputado pelo districto de Tuskegee, conseguiu novo augmento para quatro mil e quinhentos dollars. A segunda nos foi concedida pela fundação John F. Slater. No começo eram apenas mil dollars, mas houve successivos accrescimos e actualmente recebemos onze mil dollars por anno. Devemos a terceira á fundação Peabody, quinhentos dollars a principio e hoje mil e quinhentos.

Dirigindo-me aos encarregados dessas instituições, travei conhecimento com dois homens que muito se occuparam com a educação do negro: o dr. J. L. M. Curry, de Washington, agente geral das duas fundações, e o sr. Morris K. Jesup, de Nova York. O dr. Curry, sulista, é um antigo soldado da Confederação, amigo sincero dos negros, absolutamente livre de preconceitos de raça. No Sul brancos e negros depositam confiança nelle, coisa notavel. Encontrei-o pela primeira vez em Richmond, na Virginia. Conhecia-o de nome. E inexperiente, ainda novo, approximei-me d'elle tremendo. Recebeu-me com amizade, incutiu-me coragem, deu-me bons conselhos. Pareceu-me descobrir

nesse homem um desinteresse completo, a preocupação unica de trabalhar pelo bem da humanidade. Quanto ao sr. Morris K. Jesup, thesoureiro da fundação Slater, era um cavalheiro que, apesar das suas numerosas responsabilidades, consagrava generosamente á questão negra tempo, dinheiro e intelligencia. Muito deve a elle o ensino profissional.

CAPITULO XIII

UM DISCURSO DE CINCO MINUTOS

Pouco depois da abertura do internato, grande numero de pessoas, homens e mulheres, realmente capazes, mas tão pobres que não podiam satisfazer as modicas despesas escolares, pretenderam matricular-se no instituto. Era uma lastima recusal-os. Assim, em 1884, estabelecemos para alguns delles um curso nocturno, semelhante ao que haviamos organizado em Hampton.

Inscreveram-se doze candidatos. Dez horas de trabalho diario nas officinas e duas horas de estudo á noite. Começada tão modestamente, a classe nocturna progrediu e hoje conta quatrocentos e cincoenta e sete alumnos. Tem para mim grande importancia, pois ahi experimentamos a resistencia e o valor dos nossos moços. Quem trabalha dez horas seguidas fabricando tijolos ou lavando roupa, um anno, dois annos a fio, para conquistar o direito de consultar os livros, tem boa tempera, e é justo que nos interessemos pela sua educação.

Deixando a escola nocturna, o alumno passa aos cursos ordinarios e estuda quatro dias por semana. Reserva dois para o seu officio, a que em geral dedica tambem os tres mezes de verão. Em regra o individuo que resiste á prova da escola nocturna acha meio de instruir-se. Aqui nenhum estudante, embora rico, se furta ás occupações manuaes, que hoje são tão populares como os cursos de letras. Algumas das pessoas mais competentes sahidas de Tuskegee começaram pela escola nocturna.

Insistindo no trabalho e na industria, não esquecemos a religião e o espirito. A escola, sem se filiar a nenhuma seita, é absolutamente christã. Não descuidamos as prégações, as aulas dominicaes, as preces.

Em 1885 casei-me com Olivia Davidson, já mencionada, uma das obreiras mais energicas do instituto. A vida familiar não lhe perturbou a actividade: permaneceu no trabalho, ora em Tuskegee, ora em viagens de collectas pelo Norte. Morreu em 1889, depois de oito annos de labor penoso, literalmente gasta no serviço aspero a que se consagrava. Deixou-me dois filhos bellos e intelligentes: Baker Taliaferro e Ernesto Davidson. O mais velho, Baker, já entrou na fabricação do tijolo.

Muitas vezes me perguntaram como principiei a falar em publico. Direi em resposta que nunca tencionei empregar o meu tempo em palavras.

Sempre achei mais util *fazer* algumas coisas que *falar* sobre a necessidade de fazel-as. Parece que na minha tournée de conferencias pelo Norte, em companhia do general Armstrong, o sr. Thomas W. Bicknell, presidente da Associação da Instrução Publica, me ouviu falar. Poucos dias depois da viagem esse cavalheiro me convidou para fazer um discurso na proxima assembléa da associação, que se devia reunir em Madison, no Wisconsin. Aceitei o convite. Para bem dizer, foi ahi que iniciiei a minha carreira de orador. Havia umas quatro mil pessoas na sala, entre ellas muitas do Alabama e algumas de Tuskegee. Varios conhecidos meus me disseram com franqueza depois que tinham ido á reunião esperando ouvir-me atacar violentamente o Sul. Ficaram surprehendidos: não fui aggressivo e fiz justiça aos sulistas referindo-me ás coisas louvaveis realizadas por elles. Uma senhora, branca, professora num collegio de Tuskegee, escreveu ao jornal da terra declarando-se espantada e contente por notar que eu agradecia aos brancos o auxilio que elles me haviam prestado na fundação da escola. Esse discurso de Madison foi o primeiro que fiz relativamente ao problema das raças. O auditorio concordou commigo, supponho.

Ao chegar a Tuskegee, eu havia decidido estabelecer-me ahi, acceitar a minha parte de humi-

lhação ou de orgulho pelo mal ou pelo bem que no lugar houvesse, tornar-me emfim um cidadão do Alabama. Resolvi não dizer publicamente aos nor-tistas o que não estivesse disposto a dizer aos su-listas.

Cedo me capacitei de que é bem difficil con-verter um individuo injuriando-o: em vez de mar-telar unicamente nos seus defeitos, devemos lou-var-lhe as boas acções.

Assim procedendo, nunca deixei de, sendo ne-cessario, chamar a attenção do publico, em termos inequivocos, para as faltas que aqui se commettem. Percebi que muitos cidadãos acceitam de boa von-tade as criticas honestas. Se é preciso atacar o Sul, não devemos ir a Boston para isto: é no Sul que devemos falar. Um sujeito de Boston que viesse censurar esta cidade no Alabama teria exito menor que se se dirigisse aos habitantes de Boston.

No discurso de Madison affirmei que, em vez de atihar discordias entre as duas raças, deviamos tentar approximal-as. Sustentei que, ao votar, o negro acabaria levando em consideração o lugar onde vive e produz, não o interesse de politicos dis-tantes que ignoram a existencia do eleitor e as suas necessidades. O futuro do negro dependia, affir-me, de elle se tornar, pela habilidade ou pela intel-ligencia, tão util que a sociedade não o pudesse dis-

pensar. Se um homem se habituava a fazer qualquer coisa melhor que os outros, se fazia coisas ordinarias de maneira pouco ordinaria, estava seguro na vida. Assim, o negro seria acatado se produzisse objectos indispensaveis á collectividade. Citei o caso dum dos nossos alumnos que chegara a colher duzentos e setenta alqueires de batatas em meio hectare numa terra onde a producção média era apenas de noventa e oito alqueires por hectare. Conseguira esse resultado graças ao conhecimento dos adubos chimicos e á applicação de methodos aperfeiçoados de agricultura. Os lavradores de raça branca vinham pedir-lhe conselhos a respeito do cultivo das batatas. E honravam-no porque, pela habilidade e pelo saber, esse homem augmentara a riqueza do lugar onde vivia.

Evidentemente eu não desejava que o preto se limitasse a produzir batatas de boa qualidade e em grande quantidade, mas se elle soubesse plantar batatas, lançaria as bases duma fortuna que daria a seus filhos e netos o direito de aspirar a situações elevadas.

Foram essas, em resumo, as idéas que sustentei no discurso de Madison. E desde esse tempo nada achei que me fizesse mudar de opinião.

Antigamente eu me enchia de colera, odiava os que, diffamando o negro, exigiam contra elle o rigor, a oppressão, medidas que lhe surripiassem os

meios de evolução, patrimonio de todos os homens. Hoje o sujeito que tenta por qualquer modo entrar o desenvolvimento dos outros não me inspira senão piedade. É um individuo que se retarda e gasta forças em vão, pois o progresso da humanidade é continuo.

O discurso de Madison constituiu para mim uma apresentação regular ao grande publico nordestista. E numerosos discursos vieram depois.

Desejava, porém, dirigir-me a um auditorio do Sul. Tive oportunidade para isto em 1893, quando se reuniu em Atlanta, na Georgia, o grande meeting internacional de trabalhadores christãos. Ao receber o convite, achava-me tão occupado em Boston que a viagem me pareceu impossivel. Comtudo, examinando cuidadosamente a lista de conferencias e de visitas a cidades, achei que poderia sahir de Boston, chegar a Atlanta meia hora antes da reunião e uma hora depois della retomar o trem de Boston. O convite dava-me cinco minutos para o discurso, e isto era o diabo. Que poderia eu metter num discurso de cinco minutos? Talvez nem valesse a pena fazer a viagem.

Grande parte do auditorio se comporia de pessoas influentes. Era uma boa occasião de mostrar o que tentavamos fazer em Tuskegee e ao mesmo tempo falar das relações entre as duas raças. De-

acidi emprehender a viagem. Arenguei cinco minutos a um publico de duas mil pessoas, na maioria brancos do Norte e do Sul, e o discurso agradou. No outro dia os jornaes commentaram-no com benevolencia em differentes pontos do paiz. Alcancei pouco mais ou menos o meu objectivo, ser escutado pela classe dominante no Sul.

D'ahi em diante os discursos tornaram-se frequentes e dediquei a elles o tempo que pude economizar ao meu trabalho em Tuskegee. Os que pronunciei no Norte quasi todos se destinaram á aquisição de recursos para a escola; á gente de côr expliquei as vantagens da educação technica, complemento necessario da instrucção religiosa e litteraria.

Vou agora narrar um incidente que excitou curiosidade e contribuiu para dar-me uma reputação que posso considerar como nacional. Refiro-me ao discurso que fiz na Exposição internacional dos Estados productores de algodão, em Atlanta, a 18 de Setembro de 1895. Falaram tanto sobre elle, fizeram-me tantas perguntas que os leitores me perdoarão talvez alguns pormenores. O primeiro discurso, o de cinco minutos, originou o segundo.

Na primavera de 1895 varios cidadãos influentes de Atlanta me telegrapharam pedindo-me que acompanhasse os representantes que essa cidade

mandava a Washington com o fim de solicitar, perante uma comissão do congresso, o auxilio do governo á Exposição. Os mandatarios de Atlanta eram uns vinte e cinco cidadãos importantes da Georgia, todos brancos, excepto o bispo Grant, o bispo Gaines e eu. Diversos brancos e os dois bispos negros fizeram-se ouvir diante da comissão. O ultimo nome da lista dos oradores era o meu. Nunca me havia achado em frente a semelhante publico, nunca falara na capital dos Estados Unidos, não sabia direito o que ia dizer e duvidava que as minhas palavras fossem bem recebidas. As recordações que guardo desse dia são confusas. Lembro-me de haver dito que, se o congresso desejava livrar o Sul da questão negra e estabelecer harmonia entre os dois povos, devia estimular por todos os modos o progresso material e moral de ambos. Na Exposição de Atlanta as duas raças teriam ensejo de mostrar o que haviam realizado depois da abolição e ganhariam incentivo para desenvolver-se ainda mais. Affirmei que, embora fosse um crime arrancar ao negro por meios fraudulentos o direito de voto, não era comtudo a agitação politica que poderia salvar-o. Para completar o direito de voto seria necessario que elle possuisse alguma coisa, tivesse habilidade, energia, intelligencia e character. Se o congresso concedesse o credito pedido, faria alguma coisa util e duravel pelas duas

raças. E aquella era a primeira occasião que se apresentava para isso depois da guerra civil.

Finda a allocução, que durou uns quinze ou vinte minutos, recebi com surpresa felicitações calorosas dos homens da Georgia e dos congressistas. A commissão unanime assignou um relatorio favoravel e ao cabo de poucos dias foi votado o credito para a Exposição de Atlanta.

Pouco depois da viagem a Washington os directores da Exposição resolveram construir um grande e bello edificio destinado a patentear o desenvolvimento do negro. O plano seria traçado por um architecto negro e operarios negros se encarregariam da construcção. Realizou-se o projecto. E o pavilhão negro, em belleza e acabamento, nada ficou a dever aos outros. Quizeram confiar-me a direcção d'elle, mas alleguei as minhas occupações em Tuskegee e propuz a nomeação do sr. J. Garland Penn, de Lynchbourg, na Virginia. A exposição negra nos fez honra, especialmente as secções de Hampton e Tuskegee.

Approximando-se o dia da abertura, a administração elaborou o programma de inauguração. E achou que devia inscrever entre os oradores um representante da raça negra, já que se havia dado aos negros lugar tão importante na Exposição. Era um meio excellente de se evidenciarem as boas rela-

ções que pareciam estabelecer-se entre as duas raças. Naturalmente essa idéa foi combatida, mas a comissão, composta de liberaes, admittiu o orador negro e tratou de escolhel-o. Discutiu varios dias, afinal resolveu chamar-me.

Ser-me-ia difficil explicar a quem nunca se achou em situação analogá á minha a confusão que senti ao receber o convite official. Lembrava-me de ter sido escravo, de ter passado a infancia em pobreza e ignorancia profundas. Não me julgava preparado para aguentar semelhante responsabilidade. Alguns annos antes qualquer branco do auditorio teria podido reclamar-me como escravo. E talvez houvesse ali alguns dos meus antigos senhores.

Era a primeira vez que se convidava um membro da minha raça a falar na mesma tribuna que homens brancos occupavam, em hora de solennidade, perante a riqueza e a cultura da região, os meus amos de outr'ora. Alem de brancos do Sul, haveria brancos do Norte e um numeroso contingente de pretos.

Eu estava decidido a falar a verdade, lealmente. O convite nada continha a respeito do que devia ser dito ou omittido, e isto provava a confiança da comissão directora, pois ahi não se ignorava

que, por uma palavra inconveniente, eu poderia comprometter o exito da Exposição. Ao mesmo tempo uma idéa me affligia: conservando-me fiel ao meu povo, arriscava-me a commetter incivilidades funestas que teriam como consequencia nenhum negro ser chamado outra vez para reuniões daquelle natureza. Aliás era preciso fazer justiça ao Norte e aos elementos bons do Sul.

Os jornaes exploraram longamente o meu futuro discurso, e á medida que elle se approximava os debates tomavam proporções consideraveis. Nas folhas do Sul não faltava quem malsinasse a resolução de se dar a palavra a um negro. Por outro lado os pretos me offereciam conselhos abundantes a respeito do que eu deveria dizer. Nas viziñhanças de 18 de Setembro senti o coração apertar-se, temi um desastre completo.

O convite chegara no inicio do anno escolar, num momento em que os trabalhos me absorviam. Compuz o discurso, li-o a minha mulher, que o approvou. A 16 de Setembro, vespera da viagem a Atlanta, os professores de Tuskegee exprimiram o desejo de conhecê-lo. Finda a leitura, pareceu-me que todos estavam satisfeitos.

A 17 pela manhã parti para Atlanta com a mulher e os tres filhos. Sentia pouco mais ou menos a impressão que deve sentir um sujeito que

marcha para a forca. Ao sahir de Tuskegee topei um lavrador branco do suburbio, que me disse rindo:

— Washington, até agora você falou a brancos do Norte, a pretos do Sul e a nós outros camponezes brancos do Sul. Mas amanhã vai arranjar-se com brancos do Norte, brancos do Sul e pretos, tudo junto. Mau negocio.

Essa franqueza não diminuiu a minha perturbação.

Na viagem de Tuskegee a Atlanta, brancos e negros em quantidade vieram ás estações, falar-me sobre o que iria acontecer no dia seguinte. Em Atlanta muitos brancos foram receber-me. E, ao descer do trem, ouvi estas palavras dum negro velho:

— Está ahi o homem da minha raça que amanhã vai fazer um discurso na Exposição.

A cidade estava repleta. Viera gente de toda a parte, havia representantes de paizes estrangeiros e deputações militares e civis. Os jornaes vespertinos exhibiram manchettes enormes. A minha inquietação crescia. Á noite não consegui dormir. No outro dia muito cedo repassei cuidadosamente o discurso e, segundo o meu costume, ajoelhei-me e rezei. Habituei-me a fazer uma preparação especial quando falo. Dois auditorios nunca são abso-

lutamente semelhantes, e o meu desejo é impressionar todos os ouvintes. Pouco importa o effeito que o discurso vai produzir no jornal ou num meio differente do que me escuta. Neste concentro o pensamento e a energia.

No dia 18 pela manhã vieram buscar-me, levar-me ao cortejo que ia dirigir-se ao recinto da Exposição. Havia negros importantes em carruagens e diversas commissões militares de côr. Notei que se esforçavam para que os negros fossem bem tratados. Gastámos tres horas, sob um sol ardente, para alcançar o terreno da Exposição. O calor infernal augmentava-me a excitação nervosa, acovardava-me. Julguei um instante que ia desfallecer, succumbir, arrasar-me. Ao chegarmos ao local da festa, percebi num golpe de vista a sala immensa completamente cheia. E no exterior apinhavam-se milhares de pessoas que não tinham conseguido entrada.

Ao apparecer fui recebido com applausos vigorosos dos negros e um fraco sussurro dos brancos. Destes, segundo me haviam communicado, alguns sympathizavam commigo, outros estavam ali por curiosidade e muitos, o maior numero, desejavam assistir ao meu embaraço, ter o direito de amofinar a commissão directora: “Eu não dizia?”

Um dos membros do conselho administrativo do instituto de Tuskegee, meu amigo pessoal, o sr.

William H. Baldwin Junior, director geral da estrada de ferro do Sul, achava-se por acaso em Atlanta nesse dia. Inquietavam-no tanto as consequências do meu discurso que não se animou a entrar na sala: passeou pelos arredores esperando o fim da cerimonia.

CAPITULO XIV

O DISCURSO DA EXPOSIÇÃO DE ATLANTA

Abriu a Exposição de Atlanta, em breves palavras, o governador Bullock. Depois de varios numeros interessantes, entre os quaes uma prece do bispo Nelson, da Georgia, uma poesia de Albert Howell Junior, allocuções do presidente da Exposição e da sra. Joseph Thompson, o governador Bullock apresentou-me nos termos seguintes:

— Ha entre nós hoje um representante da actividade negra e da civilização negra.

Ao levantar-me, fui recebido com applausos numerosos, especialmente dos homens de côr. Uma idéa me preocupava naquelle momento: dizer qual-quer coisa que determinasse a approximação das raças. No que se refere ao exterior o que guardei foram alguns milhares de olhos fixos em mim.

Aqui vai o discurso que pronunciei:

“Sr. presidente, srs. membros da commissão directora, cidadãos:

Um terço da população do Sul é de raça negra. Nenhuma empresa tendente ao bem material, politico e moral da região onde vivemos

poderia desprezar esse elemento sem comprometer-se. Exprimo o sentimento do meu povo dizendo, sr. presidente e srs. directores, que a dignidade e o valor do negro americano não receberam paga mais adequada que a exhibição aqui feita de todas as phases do seu progresso. Essa demonstração será mais util para cimentar as relações entre as duas raças que tudo quanto se realizou depois da nossa libertação.

Não é tudo. A oportunidade que hoje nos offerecem determinará uma nova era de progresso industrial. Ignorantes e inexperientes como eramos, nos primeiros annos de liberdade começámos pela cumieira em vez de começarmos pelo alicerce; buscámos lugares no congresso e nas assembléas dos Estados, esquecendo a propriedade territorial e a industria; a convenção politica e a eloquencia dos meetings foram para nós mais importantes que a fundação duma leiteria e a cultura dos legumes.

Uma embarcação longos dias perdida no mar encontrou de repente um navio amigo e mandou-lhe este pedido angustiado:

— Agua, agua. Estamos mortos de sede.

A resposta do barco amigo não tardou:

— Lançae o balde ahi onde estaes.

Novamente o signal afflicto surgiu na ponta dum mastro:

— Agua, mandae-nos agua.

E a mesma resposta se repetiu:

— Lançae o balde ahi onde estaes.

Terceira e quarta vez a supplica anciosa se reproduziu. E sempre o mesmo conselho:

— Lançae o balde.

Afinal o capitão do navio perdido desceu o balde, que subiu cheio de agua fresca e pura da boca do Amazonas.

Aos negros que desejam emigrar para conseguir sorte melhor, que se afastam do vizinho branco, direi:

— Lançae o balde ahi onde estaes, procurando a amizade dos homens que vos cercam. Lançae o balde na agricultura, nas artes mechanicas, no commercio, no serviço domestico, em todas as profissões.

E' bom nos lembrarmos de que, não obstante os erros commettidos nesta região, o negro acha no Sul, em tudo quanto se refere a negocios, as vantagens conferidas aos outros cidadãos. E os productos hoje aqui expostos demonstram nitidamente esta igualdade. Corriamos o risco de, no salto da escravidão para a vida livre, pretender uma existencia facil e desoccupada. Não nos devemos esquecer de que só prosperamos se aprendermos a exaltar e glorificar o trabalho manual, empregar intelligencia e destreza nos misteres ordinarios, pôr de lado bagatelas e ater-nos ás coisas essenciaes. Nenhum povo se eleva emquanto não souber que é tão digno cultivar um campo como escrever um poema. E' pela base da vida e não pelo cume que precisamos começar. Não deveriamos permittir que as nossas queixas annullassem os nossos privilegios.

Aos brancos que desejam subordinar o desenvolvimento do Sul á immigração de massas extranhas, de nascimento, linguas e costumes

differentes dos nossos, repito o que já disse aos homens da minha raça:

— Lançae o balde ahi onde estaes. Lançae-o entre oito milhões de negros que bem conheceis, que vos mostraram fidelidade quando a traição teria causado a ruina dos vossos lares. Lançae o balde entre pessoas que, sem greves nem revoltas, cultivaram os vossos campos, abateram as vossas florestas, construíram cidades e caminhos de ferro, tudo vosso, arrancaram thesouros das entranhas da terra e possibilitaram esta representação magnifica do progresso do Sul. Se descerdes baldes entre os homens da minha raça, auxiliando-os, animando-os, dando-lhes meios de utilizar o espirito e as mãos, vereis que elles vos comprarão as terras devolutas, beneficiarão as vossas fazendas, darão prosperidade ás vossas fabricas. Ficae certos de que vos cercarão familias pacientes e fieis, obedientes á lei, incapazes de odio. Como no passado já vos provámos a nossa dedicação, tratando de vossos filhos, velando á cabeceira de vossos paes e muitas vezes, com lagrimas nos olhos, conduzindo-os ao tumulo, assim no futuro permaneceremos ao vosso lado, com uma affeição que nenhum estrangeiro teria, promptos a dar a nossa vida para defender a vossa, em caso de necessidade, juntando a nossa actividade industrial, commercial, civil e religiosa á vossa. Confundir-se-ão os interesses das duas raças. Em todas as coisas puramente sociaes poderemos estar separados como os dedos da mão, e como os dedos da mão nos uniremos no que for essencial ao progresso mutuo. Só

ha garantia e segurança para nós no desenvolvimento completo de todos. Sejam as energias gastas com o fim de entrar a expansão da gente negra empregadas utilmente estimulando-a. Teremos cidadãos aptos, os esforços despendidos darão um lucro de mil por cento. Dezeseis milhões de braços vos ajudarão a transportar o vosso fardo, se não preferirdes carregal-o sem auxilio, achando-o demasiado leve. Constituiremos um terço da ignorancia e do crime no Sul, ou um terço da sua intelligencia e do seu progresso. Contribuiremos com a terça parte nos negocios e na prosperidade industrial do Sul. Ou seremos um peso morto, um elemento inutil no corpo social.

Senhores da Exposição, no momento em que vos apresentamos os resultados do nosso trabalho modesto, é preciso que não sejaes muito exigentes. Começámos ha trinta annos, tendo como propriedade alguns cobertores, cabaças e frangos, conseguidos sabe Deus como. O caminho que andámos para chegar a dirigir pharmacias e bancos, fabricar ou inventar instrumentos agricolas, carros, machinas, jornaes, livros, estatuas, gravuras e pinturas, não foi isento de espinhos. Orgulhando-nos, porém, do que agora exhibimos, producto do nosso esforço, não esquecemos um só instante que a nossa parte nesta Exposição seria menor se a nossa educação não fosse objecto da solicitude constante dos Estados do Sul e especialmente dos philanthropos do Norte, que para nós têm canalizado um verdadeiro rio de beneficios.

Os homens experientes da minha raça comprehendem que a agitação relativa ás questões de igualdade social é uma grande loucura e que os privilegios que teremos um dia serão consequencia dum esforço obstinado, não coisa obtida artificialmente. Nenhuma raça que leva qualquer coisa aos mercados da terra permanece no ostracismo. E' importante e justo gozarmos as vantagens que a lei nos proporciona, mas é muito mais importante estarmos aptos para o exercicio dessas vantagens. O direito de ganhar um dollar na fabrica vale mais que o direito de gastar um dollar no theatro.

Terminando, repetirei que, nestes ultimos trinta annos, nada nos deu mais esperanza e coragem, nada nos ligou mais aos brancos que o encontro que aqui se realiza. E, perante os resultados dos trabalhos das duas partes, prometto que, na tarefa que ides executar para resolver o problema difficil imposto ao Sul, tereis sempre o auxilio paciente da minha raça. Não esqueçamos, porém, que, sejam quaes forem os bens resultantes da exhibição dos productos do campo, da floresta, da mina, da fabrica, das letras e das artes, acima disto virá um beneficio maior — justiça imparcial, obediencia voluntaria de todos á lei, desapparecimento de hostilidades regionaes e desconfianças. E' isto que, junto á prosperidade material, trará ao nosso amado Sul uma era nova de felicidade e regeneração."

Quando acabei de falar, o governador Bullock atravessou o palco e veio apertar-me a mão, acto

que outros imitaram. Recebi tantos parabens que tive difficuldade em sahir do edificio. No outro dia, porém, percorrendo a zona commercial de Atlanta, é que fiz idéa da impressão causada pelo meu discurso. Ao ser reconhecido, fui apontado, envolvido por uma chusma de curiosos. Isto aconteceu em todas as ruas por onde andei. Acanhado, metti-me no hotel. Na manhã seguinte regressei a Tuskegee, e na viagem achei as estações repletas de individuos que desejavam felicitar-me.

Os jornaes dos Estados Unidos publicaram o discurso na integra, e durante mezes fizeram-me referencias amaveis. O sr. Clark Howell, director da *Constituição*, de Atlanta, telegraphou a um jornal de Nova York:

“Não exaggero dizendo que o professor Booker T. Washington fez hontem um dos discursos mais importantes que já foram pronunciados no Sul, tanto pelo que vale como pelo entusiasmo que provocou. Foi uma revelação, um verdadeiro programma offerecido a brancos e negros.”

A *Transcripção*, de Boston, publicou isto:

“O discurso de Booker T. Washington na Exposição de Atlanta esta semana parece ter lançado na sombra todos os outros acontecimentos e até a propria Exposição. A curiosidade que despertou na imprensa foi enorme.”

Comecei a receber propostas de agencias, de directores de revistas e jornaes para falar em publico e escrever artigos. Um desses estabelecimentos offereceu-me um contracto de cincoenta mil dollars por conferencia, cincoenta mil dollars liquidos. Respondi que só falaria no interesse da escola de Tuskegee e da raça negra, que não poderia tomar em consideração negocios que não se relacionavam com o meu trabalho habitual.

Enviei um exemplar do meu discurso ao presidente dos Estados Unidos, o sr. Grover Cleveland, e recebi esta resposta autographa:

“Gray Gables, Buzzard’s Bay, Mass.,
6 de Outubro de 1895.

Illmo. Sr. Booker T. Washington.

Caro senhor:

Agradeço-lhe a remessa do seu discurso pronunciado na Exposição de Atlanta. Felicito-o entusiasticamente por havel-o feito. Li-o com grande interesse e acho que a Exposição estaria amplamente justificada se outra coisa não fizesse senão dar-lhe ensejo de manifestar-se. As suas palavras encantam e animam os que se interessam pela sua raça. E seria realmente extranho que os nossos patricios de côr, ouvindo-as, não se enchessem de esperança para a con-

quista de todas as vantagens que o titulo de cidadão lhes offerece.

Subscrevo-me, com sympathia,

Grover Cleveland.”

Vi o sr. Cleveland pela primeira vez quando elle visitou a Exposição de Atlanta. Attendendo a um pedido que lhe fizemos, passou uma hora no pavilhão negro, onde examinou as coisas expostas e recebeu os cumprimentos da gente de côr. Impressionou-me sua simplicidade, a sua rude honestidade. Encontrei-o depois muitas vezes, em ceremonias publicas e na sua casa particular, em Princeton. E quanto mais o vejo mais o admiro. Na visita ao nosso pavilhão parecia entregar-se completamente ao povo negro. Apertava a mão duma velha esfarrapada como se falasse a um millionario. Muitos negros aproveitaram a occasião para pedir-lhe a assignatura em livros e em pedaços de papel. Com grande paciencia elle escrevia, e dava-nos a impressão de estar assignando documentos officiaes.

O sr. Cleveland honrou-me com a sua amizade e muito auxiliou a escola de Tuskegee fazendo-nos offertas e obtendo com a sua influencia donativos de outros. Nunca percebi nelle preconceitos de raça.

Aliás até hoje só notei prejuizos dessa natureza em criaturas mesquinhas, estreitas e fechadas, que não lêem, não viajam, não entram em relações com o grande mundo exterior. Um homem que se limita a perceber a differença que ha entre duas côres nunca perceberá as coisas elevadas e boas da terra. D'ahi á cegueira completa a distancia é pequena. Digo muitas vezes aos estudantes, nas minhas allocuções domingo á tarde na capella, que não merecemos vida se nos faltam meios de tornar os outros mais felizes e mais uteis.

Os negros e os jornaes negros a principio ficaram satisfeitos com o discurso de Atlanta e com as manifestações que elle produziu. Mas, passada a explosão de enthusiasmo, lido o discurso impresso, varias pessoas affirmaram que tinham sido hypnotizadas. Acharam que eu havia sido liberal demais nas considerações feitas aos brancos do Sul, que não me pronunciara com bastante força em favor dos direitos da raça. Durante algum tempo muitos negros me hostilizaram. Mais tarde, percebendo o erro, acceitaram as minhas idéas.

Alludindo a mudança de opinião publica, lembrei-me dum facto que não esquecerei. O dr. Lyman Abbott, pastor da igreja de Plymouth e director da *União christã*, pediu-me um artigo para o seu jornal a respeito da situação intellectual e moral dos pastores negros no Sul. Escrevi relatando

as minhas observações pessoaes, e o quadro que d'ahi resultou foi negro. Como sou negro, talvez andasse melhor dizendo que elle foi *branco*. Natural: uma gente que sahia da escravidão não podia ter pastores competentes.

Pois os ministros de côr indignaram-se e cartas de reprovação choveram em cima de mim. Associações religiosas pertencentes á minha raça votaram resoluções condemnando-me ou convidando-me a retractar-me. Muitas dessas organizações chegaram, nas ordens do dia, a recommendar aos pretos que não mandassem alumnos a Tuskegee. Despachou-se contra a escola um *missionario* que tinha a incumbencia de abrir os olhos aos paes de familia. Esse homem deu muitos conselhos aos outros, mas tinha um filho comnosco e teve o cuidado de não retiral-o. Diversos jornaes negros, especialmente os orgams de sociedades religiosas, atacaram-me rijamente.

Deixei que falassem, gritassem, e não me disse nem me expliquei: estava certo de que, reflectindo, os meus aggressores concordariam commigo. Ora, passado algum tempo, as auctoridades ecclesiasticas determinaram um inquerito rigoroso sobre a condição do ministerio e acabaram dando-me razão. O bispo mais antigo e mais influente dum dos ramos da Igreja methodista affirmou que

as minhas palavras eram muito indulgentes. Logo a opinião publica se manifestou exigindo a purificação do corpo sacerdotal. Embora essa obra esteja longe de completar-se, creio poder dizer sem vaidade que o meu artigo não foi extranho a um movimento destinado a melhorar o pessoal da Igreja. Tive o prazer de ouvir felicitações de pessoas que pouco antes me haviam censurado a franqueza.

A attitude dos pastores com relação a mim transformou-se completamente, e hoje em nenhuma outra classe tenho amigos tão bons.

A experiencia colhida nesse incidente convenceu-me de que, se temos razão e nos accusam, devemos calar-nos. O tempo se encarregará de justificar-nos.

Emquanto se discutia o meu discurso de Atlanta, recebi esta carta do dr. Gilman, presidente da Universidade John Hopkins:

“Universidade John Hopkins, Baltimore,
30 de Setembro de 1895.

Caro sr. Washington:

Agradar-lhe-ia ser um dos membros do jury na secção de instrucção publica de Atlanta? Caso accite a nomeação, terei muito prazer em pôr o seu nome na lista. Agradeço-lhe a remessa duma linha, por telegramma.

Saudações.

D. C. Gilman.”

Acho que fiquei mais surprehendido que ao receber o convite para falar na abertura da Exposição. Entrando no jury, eu teria o direito de julgar os trabalhos das escolas negras e os das brancas tambem. Aceitei o cargo e passei um mez em Atlanta, no exercicio desses novos deveres. O jury compunha-se dumas sessenta pessoas, brancos nordestas e sulista, entre elles directores de collegios, sabios, homens de letras e especialistas em muitos assumptos. Quando se organizou a minha secção, o sr. Thomas Nelson Page, em moção unanime-mente aceita, indicou-me para secretario. Aproximadamente metade dos meus companheiros era do Sul. Pois, examinando os papeis de escolas brancas, fui tratado invariavelmente com respeito, e no fim dos nossos trabalhos separei-me triste dos collegas.

Muitas vezes me pedem que diga francamente o que penso a respeito da condição politica da minha raça. Repito o que em Atlanta já disse claramente. Tempo virá em que o negro do Sul terá todos os direitos politicos que a habilidade, o caracter e a riqueza lhe permittirem. Julgo, porém, que esses direitos não serão arrancados á força, mas espontaneamente offerecidos pelo povo do Sul. Logo que os homens d'aqui deixem de suppor que *extrangeiros* os obrigam a fazer o que elles não desejam, acho que teremos transformações favoraveis

ao negro. Realmente ha signaes de que isso começou a manifestar-se. Permittam-me um exemplo. Imaginemos que, mezes antes da Exposição de Atlanta, tivesse havido fóra do Sul uma campanha, nos jornaes e na tribuna, para que um negro figurasse no programma da sessão inaugural. Pensam que se realizaria essa homenagem á raça? Creio que não se realizaria. Os homens da Exposição de Atlanta procederam daquelle modo porque tiveram satisfação em recompensar o que presumiam ser o merito da raça negra.

A minha opinião (e a maioria dos negros concorda commigo) é que devemos ser modestos nas aspirações politicas e contar com o effeito lento, mas seguro, da riqueza, da intelligencia e do caracter. A aquisição dos direitos politicos virá pouco a pouco, não será negocio dum dia. Certamente o negro precisa votar, pois não se habituaria sem voto á pratica dos deveres civicos, da mesma forma que uma criança não aprenderia a nadar fóra da agua. Mas julgo que, votando, elle deveria submeter-se á influencia dos homens superiores que o cercam. Conheço negros que, acceitando os conselhos de brancos, arranjam fazenda no valor de milhares de dollars. Esses mesmos negros não recorreriam aos brancos amigos em materia de eleição. Isto me parece desarrazoado. Falando assim, não pretendo que nos humilhemos, abandonemos

os principios. Se nos rebaixassemos, perderiamos a confiança e o respeito dos brancos.

E' na verdade bem extranho que um Estado conceda o direito de voto ao branco ignorante e indigente e negue esse direito ao negro que está nas mesmas condições. Semelhante lei é injusta e, como todas as coisas injustas, perigosa. Incita o negro a instruir-se e enriquecer e faz que o branco se deixe ficar na ignorancia e na pobreza.

Com a educação do povo e approximação das raças, as fraudes eleitoraes cessarão. Veremos que o sujeito que rouba a cedula de voto dum negro pode tambem roubar a dum branco e, de patifaria em patifaria, acaba enganchando-se num delicto grave. O Sul chamará todos os cidadãos ás urnas. E terá uma vida sã e vigorosa, muito differente da estagnação que se produz quando metade da população não toma interesse pela coisa publica.

Sou partidario do suffragio universal. Temos, porém, aqui no Sul condições particulares. Pelo menos por emquanto, em muitos Estados, deveria permittir-se o voto aos individuos que possuíssem alguma instrucção e alguma riqueza. Individuos pertencentes ás duas raças, é claro.

CAPITULO XV

O EXITO NA ARTE ORATORIA

Agora dou a palavra ao sr. John Creelman. Esse correspondente militar bastante conhecido assistiu á sessão e mandou ao *New York World* uma noticia que, melhor que as minhas palavras, dirá como foi recebido o discurso.

“Atlanta, 18 de Setembro.

Emquanto o presidente Cleveland esperava em Gray Gables o momento de lançar a faisca electrica que poria em movimento as machinas da Exposição de Atlanta, um Moysés negro se levantava perante um auditorio de brancos e fazia um discurso que ficará na historia do Sul. Ao mesmo tempo tropas negras marchavam em cortejo com as milicias da Georgia e da Luisiana. Desde o immortal discurso de Henry Grady na Sociedade da Nova Inglaterra, em Nova York, nada se fez que melhor puzesse em evidencia o espirito que hoje anima o Sul.

Quando o professor Booker T. Washington, director duma escola profissional negra em Tuskegee, no Alabama, se levantou para falar, meio cego pelo sol, que lhe punha no rosto um

brilho de prophesia, Clark Howell, successor de Henry Grady. me disse:

— O discurso deste homem vai ser o começo duma revolução moral nos Estados Unidos.

Pela primeira vez um negro se manifestou no Sul, em momento de alguma importancia, na presença de brancos dos dois sexos. E electrizou o publico: um enorme clamor, um ruido de tormenta abafou as suas ultimas palavras.

Quando a sra. Thompson se sentou, todos os olhos se pregaram num grande negro côr de bronze que occupava lugar na primeira fila do palco. Era o professor Booker T. Washington, director da escola normal e professional de Tuskegee, de agora em diante uma personagem notavel entre os da sua raça. A orchestra de Gilmore tocou a aria da *Star-Spangled Banner*, e todos applaudiram. Em seguida veio a aria de *Dixie*, e houve gritos freneticos. Com *Yankee Doodle* o entusiasmo diminuiu.

Toda a gente se preocupava com o orador negro. Extranho acontecimento: um negro ia falar em nome do seu povo, sem ser interrompido. O professor Booker Washington levantou-se, deu uns passos, tentou defender-se do sol, que entrava pelas janellas e lhe batia no rosto. Emquanto uma grande aclamação o acolhia, procurou lugar commodo no palco. Depois, resolutamente, affrontou a luz e, sem bater as palpebras, começou a falar.

Era uma figura imponente. Grande, magro, conservava-se direito como um chefe selvagem. Cabeça erguida, fronte altiva, nariz recto, queixo forte, boca firme e voluntariosa, dentes brancos

e olhos vivos, era realmente um typo soberbo. O pescoço bronzeado aprumava-se, um braço musculoso movia-se, a mão direita segurava fortemente um lapis. Os grandes pés se firmavam solidamente, os calcanhares juntos e os dedos para fóra. A voz clara e sonora arrastava-se nas passagens que era necessario sublinhar. Em menos de dez minutos a multidão agitou-se num entusiasmo delirante, os chapéos voaram. Senhoras da Georgia applaudiam ruidosamente.

E quando, erguendo a mão, os dedos separados, falou aos brancos do Sul: "Podemos, nas relações sociaes, estar afastados como os dedos da mão e nos juntarmos não obstante para o progresso geral", sua voz poderosa quebrou-se como uma vaga contra os muros da sala e acclamações furiosas arrebataram o publico. Nesse momento parecia surgir a imagem de Henry Grady envolto numa nuvem de fumo, no banquete de Delmonico, a exclamar: "Sou um Cavalleiro entre Cabeças-redondas".

Ouvi grandes oradores em muitos paizes, mas o proprio Gladstone não venceria aquelle negro anguloso que ali se erguia illuminado por um nimbo de sol, diante dos que outr'ora haviam pegado em armas para conservar a sua raça na escravidão. Os clamores augmentavam, e o rosto do homem permanecia impassivel.

Um grande negro retinto, esfarrapado, encolhido num canto, pregava no orador um olhar ardente e tremia, até que a salva final de applausos lhe arrancou uma torrente de lagrimas. Muitos outros choravam tambem, provavelmente sem saber porque.

Findo o discurso, o governador Bullock atravessou rapido o palco e apoderou-se da mão do orador. Uma segunda ovação rebentou, e os dois homens ficaram juntos alguns instantes, de mãos dadas.”

Depois do discurso de Atlanta, acceitei alguns convites para falar em publico, sobretudo quando me apparecia ensejo de visitar regiões onde a minha palavra podia ser util á raça negra. Referi-me largamente ás necessidades do meu povo e aos trabalhos de Tuskegee. Como não sou conferencista profissional, puz de lado a idéa de ganho.

Sempre me espantou, desde que falo em publico, notar que muitas pessoas abandonam os seus negocios por minha causa. Vendo a multidão invadir uma sala de conferencias para escutar-me, sinto-me confuso, lamento que ella se disponha a perder uma hora. Convidaram-me, ha alguns annos, para falar numa sociedade literaria de Madison, no Wisconsin. No meio duma tempestade de neve que durou muitas horas, dirigi-me ao local da reunião, só por descargo de consciencia, certo de que lá não estava ninguem. Pois achei a sala repleta, o que me causou verdadeiro assombro.

Já me perguntaram se me commovo ao fazer um discurso. Como arengo com frequencia, julgam que não estou sujeito a perturbações. Confesso que tenho momentos horriveis, e algumas vezes a

excitação é tão forte que prometto a mim mesmo não voltar á tribuna. E não é só antes de falar que essa angustia me atormenta: quando me calo, vem-me de repente uma enorme tristeza por haver esquecido coisas essenciaes que tencionava dizer.

Existem, porém, compensações. De ordinario ao cabo de alguns minutos livro-me dessa agitação e experimento um grande prazer, convenço-me de que influenciei o auditorio, estabeleci uma corrente de *sympathia* com o publico. Não ha satisfação igual á do orador que domina os seus ouvintes. Um fio parece ligal-os, um fio resistente, quasi visivel. Se entre mil homens estiver um que tenha opiniões contrarias ás minhas ou me ouça com frieza, sinto-lhe promptamente a hostilidade. Percebendo-o, dirijo-me exclusivamente a elle, e não ha nada melhor que ver o gelo derreter-se. Conto-lhe ás vezes uma historia, se bem que não conte anedotas pelo prazer de contal-as. Essa parolagem é prejudicial e não illude ninguem. Não devemos falar se não temos qualquer coisa para dizer. Se tivermos, podemos mandar ao diabo a rhetorica, os preceitos de elocução. Ha pausas, sem duvida, maneira de respirar, tom de voz, mas nada disso substitue a *alma* num discurso. Nas minhas licções em Tuskegee gosto de esquecer as regras de syntaxe ingleza e de rhetorica e acho bom que os alumnos tambem as esqueçam.

O que mais me transtorna quando falo é ver alguém levantar-se. Tento evitar isso tornando o discurso interessante, accumulando factos, de modo que ninguem tenha o desejo de retirar-se. Conveni-me de que devemos citar factos, em vez de nos determos em generalidades e em coisas de moral. Dêem aos homens, sob fôrma attrahente, muitos factos: elles tirarão as conclusões necessarias.

Os ouvintes que mais me agradam são os homens de negocio, intelligentes e vivos, como os de Boston, Nova York, Chicago e Buffalo. Nestes ultimos annos falei muito a esses commerciantes das cidades grandes. A hora conveniente de nos dirigirmos a elles é o fim dum bom jantar, embora não haja tortura peor que tomarmos parte numa refeição de quatorze pratos, esperando o momento de fazer um discurso e receando fiasco.

Sempre que me sento a essas mesas, lembro-me do meu tempo de criança, da casa de madeira onde vivi, pequeno escravo, e parece-me voltar a ella, sentir a delicia de provar uma vez por semana o melado que nos vinha da casa grande. A nossa comida habitual era pão de milho e carne de porco, mas aos domingos minha mãe tinha o direito de trazer da casa grande um pouco de melado para nós. Eu desejava que todos os dias fossem domingos, ia buscar o meu prato de folha, extendia-o para receber a gulodice promettida e fechava os olhos, es-

perando que, ao abril-os, me appareceria uma quantidade grande. De posse daquella preciosidade, espalhava-a até cobrir a superficie do prato, na ingenua illusão de que ella crescia. A impressão deixada por essas festas dominicaes é forte, e ainda hoje me convenceriam difficilmente de que o melado que se espalha num prato não vale mais que o que se junta num canto, se podemos falar em canto, referindo-nos a um prato. Davam-me communmente duas colheres do melado, mais agradaveis que os banquetes de hoje.

Depois da gente de negocio, os melhores ouvintes que tenho achado são os homens do Sul, das duas raças. Sabem ouvir com attenção. Os negros dizem “Amen, é verdade”, e isto é um incentivo para o orador.

Tambem me agradam os estudantes. Tive a sorte de fazer conferencias em estabelecimentos notaveis, em Harvard, Williams, Amherst, nas universidades de Fisk, Pennsylvania, Wellesley, Michigan, no collegio da Trindade na Carolina do Norte, e em muitos outros.

Frequentemente, no fim dum discurso muitas pessoas vieram cumprimentar-me, affirmando que pela primeira vez tratavam um negro por *senhor*.

Quando me afasto de Tuskegee com o fim de obter recursos para a escola, preparo algumas con-

ferencias, umas quatro, que são pronunciadas nos centros importantes de cada região, nas igrejas, nas escolas, nas sociedades christãs, em clubs.

Ha tres annos, por proposta do sr. Morris K. Jesup, de Nova York, e do dr. J. L. M. Curry, agente geral da fundação John Slater, os administradores desta sociedade destinaram uma verba ás despesas das viagens que eu e a sra. Washington fazemos nos Estados mais feridos pela escravidão. Todos os annos consagramos algumas semanas a esse trabalho. Pela manhã dirijo-me aos professores, aos ministros, aos commerciantes; á tarde minha companheira fala ás mulheres; á noite appareço em grandes reuniões publicas. Ordinariamente ha brancos no auditorio. Em Chattanooga, no Tennessee, tive cerca de oitocentos brancos em tres mil pessoas.

Essas viagens produzem excellente resultado. Conseguimos penetrar a vida dos negros, observal-os em casa, na igreja, na escola, na fabrica, na prisão, na piolheira da cidade. E augmenta a confiança que tenho no futuro da minha raça. Sei que as apparencias, os enthusiasmos rapidos, nos enganam, mas habituei-me a desprezar signaes exteriores, esforço-me por examinar as coisas, colher informações com methodo e sangue frio.

Um entendedor barato affirmava ultimamente que na raça negra fervilham as mulheres desho-

nestas. Está ahi uma odiosa mentira. Como se provaria semelhante coisa? E' preciso não ter estado vinte annos em contacto com os pretos, como estive, no coração do Sul, para ignorar que elles, a despeito do que se possa dizer, progridem, talvez devagar, mas com segurança, material, moral e intellectualmente.

Poderíamos escolher certos individuos das classes baixas de Nova York e julgar por elles a moral do branco, mas isto seria um procedimento desleal.

No começo de 1897 convidaram-me para fazer o discurso de honra quando se erigiu o monumento a Robert Gould Shaw, em Boston. Aceitei o convite. Não preciso dizer quem foi Robert Shaw. O monumento erguido á sua memoria está num jardim publico de Boston, em frente ao palacio do governo, e é considerado uma obra prima de estatuaria, a mais bella dos Estados Unidos. As ceremonias da festa realizaram-se na sala dos concertos, que se encheu da gente mais distincta da cidade. Reuniram-se ahi velhos abolicionistas em grande numero. O general Roger Wolcott, então governador do Massachusetts, presidiu a solennidade, e junto a elle sentaram-se altos funcionarios e centenas de homens consideraveis. Copio uma noticia publicada na *Transcripção* de Boston:

“O acontecimento mais importante da cerimonia effectuada hontem, em honra da fraternidade humana, foi o magnifico discurso do director do instituto de Tuskegee, Booker Washington, que em Junho ultimo a universidade Harvard distinguiu com um titulo honorario. Pela primeira vez a universidade mais antiga dos Estados Unidos concedeu essa distincção a um negro, por julga-lo “digno conductor do seu povo”, conforme disse o general Wolcott, apresentando-o.

Quando o sr. Washington se levantou na sala aquecida pelo enthusiasmo patriotico, onde voavam bandeiras, a multidão sentiu-se na presença da justificação viva do espirito abolicionista do Massachusetts. Essa personagem encarnava a antiga fé indomavel, e na sua eloquencia, rica de pensamento e brilho, os velhos dias de lucta e soffrimento acharam recompensa.

A decoração era de grande belleza. Boston, que imaginam tão fria, animava-se com o fogo de verdade e justiça que arde no seu coração. A sala regorgitava de pessoas alheias a acontecimentos publicos, de familias que, em dias de festa, ordinariamente se retiram para o campo. Boston celebrava o anniversario da maioridade exhibindo os seus melhores cidadãos, homens e mulheres, de nomes illustres e vidas cheias de virtudes.

Uma vigorosa musica marcial tinha resoado, ovações succediam-se ás ovações, applausos calorosos e prolongados saudavam os amigos e os officiaes do coronel Shaw, o esculptor Saint-Gaudens, a commissão do Memorial, o governador e o seu

estado-maior, os soldados negros do 54.º regimento do Massachusetts. O coronel Henry Lee, numa allocução nobre e simples, inaugurara a festa rendendo homenagem ao sr. John M. Forbes, que elle substituia. O general Wolcott fizera um memoravel pequeno discurso, affirmara “que o forte Wagner figurava na historia dum raça e marcava o principio da sua maioridade”. O sr. Quincy tinha recebido o monumento em nome da cidade. Emfim a historia do coronel Shaw e do seu regimento negro fôra reproduzida em termos eloquentes e o cantico “Os meus olhos viram a tua gloria, Senhor” havia terminado quando Booker Washington se levantou. O momento era propicio. A multidão, que sahia da calma habitual aos auditorios dos concertos, vibrava. Dez vezes tinha-se levantado para applaudir, lançar vivas, agitar lenços. Quando aquelle homem intelligente, de pelle escura e voz poderosa, começou a falar, a citar os nomes de Stearns e Andrew, a commoção espalhou-se. Os olhos dos militares e dos civis molharam-se.

O orador, voltando-se para os soldados negros e para o porta-bandeira do forte Wagner que, sorrindo, levantava o pavilhão nunca abandonado, exclamou:

— Para vós, restos mutilados e dispersos do 54.º, que honraes esta cerimonia apresentando-vos aqui, o vosso commandante não morreu. Ainda que a cidade de Boston não tivesse erguido este monumento, ainda que a historia esquecesse tão altos feitos, em vós e na raça leal que represen-

taes Robert Gould Shaw teria um monumento indestructivel.

E Roger Wolcott, governador do Massachusetts, interpretando a sympathia do povo, levantou-se e gritou:

— Tres acclamações a Booker Washington!”

Entre os que se achavam no palco figurava o sargento William H. Carney, de New-Bedford, o valente negro que, no forte Wagner, tinha conservado a bandeira americana erguida no meio da refrega. Se bem que o regimento fosse dizimado, elle conseguira escapar e exclamara depois da batalha: “A velha bandeira nunca foi ao chão”.

Vinha com ella naquelle dia de festa, e poz-se em pé, agitou-a no ar quando falei no sargento Carney e me voltei para os sobreviventes do regimento negro. Tenho recebido manifestações calorosas proprias para lisonjear-me, nenhuma, porém, como a que essa scena provocou.

Nas demonstrações de regozijo que succederam á guerra hispano-americana, fizeram-se reuniões em varias cidades. A commissão de Chicago, dirigida pelo sr. W. Harper, presidente da universidade, pediu-me que falasse na semana do jubileu. Fiz em Chicago dois discursos, o mais importante a 16 de Outubro, quando tive o publico mais abundante da minha carreira de orador. Avaliaram em

dezeseis mil o numero de pessoas que me ouviram nessa noite, e tive a impressão de que fóra da sala apinhada outro tanto desejava entrar nella á força. Para alguém atravessar as portas necessitava a intervenção da policia. Estiveram presentes á sessão o presidente William Mac Kinley, todos os membros do gabinete, diversos ministros estrangeiros, numerosos officiaes do exercito e da marinha, entre os quaes alguns se haviam distinguido na recente guerra. Quatro oradores: o rabbino E. G. Hirsch, o padre Thomas P. Hodnett, o dr. John H. Barrows e eu. Do *Times-Herald* de Chicago reproduzo este pedaço de noticia:

“Fez-nos ver o negro preferindo o captiveiro á morte e evocou a figura de Crispus Attucks, que se bateu no começo da revolução americana para libertar a raça branca, emquanto a sua continuava opprimida; narrou o procedimento dos negros em Nova Orleans; pintou os escravos do Sul a sustentar e proteger as familias dos seus senhores, que luctavam defendendo a escravidão; falou na bravura das tropas negras em Port-Hudson, nos fortes Wagner e Pillow; elogiou o heroismo dos regimentos negros que bombardearam El Caney e Santiago para dar liberdade aos cubanos, esquecendo a injustiça de que eram victimas na sua propria terra. Dirigiu este eloquente appello á consciencia americana: “Se ouvistes a historia completa da acção do negro na guerra hispano-americana, se a ouvistes conta-

da pelo homem do Norte e pelo homem do Sul, pelo ex-abolicionista e pelo ex-senhor, reconheceréis que essa gente prompta a offerecer a vida ao seu paiz merece que lhe permittam viver no seu paiz”.

Houve na platéa um enorme enthusiasmo quando manifestei os agradecimentos do negro por lhe haverem dado um lugar na guerra. O presidente Mac Kinley se achava num camarote, á direita do palco. No momento em que, ao terminar a phrase, me voltei para elle, uma ovação tumultuosa rebentou. Agitaram-se lenços, bengalas e chapéos. O presidente ergueu-se, inclinou-se. E surgiram novas acclamações, de violencia incrível.

Alguns pontos do meu discurso de Chicago não foram bem comprehendidos pela imprensa do Sul, que me atacou fortemente varias semanas, até que o director do *Age-Herald* de Birmingham, no Alabama, me escreveu pedindo esclarecimentos. Mandeilhe uma carta que apaziguou os criticos. Affirmei que tinha por costume não dizer no Norte coisa que não pudesse dizer no Sul e que dezeseite annos de trabalho em Tuskegee deviam bastar aos sulistas mais difficeis de contentar. Repeti parte do meu discurso de Atlanta a respeito de preconceitos de raça.

Apparecem nas reuniões publicas individuos temerosos. São os malucos. Ha tempo que os vejo

e habituei-me a conhecê-los de longe. Têm de ordinario uma barba longa e mal tratada, rosto macilento, paletot escuro, roupa branca suja e calças com joelheiras. Depois dum dos meus discursos em Chicago, surgiu-me um desses typos, da especie que descobre remedios para todos os males do universo. Tinha concebido um meio de conservar o milho tres annos, e, segundo affirmava, se os negros lhe comprassem a invenção, liquidariam as divergencias de raças. Em vão me esforcei por explicar-lhe que desejavamos produzir cereaes para um anno. Outra personagem desse genero tinha formado o projecto de fechar todos os bancos nacionaes do paiz. Queria o meu concurso — estava certa de que isso regularia para sempre os negocios do negro.

O numero de sujeitos que pretendem roubar-nos o tempo é incalculavel. Falei uma noite em Boston. Accordaram-me cedo no dia seguinte e apresentaram-me um cartão de visita. Suppondo que se tratasse de coisa importante, vesti-me depressa, desci e encontrei no salão do hotel um homem de rosto innocente, que me disse, calmo:

— Tive a satisfação de ouvi-lo hontem á noite. Por isso tomei a liberdade de procural-o agora de manhã, para renovar o prazer que senti.

Já me disseram que deve ser difficil, viajando como viajo, occupar-me com a direcção de Tuske-

gee. Respondo, contrariando o proverbio "Quem quer vai, que não quer manda", que não devemos fazer o que os outros fazem sem nós. A escola funciona admiravelmente, ainda que um dos administradores se afaste. O pessoal conta oitenta e seis individuos, e o trabalho de cada um é feito de maneira que tudo roda bem, tal qual o machinismo dum relógio. Os professores, na maioria, aqui vivem ha muitos annos e têm o interesse que eu tenho. Na minha ausencia, o sr. Warren Logan, thesoureiro do instituto, preenche as funções de director. Secundam-no a sra. Washington e o sr. Emmett J. Scott, meu fiel secretario, que se encarrega de parte da correspondencia e me communica, não só o que diz respeito á escola, mas tudo quanto se refere á raça negra. Ser-me-ia difficil mencionar os serviços que o sr. Scott nos tem prestado. Quer me ache em Tuskegee quer não, o trabalho é dirigido pelo conselho executivo, que se reúne duas vezes por semana e é composto de nove pessoas, a cada uma das quaes se confiaram attribuições particulares. A sra. B. K. Bruce, por exemplo, viuva do senador Bruce, é directora do internato das moças. Alem do conselho executivo, temos a commissão de finanças, que determina as despesas que se devem fazer cada semana. Pelo menos uma vez por mez os professores discutem. Ha tambem reuniões de importancia menor, as das classes biblicas, as

das sociedades agricolas. Adoptámos um systema de relatorios que me annunciam os mais insignificantes pormenores do serviço, em qualquer ponto do paiz onde me encontre. Dizem-me quaes os alumnos dispensados dos cursos, a renda do estabelecimento, o numero de litros de leite e de libras de manteiga que a fazenda produz. Sei como os professores e os alumnos se alimentam, se a carne num dia determinado foi cozida ou assada, se os legumes foram comprados na venda ou colhidos no campo.

Perguntaram-me como, abarbadado com trabalhos, cheio de obrigações na vida publica, posso achar repouso e distracção. Chegaram a interrogar-me a respeito dos divertimentos que me agradam. Difficil responder, confesso. Acho que devemos robustecer-nos, adquirir nervos capazes de resistir a situações difficeis e decepções. Empleo o meu tempo de fórma que os deveres da rotina se desempenham nas primeiras horas da manhã. Desembaraço-me da correspondencia, da contabilidade, e no dia seguinte disponho de todas as horas. Sentimos um prazer physico, intellectual e moral quando somos inteiramente senhores do nosso trabalho, não nos subordinamos a elle. O espirito se alegra, o corpo se revigora, emfim temos saude. Amamos a tarefa e achamo-nos fortes.

Accordo sempre bem disposto, mas não esqueço que podem surgir acontecimentos desagradaveis e estou preparado contra elles: o edificio pega fogo e arde completamente, o artigo de jornal me aggride por eu ter feito ou deixado de fazer qualquer coisa, por ter dito uma phrase que não tive a intenção de dizer.

Ha dois annos, ao cabo dum trabalho continuo de dezenove annos, tomei uns mezes de ferias, quasi obrigado por alguns amigos que me puzeram nas mãos a quantia necessaria a uma viagem á Europa.

Como já disse, acho que devemos tratar da saude, curar os pequenos males, meio de afastar os grandes. Se tenho insomnias, sei que ha um desarranjo cá por dentro, e quando um orgam se atrapalha, consulto o medico. É uma felicidade podermos dormir quando queremos. Hoje, em qualquer parte onde me ache, encosto-me para uma somneca de vinte minutos e levanto-me repousado.

Escrevi que não gosto de deixar occupações de um dia para outro. Exceptuo os casos de importancia, as questões de sentimento: julgo então razoavel delongar, ouvir minha mulher ou os amigos.

Chego ás leituras. Infelizmente não me sobra para ellas muito tempo. Aproveito as horas de viagens, leio os jornaes, que me dão prazer. Não tolero as obras de ficção, é com difficuldade que vou ao fim dum romance famoso. A literatura que

me agrada é a biographia: gosto dos heroes de carne e osso. Não exaggero dizendo que li tudo quanto se escreveu a respeito de Abrahão Lincoln, livros e artigos. É o meu santo, Lincoln.

Passo meio anno longe de Tuskegee. Os prejuizos que esse afastamento acarreta são compensados por algumas vantagens. A mudança de occupações é para mim um repouso. Sinto-me realmente bem numa viagem longa em estrada de ferro, comtanto que não me importune o individuo que se multiplica nos trens e usa este invariavel introito:

— Não é a Booker Washington que tenho a honra... Tomo a liberdade de me apresentar.

A ausencia faz-me esquecer minucias e abranger o conjuncto da escola melhor que se me conservasse perto della. Observo methodos novos de educação e avisto-me com bons professores do paiz.

Fóra isso, devo confessar que os momentos mais agradaveis da minha vida são os que passo junto da mulher e dos filhos. Á noite, depois da ceia, lemos um pouco, ou então cada um de nós conta uma historia. E ha os passeios no bosque, domingo á tarde: livres dos maçadores, respiramos ar puro, no meio das arvores, das flores, de milhões de plantas perfumadas, ouvindo grillos e passaros.

Gosto de tratar do meu jardim, chegar-me á natureza, esquivar-me ao artificio e á imitação. Quando posso fugir do escriptorio e jardinar meia hora, sinto uma renovação de forças que me ajuda a supportar os aborrecimentos successivos nesta carreira difficil.

Sem falar na capoeira e nos animais domesticos pertencentes á escola, possuo alguns porcos e aves de estimação. O porco é o meu bicho favorito, especialmente o Berkshire e o Poland-China.

Não sou dado a jogos. Nunca vi o foot-ball. E a minha ignorancia é absoluta em materia de cartas, nem sequer distingo os naipes. Ás vezes me divirto jogando a bola com os meninos. Gostaria talvez dos jogos se tivesse aprendido alguns na infancia. Mas nesse tempo nem me era permittido pensar em semelhante coisa.

CAPITULO XVI

VIAGEM Á EUROPA

Em 1893 casei-me com miss Margaret James Murray, originaria do Mississippi, diplomada pela universidade Fisk, de Nashville, no Tennessee. Minha mulher dedica-se ao duro trabalho da escola, organiza reuniões de mães de familia e occupa-se com uma sociedade de negros, situada a legua e meia de Tuskegee. Essas obras têm duplo fim: soccorrem os pobres e ministram licções praticas aos nossos alumnos, ensinam-lhes a maneira de proceder no futuro, quando se tornarem educadores. Alem disso a sra. Washington fundou um club feminino que, duas vezes por mez, reúne as mulheres do instituto e da vizinhança. E preside a *Federação dos clubs das mulheres negras* e a *Commissão executiva da federação nacional dos clubs de mulheres negras*.

Minha filha Porcia é costureira e tem disposições para a musica. Concluiu os seus estudos em Tuskegee e já começou a ensinar.

Baker Taliaferro, meu filho mais velho, trabalha no tijolo. Desde muito novo revelou-se um ope-

rario habil e tem amor ao seu officio. Deseja ser architecto e oleiro. Uma das cartas que me deram maior prazer foi a que recebi de Baker o anno passado. Sahi de Tuskegee, em gozo de ferias, e recommendei-lhe que empregasse parte do dia na fabricação dos tijolos. Algum tempo depois elle me escreveu :

“Caro papae :

Antes de viajar, tu me disseste que trabalhasse algumas horas no officio. Mas, como gosto delle, trabalho o dia todo. Preciso ganhar muito dinheiro. Quando for para outro collegio, terei com que pagar as taxas.

Baker”.

Ernesto Davidson Washington diz que será medico. Frequenta as aulas, como os outros, vai á officina, como os outros, entretém-se remexendo o laboratorio da casa e apropriou-se de varios pequenos deveres da profissão.

O que me afflige nesta vida errante é ficar meio anno longe dos meus. Invejo o homem que se recolhe diariamente, tem serões regulares junto da familia. Com certeza essa criatura feliz ignora o valor de semelhante prazer. É um allivio fugir da multidão e dos cumprimentos, não viajar, entrar em casa.

Tambem me dá muita alegria o serviço religioso na capella, ás oito e meia, o ultimo exercicio a que professores e alumnos se entregam antes de marchar para a cama. Temos ahi onze a doze centos de jovens graves, recolhidos, e pensamos que é uma felicidade ajudal-os viver utilmente e dignamente.

Na primavera de 1899 fizeram-me uma surpresa, das maiores que já experimentei. Algumas senhoras organizaram, em beneficio de Tuskegee, uma reunião publica em Boston, no theatro da rua Hollis. A gente boa da cidade lá se achava, brancos e negros. A sessão foi presidida pelo bispo Lawrence. Fiz um discurso, o sr. Paul L. Dunbar recitou poemas e o dr. W. E. B. du Bois leu uma das suas memorias.

Acharam-me com ar fatigado e murcho. Aca-bada a festa, uma das senhoras que haviam tido a iniciativa della perguntou-me, como por acaso, se eu tinha estado na Europa. Respon-di que não, ella insistiu, quiz saber se eu nunca havia pensado em visitar a Europa. Não, senhora, faltavam-me recursos para um desejo dessa natureza, confessei. E foi tudo.

Tinha esquecido inteiramente essa conversa quando, passados alguns dias, me communicaram que amigos residentes em Boston, entre elles o sr. Francis J. Garrison, haviam reunido a quantia

necessaria para uma viagem de duas pessoas á Europa. Accrescentaram que eu e minha mulher não tínhamos o direito de recusar o offercimento. Essa viagem me fôra suggerida pelo sr. Garrison um anno antes, e, por consideral-a absurda, eu não lhe dera nenhuma attenção. Mas o sr. Garrison agarrara a idéa, juntara os seus esforços aos das senhoras mencionadas — e quando voltou a falar-me do assumpto, estava tudo previsto, o itinerario traçado e duas passagens compradas.

Essas coisas se combinaram com tanta presteza que me assombrei. Vivera dezoito annos martelando em Tuskegee, e parecia-me indispensavel continuar assim, martelando, até a consummação dos meus dias. A escola dependia de mim, havia as despesas quotidianas, foi o que eu disse aos meus excellentes amigos de Boston. E, agradecendo a generosidade delles, conclui que a viagem era impossivel. Objectaram-me que o sr. Henry L. Higginson e outros cavalheiros, que não cito porque elles se zangariam commigo, tratavam de obter o dinheiro necessario á manutenção da escola durante a minha ausencia. Ahi as desculpas se tornavam impertinentes: baixei a cabeça.

Aquillo me atordoava. Impossivel acostumar-me á idéa de que o projecto se realizaria. Via-me escravo, nas trevas da ignorancia e da pobreza, vivendo numa cabana miseravel, padecendo fome,

tremendo de frio. Era grande, quasi rapaz, quando me servi pela primeira vez em mesa. O bem-estar e o luxo sempre me haviam parecido privilegio dos brancos. E de repente a Europa. O antigo escravo da Virginia ia visitar Londres e Paris. Extraordinario.

Dois pensamentos me affligiam. Ao espalhar-se o rumor da viagem, talvez fossem por ahi pensar que estavamos ficando arrogantes e vaidosos. Muitas vezes ouvi dizer que as pessoas da minha raça, elevando-se um pouco, perdiam a cabeça, enchiam-se de bazofia e macaqueavam os ricos. Receava que dissessem o mesmo de mim. Por outro lado mordiam-me remosos. Tinha deveres em quantidade, e parecia-me quasi uma deserção afastar-me, deixando os outros no serviço. Desde menino havia trabalhado, e era impossivel habituar-me á idéa de passar dois ou tres mezes ocioso.

Minha mulher concordava commigo. Resignou-se por achar que eu devia tomar um repouso necessario, embora inoportuno, pois naquelle momento se discutiam questões consideraveis relativas aos negros. Emfim accetámos a offerta dos nossos amigos de Boston, que logo quizeram saber o dia da partida. Marcou-se 10 de Maio. O sr. Garrison encarregou-se dos preparativos. Arranjou-nos cartas de recommendação para a França e

para a Inglaterra, previu tudo, regulou tudo afim de proporcionar-nos conforto lá fóra.

Sahimos de Tuskegee e tomámos o trem de Nova York a 9 de Maio. Porcia, que estudava em South Framingham, no Massachusetts, veio assistir ao nosso embarque. O sr. Scott, meu secretario, acompanhou-me e até a ultima hora discuti com elle negocios do estabelecimento.

Pouco antes de nos despedirmos recebi de duas senhoras generosas a quantia necessaria á construcção dum edificio onde poderiamos installar os ateliers das raparigas, em Tuskegee.

Embarcámos no *Friesland*, da *Red Star Line*, navio soberbo. Fomos para bordo antes do meio-dia. Era a primeira vez que me via num transatlantico e experimentava uma extranha sensação, mistura de alegria e terror. O capitão e os officiaes, informados da nossa presença, receberam-nos amavelmente. Conheciamos alguns passageiros, entre os quaes o senador Sewel, de Nova Jersey, e Eduardo Marshall, jornalista.

Lembrando-me das narrações de pretos que não tinham tido bom acolhimento em navios americanos, temi alguma affronta, que não se realizou: a tripulação, de alto a baixo, e todos os viajantes, sem exceptuar os sulistas, dispensaram-nos gentilezas.

Quando o *Friesland* se afastou do caes, senti um grande allivio: foi como se me cahisse dos hombros um enorme fardo, o peso das angustias, das preocupações, das responsabilidades. Respirei livremente depois de tantos annos de canceira. Era afinal a tranquillidade que me chegava, uma especie de sonho. Logo no segundo dia assaltou-me um violento desejo de dormir: recolhi-me ao excellente camarote que nos tinham reservado e mergulhei num profundo somno de quinze horas. Achava-me exgottado. No trajecto e um mez depois d'elle continuei esse regimen. Quinze horas de somno por dia. Era uma novidade levantar-me isento de obrigações. Ausencia de trens, horarios, entrevistas e discursos, mudança completa na vida dum sujeito que ás vezes se deitava em tres camas numa noite.

Domingo o capitão me pediu que presidisse a cerimonia religiosa. Como não sou ministro, desculpei-me. Por insistencia dos passageiros, fiz uma allocução na sala de jantar.

Não enjoei. E depois duma travessia falta de acontecimentos, desembarcámos, com tempo esplendido, na Belgica, na velha cidade de Antuerpia.

No dia seguinte assistimos a uma das festas curiosas que existem nessa terra. Das janellas do nosso quarto, abertas para uma vasta praça, viamos, na belleza do sol claro, mulheres conduzindo

carrinhos cheios de latas de leite, puxados por grandes cães, a multidão invadindo a cathedral, camponezes carregados de flores.

Ficámos alguns dias em Antuerpia, entrámos depois na Hollanda, em companhia de viajantes americanos, entre os quaes Eduardo Marshall e varios artistas que haviam feito comnosco a travessia do Atlantico. Foi uma viagem curta e encantadora, pelos canaes, num velho barco, á moda antiga. Percorremos o campo, estudámos os costumes regionaes, chegámos a Rotterdam, á Haya, onde se reunia a conferencia da paz. Fomos ahi muito bem recebidos pelos representantes americanos.

Impressionaram-me na Hollanda a agricultura e os bellos rebanhos de gado de Holstein. Aproveita-se ali qualquer pedaço de terra, parece que não se perde um centimetro quadrado, coisa de que nem fazemos idéa na America. Centenas de vaccas de Holstein pastavam no prado intensamente verde.

Voltámos, atravessámos a Belgica rapidamente, parámos em Bruxellas, visitámos o campo de batalha de Waterloo e cahimos em Paris, onde o sr. Theodoro Stanton, filho da sra. Elisabeth Cady Stanton, nos tinha preparado hospedagem.

Logo que chegámos, convidaram-nos para um banquete no club universitario. Ahi encontrámos o ex-presidente Benjamin Harrison, o arcebispo Ire-

land, o embaixador americano, general H. Porter, que dedicou um discurso á minha pessoa e á influencia que poderia ter na questão das raças o instituto de Tuskegee. A minha resposta causou impressão favoravel e determinou outros convites, que recusei porque o meu intuito era descansar. Abri uma excepção para a capella americana, onde tive como ouvintes o general Harrison, o general Porter e outros cavalheiros influentes.

Alguns dias depois comparecemos a uma recepção na embaixada americana e travámos conhecimento com dois magistrados, os juizes Fuller e Harlan, do supremo tribunal dos Estados Unidos. Emquanto estivemos na França, o embaixador americano e sua senhora tiveram para nós toda a sorte de gentilezas.

Em Paris conhecemos o pintor negro Henry O. Tanner e vimos com prazer que elle desfructava reputação invejavel nos meios artisticos e era respeitado em todas as classes da sociedade. Transmittindo a alguns amigos a intenção de ir ver no museu do Luxemburgo a tela dum preto americano, percebemos que nos ouviam com surpresa e duvida. Só admittiram a existencia do pintor depois que foram examinar o quadro.

O exemplo do sr. Tanner fortaleceu-me a convicção que não cesso de communicar aos meus alumnos. O negro subirá quando se tornar indis-

pensavel, quando fizer melhor que os outros as coisas que toda a gente faz. Tive a inspiração disto no dia em que varri a sala do collegio, em Hampton. Senti que o meu futuro dependia da execução da tarefa e resolvi desobrigar-me de fórma que não achassem nella um defeito. No museu do Luxemburgo ninguem pergunta se o sr. Tanner é negro, allemão ou francez. Produziu uma coisa que o publico necessita, uma obra de arte, e é quanto basta. O facto de elle ter uma côr differente das côres ordinarias não interessa. A rapariga negra que sabe cozinhar, lavar, coser ou escrever e o rapaz negro habil no tratamento dos cavallo, na fabricação da manteiga, na cultura das batatas, na construcção de casas ou na pratica da medicina serão julgados e acceitos em conformidade com os seus meritos. Afinal o mundo exigirá perfeição em todas as coisas, e os que trabalharem bem terão preferencia. O essencial é a producção, e nisto a raça, a religião e os antecedentes historicos não importam. É impossivel que um homem concorra para o bem-estar do proximo e não tenha recompensa adequada.

Surprehenderam-me o amor ao prazer e a excitabilidade que parecem caracterizar o povo francez, duas qualidades muito mais vivas nelle que nos homens da minha raça. Quanto á moral, não acho que os francezes sejam superiores á gente de côr. As

exigencias da vida e a grande concorrência industrial fizeram que elles se tornassem habéis e economicos. Mas, com o tempo, conseguiremos isso. Relativamente á veracidade e ao sentimento de honra, o francez medio não vale mais que o negro americano. E o negro tem mais doçura e mais piedade que elle. Deixando a França, o optimismo com que vejo o futuro da raça negra havia crescido.

Sahimos de Paris, chegámos a Londres em Julho, no meio da *season*. O parlamento estava reunido e havia muitas festas. Levavamos cartas de recommendação e outras haviam sido mandadas para a Inglaterra, annunciando a nossa chegada. Recebemos convites para varias solennidades, mas apenas assistimos a algumas dellas.

O reverendo dr. Brooke Herford e senhora, meus conhecidos de Boston, arranjaram com o sr. Joseph Choate, embaixador dos Estados Unidos, uma reunião em Essex Hall. Compareceram muitas pessoas notaveis e membros do parlamento, entre outros o sr. James Bryce. As palavras do embaixador e um resumo do meu discurso foram publicados nos jornaes da America e da Inglaterra. Em casa do dr. Herford encontrámos a melhor sociedade ingleza. E, emquanto estivemos em Londres, o embaixador Choate nos cobriu de attenções. Foi na embaixada que travei conhecimento com Mark Twain.

Varias vezes fomos hospedes da sra. T. Fisher Unwin, filha do estadista Richard Cobden. O sr. e a sra. Unwin tudo fizeram para ser-nos agradaveis. Mais tarde passámos uma semana em casa da filha de John Bright, a sra. Clark. No anno seguinte o casal Clark e sua filha estiveram nos Estados Unidos e vieram visitar-nos em Tuskegee.

Em Birmingham fomos recebidos pelo sr. Joseph Sturge, filho dum ardente abolicionista que foi amigo de Whittier e Garrison. Ahi tive o prazer de avistar-me com pessoas que haviam conhecido William Lloyd Garrison e Frederico Douglas. Os libertadores inglezes que vimos não poupavam elogios a esses dois americanos. Eu não imaginava o auxilio que os inglezes nos haviam prestado na libertação.

Minha mulher e eu falámos no club liberal das mulheres, em Bristol. Tambem me convidaram para principal orador na sessão de fim de anno do Collegio Real dos Cegos, cerimonia que foi presidida pelo duque de Westminster, o homem mais rico da Inglaterra. Elle, a duqueza e uma filha felicitaram-me calorosamente.

Graças á gentileza de lady Aberdeen, assistimos ao congresso internacional das mulheres e vimos a rainha Victoria no castello de Windsor, onde tivemos a honra de tomar chá como hospedes offi-

ciaes. Pertenciamos a uma commissão de que fazia parte miss Susan B. Anthony.

Na camara dos communs, aonde fomos diversas vezes, encontrei sir Henry M. Stanley e falei com elle a respeito da Africa, das vantagens que o negro americano poderia ter mudando-se para lá. Essas conversas convenceram-me de que a Africa nos seria desastrosa.

Os inglezes sabem viver bem. A familia é uma perfeição, tudo se faz com admiravel regularidade. O respeito dos criados aos amos impressionou-me, pois na America não se admittem amos e a palavra que os designa nos fere os ouvidos. O criado inglez não pensa em mudar de condição e aperfeiçoa-se na arte de servir. O criado americano é provisorio, quer ser patrão e mandar. Qual dos dois tem razão? Deixo a resposta para outro.

Ha na Inglaterra, em todas as classes, immenso respeito á ordem e á lei. Gasta-se ahi muito tempo nas refeições e no resto. Mas pergunto a mim mesmo se isto não vale mais que a agitação americana.

Conheci de perto a nobreza, na verdade estimavel. Ignorava que ella fosse venerada pelas massas, não suppunha que dedicasse tempo, dinheiro e enthusiasmo a obras de philanthropia. Imaginava esbanjamentos.

As platéas são de gelo. O inglez, desesperadamente grave, leva em geral tudo a serio. Aconteceu-me contar historias que teriam provocado um riso doido na minha terra — e olhavam-me tranquillamente, sem bater as pestanas.

Quando um inglez nos abre o coração e se torna amigo nosso, é um amigo sincero.

Fomos convidados, minha mulher e eu, pelo duque de Sutherland para uma soirée em Stafford House, a vivenda mais sumptuosa de Londres. A duquesa de Sutherland, a mulher mais bella da Inglaterra, desviou-se dos cuidados que lhe davam trezentos visitantes e veio falar connosco duas vezes, exigiu que, de volta á America, lhe mandassem noticias do instituto. Não esqueci o pedido, e no mesmo anno, pelo Natal, recebemos della uma photographia com dedicatoria. Continuámos a correspondencia, e temos actualmente na duquesa de Sutherland uma das nossas melhores amigas.

Após tres mezes de permanencia na Europa, embarcámos em Southampton para o regresso, no *S. Luis*. Havia a bordo uma esplendida bibliotheca offerecida pelos cidadãos de S. Luis, no Missouri. Entre os livros achei uma biographia de Frederico Douglas, obra curiosa, sobretudo na parte referente á viagem que o grande negro fez á Inglaterra. Não lhe permittiram entrar no salão: durante a travessia Douglas se conservou no convez.

Mal terminei essa leitura, varias senhoras e cavalheiros me vieram pedir um discurso para o concerto que tencionavam realizar no dia seguinte. Apesar desses exemplos, continuarão a dizer que a antipathia entre as raças não decresce na America.

O concerto foi presidido pelo sr. Benjamin B. Odell Junior, actual governador do Estado de Nova York. Tive nessa tarde um auditorio amavel em demasia, quasi todo constituido por sulistas. Fizeram para a escola de Tuskegee uma collecta de que resultaram diversas bolsas de estudo.

Em Paris eu havia recebido a seguinte carta de Charleston, a cidade onde passei parte da minha infancia:

“Charleston, 16 de Maio de 1899.

Caro senhor:

Numerosos cidadãos, dos mais notaveis da Virginia Occidental, todos admiradores seus, esperam que, ao voltar da Europa, o senhor os honre com a sua presença e lhes traga a sua palavra eloquente. E' com muita alegria que exprimo esse desejo e lhe rogo, em nome dessas pessoas, uma visita, afim de que possamos render-lhe as homenagens merecidas.

Muito sinceramente,

Pelo Conselho municipal de Charleston,

W. Herman Smith”.

Juntamente com esse convite, recebi este:

“Professor Booker Washington, Paris.

Senhor:

Nós, cidadãos da Virginia Occidental, desejamos communicar-lhe que nos sentimos orgulhosos com a sua bella carreira. Ser-nos-ia agradável poder manifestar-lhe a nossa admiração e o nosso interesse de maneira mais positiva.

E’ para nós motivo de desgosto não termos tido ha algum tempo, durante a visita que o sr. fez á cidade que o viu crescer, occasião de ouvir-o e provar-lhe por dadas efficazes que applaudimos a obra de Tuskegee.

Pedimos-lhe, pois, que nos conceda a honra de, ao regressar da Europa, acceitar a hospitalidade que Charleston lhe offerece e expor-nos os seus trabalhos. Teremos vivo prazer em levar-lhe a nossa contribuição e escutar a sua palavra eloquente.

Esperando que, numa resposta breve, nos marque o dia da sua chegada, aqui lhe apresentamos, respeitosamente, cordiaes saudações.

The Charleston Daily Gazette; The Daily Mail Tribune; G. W. Atkinson, governador; E. L. Boggs, secretario do governador; W. M. O. Dawson, secretario de Estado; L. M. La Folette, thesoureiro; J. R. Trotter, director das escolas; E. W. Wilson, ex-governador; John Q. Dickinson, presidente do Banco de Kanawha Valley; L. Pritchard, presidente do Banco Nacional de Charleston”.

Esse convite, assignado por cidadãos importantes, brancos e negros, da cidade onde passei a infancia, pobre, ignorante, desconhecido, encheu-me de alegria e enterneceu-me. Realmente nada havia feito para merecer tanta honra.

Entendi-me com os signatarios da segunda carta, combinei o dia da viagem e fui recebido em Charleston por uma commissão, meio branca e meio negra, chefiada pelo ex-governador V. A. Mac Cokle. Offereceram o theatro da Opera á commissão directora da solennidade, e á noite a platéa se encheu de pretos e brancos. Entre estes vi muitos que me haviam pago salario quando eu era criança.

No dia seguinte o governador Atkinson e senhora deram-me no palacio uma soirée que attrahiu todas as classes da sociedade.

Pouco depois os negros de Atlanta me distinguiram com uma festa que o governador do Estado presidiu. Em seguida chamaram-me a Nova Orleans. Houve então uma chusma de Convites e fui obrigado a recusar muitos.

CAPITULO XVII

ULTIMAS PALAVRAS

Antes da viagem á Europa succederam coisas bem extranhas. Na verdade a minha vida sempre se compoz de surpresas, e supponho que felizes acontecimentos inesperados surgem de ordinario ao sujeito disposto a sacrificar o maximo de energia a uma obra desinteressada e util.

Um anno depois do ataque de paralyisia que o victimou, o general Armstrong exprimiu o desejo de visitar ainda uma vez Tuskegee. Como não podia servir-se das pernas, foi necessario transportal-o. Os proprietarios da estrada de ferro local, cidadãos de raça branca, arranjaram-lhe de graça um trem especial que o conduziu da estação de Cheshaw aos terrenos da escola, onde o nosso grande amigo chegou ás nove horas da noite. Alguem suggeriu uma recepção com muitas luzes, o que executámos: approximando-se do estabelecimento, o trem passou entre duas filas de tochas de pinheiro que mil estudantes e mestres seguravam. Um effeito deslumbrante.

O general ficou dois mezes comnosco, e embora quasi não pudesse falar nem mexer-se, empregou esse tempo combinando planos em beneficio do Sul. Repetidamente me affirmou que o paiz tinha o dever de melhorar, não apenas a condição do negro, mas a do pobre de raça branca. Prometti a mim mesmo dedicar-me com mais vigor á tarefa que me havia imposto. Se um homem tão acabado era capaz de pensar bem e trabalhar bem, eu, criatura robusta, não podia ser menos esforçado.

Semanas depois da visita que nos fez, o general Armstrong morreu. E por isso me relacionei com um nobre character, uma das pessoas mais encantadoras que já conheci: o reverendo dr. Hollis B. Frissell, hoje director do instituto de Hampton. Sob a sua direcção, a escola continuou a prosperar, mas parece que o desejo desse homem capaz e modesto é conservar-se na sombra, tudo imputar ao seu illustre antecessor.

Alguem me perguntou um dia qual foi a maior surpresa que experimentei. Certamente foi uma carta recebida um domingo pela manhã, na minha casa em Tuskegee, quando parolava com a familia na varanda:

“Universidade Harvard (Cambridge),
28, Maio, 1896.

Illmo. Sr. Booker T. Washington.

Prezado senhor:

A Universidade Harvard tem a intenção de conferir-lhe, na cerimonia do começo do anno, um titulo honorifico. Ora, conforme a praxe aqui estabelecida, as pessoas que alcançam essa distincção devem comparecer á solennidade. E', pois, necessaria a sua presença nesta Universidade a 24 de Junho, de meio-dia ás cinco horas. Ser-lhe-á possivel estar em Cambridge nesse dia?

Saudações.

Charles W. Eliot”.

Era uma terrivel consagração. Nunca me havia passado pela cabeça a idéa de pretender um diploma duma das mais antigas e mais celebres universidades da America. Sentado á varanda, com o papel nas mãos, fiquei estarecido, os olhos cheios de lagrimas. A minha vida inteira, a escravidão na fazenda, trabalho duro e sujo na mina, dias sem alimento e sem roupa, noites mal dormidas numa calçada, a lucta horrivel pela educação, a angustia e as insomnias nos primeiros annos em Tuskegee, o ostracismo e algumas vezes a oppressão da minha raça, tudo me passava diante dos olhos e me apertava o coração.

Nunca havia procurado fama. Realmente não me preocupei com ella: sempre a considerei uma coisa de que nos devemos servir para fazer bem aos outros. Digo frequentemente aos meus amigos que, se consigo tornar util a reputação que por acaso obtenho, sou um sujeito feliz. Se a notoriedade e a riqueza não tivessem esse prestimo, nada valeriam.

Quanto mais me ponho em contacto com os ricos mais me convengo de que elles tendem a julgar a fortuna um instrumento que Deus lhes confiou para beneficiar os homens. Quando saio do escriptorio do sr. John D. Rockefeller, que muitas vezes tem sido generoso com a nossa escola, penso nisso. John Rockefeller investiga minuciosamente, quer saber o emprego exacto de todos os dollars que nos dá, e a indagação é seria demais, tão seria como se elle tratasse de collocar dinheiro numa empresa.

No dia 24 de Junho, ás nove horas da manhã, dirigi-me á Universidade Harvard e incorporei-me á comitiva que d'ahi seguiu para o theatro Sanders, onde ia effectuar-se a entrega dos diplomas. Collocámos-nos em fila, na dianteira o presidente Eliot e o governador do Massachusetts, em seguida o comité dos inspectores, depois os cidadãos convidados para receber titulos: o general Nelson A. Miles, o dr. Bell, inventor do telephone Bell, o bispo Vincent, o reverendo Minot J. Savage e varios ou-

tros, entre os quaes eu me achava. Fechavam o prestito numerosos professores e funcionarios. Nessa ordem chegámos ao theatro Sanders. E finda a distribuição dos diplomas, realizou-se a collação dos graus honorarios, solennidade que provoca enorme interesse em Harvard. Como não se publicam os nomes dos que vão receber a grande honra, só naquelle momento elles são conhecidos. Os estudantes acclamam-nos, e quando surgem figuras populares, ha vivo entusiasmo e ovações freneticas.

Deram-me o titulo de licenciado em letras. Terminada a cerimonia, o presidente convidou-nos para almoçar. Depois do almoço, formámos de novo em procissão e, escoltados pelo bispo William Lawrence, entrámos na Universidade. Ahi recebemos, em muitos lugares, os vivas dos rapazes e afinal desfizemos o cortejo, no Memorial Hall, onde estava servido o jantar dos antigos alumnos. Era realmente um espectáculo singular a reunião dum milheiro de homens que representavam a Igreja, o Estado, os negocios e o ensino, cheios de ardor, entusiasmo e orgulho, caracteristicos dos moços universitarios.

Fizeram-se ouvir ao jantar diversos oradores: o presidente Eliot, o governador Roger Wolcott, o general Miles, o reverendo Minot J. Savage, o sr. Henry Cabot Lodge. Reproduzo uma parte do meu discurso:

“Se me considerasse digno da honra que agora recebo, haveria até certo ponto uma compensação para este grande embaraço. Não me compete explicar as razões por que me arrancaram do fundo da *Cintura Negra*, do meio da minha humilde família, para tomar parte na festa de hoje. Comtudo está ahí uma das questões essenciaes da vida americana: pôr os fortes, os ricos e os sabios em relação com os fracos, os pobres e os ignorantes, fazer sentir a uns a influencia dos outros. De que modo apresentaremos aos habitantes da rua Beacon as necessidades dos que vivem em cabanas miseraveis nos algodoades do Alabama ou nos cannaviaes da Luisiana? Harvard tenta resolver esse problema, não rebaixando-se, mas elevando as massas.

Se, no passado, contribui de algum modo para avizinhar dos brancos a gente negra, asseguro que de agora em diante redobrarei os meus esforços.

Neste mundo de Deus existe apenas uma regra para os homens e para as raças. E acha a nação americana que devemos todos ser julgados segundo a regra americana. Saberemos se os negros sobem ou descem. Em ultima analyse os sentimentos não interessam. Nestes proximos cincoenta annos, talvez durante mais de cincoenta annos, a minha raça será submettida á prova severa dos principios americanos. Experimentarão a nossa paciencia, a nossa firmeza, a nossa resistencia ás desgraças e ás tentações. Verão que somos capazes de economizar, adquirir habilitade nas artes, na industria e no commercio;

desdenhar a apparencia e buscar a substancia; ser grandes sem deixar de ser pequenos, instruidos permanecendo simples; mandar conservando-nos servidores de todos”.

Era a primeira vez que uma universidade da Nova Inglaterra conferia titulo honorifico a um negro, e a imprensa do paiz commentou largamente o facto novo. Um jornalista de Nova York escreveu estas linhas:

“Quando Booker T. Washington se levantou para receber o diploma, houve uma enorme salva de palmas, só igualada pela que acolheu o popular soldado e patriota general Miles. Não eram applausos convencionaes, eram manifestações de sympathia, enthusiasmo sincero. A platéa inteira vibrou, e em toda a parte havia rostos illumina-dos, aclamações ao antigo escravo e ao trabalho que elle realiza.”

Um jornal de Boston publicou o seguinte:

“Conferindo o titulo honorario de licenciado em letras ao director do instituto de Tuskegee, a Universidade Harvard, engrandecendo-o, engrandeceu-se. O que o professor Booker T. Washington fez pela educação do povo no Sul com certeza lhe dá o direito de exigir um lugar entre os bemfeitores nacionaes. A Universidade, reclamando-o como um dos seus filhos, deve sentir orgulho.

Já se disse que o sr. Booker Washington foi o primeiro negro a quem uma universidade da Nova Inglaterra concedeu um titulo honorario. E' uma distincção, e consideravel, sem duvida. Mas o titulo não foi conferido por ser o sr. Booker Washington homem de côr e ex-escravo, mas por haver mostrado, dirigindo um estabelecimento na *Cintura Negra*, talento verdadeiro, proprio das pessoas realmente grandes”.

De outro jornal de Boston:

“Uma universidade da Nova Inglaterra deu titulo honorifico a um homem de côr. Os que acompanham a historia de Tuskegee admiram a coragem, a perseverança e o bom senso de Booker T. Washington. Harvard procedeu bem distinguindo o antigo escravo. Os serviços que elle prestou ao seu povo e ao seu paiz só poderão ser reconhecidos pela historia.”

O correspondente do *New York Times* escreveu:

“Todos os discursos foram acolhidos com entusiasmo, mas o negro alcançou victoria completa: ao findar o seu discurso, rebentaram applausos calorosos e prolongados”.

Ao estabelecer-me em Tuskegee, eu havia formado o projecto de fundar uma escola tão util ao paiz que um dia o presidente dos Estados Unidos

a visitaria. Era uma idéa bem temeraria. E por isso guardei-a muito tempo no fundo do meu coração.

Em Novembro de 1897 dei um passo para a realização desse desejo: consegui que um membro do gabinete do presidente Mac Kinley, o sr. J. Wilson, secretario da agricultura, viesse a Tuskegee inaugurar o edificio Slater-Armstrong, o primeiro que fizemos com o intuito de ministrar ensino agricola aos nossos alumnos.

No outomno de 1898 disseram-me que o presidente Mac Kinley assistiria ás cerimoniaes que se realizariam em Atlanta, para celebrar o fim da guerra hispano-americana. Fazia dezoito annos que eu trabalhava na escola. E decidi esforçar-me por attrahir o presidente e o seu gabinete. Fui a Washington, dirigi-me á Casa Branca, mas, ahi chegando, encontrei as salas de espera cheias e perdi a esperanza de avistar-me com o presidente. O secretario, sr. John Addison Porter, teve, porém, a gentileza de levar-lhe sem demora o meu cartão e ao cabo de alguns minutos me veio dizer que o sr. Mac Kinley me receberia.

Não sei como um homem pode acolher toda a especie de individuos, ouvir toda a especie de solicitações, trabalhar de rijo e conservar-se calmo e paciente como o sr. Mac Kinley. Vendo-me, agra-

deceu amavel o que faziamos em Tuskegee. Expuz-lhe com franqueza o objecto da minha viagem: disse que uma visita do chefe da nação, alem de animar estudantes e professores, seria util a toda a raça negra. Elle pareceu interessar-se pela proposta, mas não fez nenhuma promessa, pois a ida a Atlanta ainda era coisa incerta. Pediu-me que voltasse ao assumpto algumas semanas mais tarde.

No meado do outro mez o presidente resolveu assistir ás festas da paz em Atlanta. Encaminhei-me novamente a Washington, dessa vez acompanhado pelo sr. C. W. Hare, um branco de Tuskegee, que reforçou o meu pedido convidando o presidente em nome dos homens de raça branca.

Pouco antes da segunda viagem a Washington haviam surgido graves perturbações, rixas numerosas entre as duas raças em differentes lugares do Sul. Ao avistar-me com o presidente, notei que essas desordens o impressionavam muito. Não obstante estar cheio de occupaões, reteve-me algum tempo, discutiu, affirmou repetidamente a sua intenção de mostrar, não com palavras, mas com actos, que se interessava pelos negros. Quando observei que naquelle momento nada poderia dar-nos esperança e coragem como a certeza de que elle decidia torcer caminho, viajar quarenta leguas para ver de perto uma instituição de negros, pareceu profundamente commovido.

Emquanto falavamos, um cidadão de Atlanta, democrata e antigo senhor de escravos, entrou na sala, e como o presidente o interrogasse a respeito da viagem a Tuskegee, respondeu sem hesitar que ella era conveniente. Essa opinião foi corroborada pela do dr. J. L. M. Curry, grande amigo da raça negra.

O sr. Mac Kinley prometeu que visitaria a nossa escola a 16 de Dezembro.

Desde que tiveram conhecimento da promessa, os brancos de Tuskegee mexeram-se tanto como os negros. Fizeram-se os preparativos, embandeiraram-se as ruas, formaram-se comités que funcio-naram junto á administração da escola para que o illustre hospede tivesse uma recepção condigna. Eu ainda não havia reparado na importancia que o instituto adquirira aos olhos dos brancos de Tuskegee e vizinhança. Emquanto arranjavamos os festejos, dezenas e dezenas de pessoas vieram verme, affirmando que não desejavam tomar a dianteira, mas que teriam prazer em ajudar-me. Nesses dias causou-me forte impressão, quasi tão grande como a visita do presidente, o orgulho que o instituto parecia inspirar a todas as classes do Alabama.

Na manhã de 16 de Dezembro a cidadezinha de Tuskegee regorgitou. Com o presidente vieram a sra. Mac Kinley e os membros do gabinete, com

excepção de um. Quasi todos vinham acompanhados de pessoas das suas familias. Figuravam na comitiva diversos militares famosos, entre elles os generaes Shafter e Joseph Wheeler, que voltavam da guerra hispano-americana.

Formigavam os correspondentes de jornaes. A assembléa do Alabama, naquelle momento reunida em Montgomery, resolveu adiar os trabalhos e, pouco antes da chegada do presidente, appareceu em Tuskegee com o governador do Estado e numerosos funcionarios.

Tinha-se ornamentado o caminho da cidade ao estabelecimento. Ahi, diante do sr. Mac Kinley, os alumnos desfilaram conduzindo cannas de assucar enfeitadas de capulhos de algodão abertos. Em seguida houve a revista dos trabalhos de todas as secções da escola, exhibidos em carros puxados por mulas, cavallos e bois. Não apresentámos apenas o trabalho actual, procurámos expor a differença entre os methodos antigos e os modernos. Mostrámos a leiteria velha, os instrumentos agricolas de que nos servimos nas primeiras experiencias, os tachos e marmitas da cozinha primitiva, tudo isso junto aos appparelhos ultimamente adoptados no serviço. A passagem dos carros durou hora e meia.

No discurso que pronunciou na capella nova, o presidente disse:

“Tenho na verdade grande satisfação em ver de perto o que se faz aqui. O instituto normal e industrial de Tuskegee é perfeito: conseguiu invejavel fama no paiz e não o desconhecem no exterior. Felicito os que se associaram nesta empresa pelos bons resultados que obtêm modelando vidas honradas e uteis, concorrendo para o progresso duma raça inteira.

Acho que não se encontraria em nenhuma parte sitio mais apropriado a esta singular tentativa, que chamou a atenção e ganhou a confiança dos philanthropos do paiz.

Seria impossivel falar de Tuskegee sem fazer uma referencia especial a Booker T. Washington. Devemos a elle este admiravel estabelecimento e a elle pertence a gloria alcançada. O seu entusiasmo e o seu espirito emprehendedor tornaram possivel o progresso continuo da escola. Booker Washington conquistou reputação merecida e é um dos grandes chefes da sua raça, conhecido e respeitado aqui e no estrangeiro como educador illustre, orador notavel, verdadeiro bemfeitor.”

O sr. John D. Long, secretario da marinha, expressou-se desta fórma:

“Não posso fazer um discurso. Tenho o coração muito cheio, cheio de esperança, de admiração aos homens do Norte e aos homens do Sul, brancos e negros.

Terei de agora em diante confiança no vosso progresso e na solução do problema que vos propuzestes.

Na verdade elle já está resolvido. Temos diante dos olhos um quadro que deveria figurar na tela e, junto aos retratos de Washington e Lincoln, ser transmittido ás gerações futuras, um quadro que a imprensa exhibirá com certeza á nação: o presidente dos Estados Unidos em pé numa plataforma, tendo a um lado o governador do Alabama e no outro, completando a trindade, um representante da raça que, ha alguns annos apenas, vivia na escravidão, o director negro do instituto normal e industrial de Tuskegee.

As bençams de Deus cahirão sobre o presidente, que mostra semelhante scena ao povo americano, sobre o governador do Alabama, sobre o orador, o educador, o grande negro Booker T. Washington”.

O secretario do correio terminou o seu discurso com as seguintes palavras:

“Fomos testemunhas de varios espectaculos nestes ultimos dias. Vimos a grandeza e os magnificos successos duma das mais importantes metropoles do Sul. Vimos os heroes da guerra desfilar em cortejo. Vimos batalhas de flores. Mas estou certo de que os meus collegas pensarão commigo que nada nos impressionou mais que o espectaculo desta manhã”.

Alguns dias depois do regresso do presidente, recebi esta carta:

“Washington, 23 de Dezembro de 1899.

Professor Booker T. Washington,
Tuskegee — Alabama.

Caro senhor:

Com muito prazer, remetto-lhe, em copias, o documento commemorativo da visita do presidente a esse instituto. Vão nas folhas autographos do presidente e dos membros do gabinete que o acompanharam.

Permitta-me que aproveite esta occasião para felicital-o sinceramente pelo exito das festas realizadas quando estivemos em Tuskegee. Todos os pormenores do programma foram executados de maneira irreprehensivel, e os visitantes que nelle tomaram parte, como actores ou como espectadores, ficaram encantados. A apresentação dos estudantes occupados nos seus officios teve um effeito, não apenas artistico, mas extremamente commovedor. Não foi, pois, exaggerada a demonstração publica de sympathia dada pelo presidente e pelo gabinete ao instituto de Tuskegee.

Não termino sem lhe dizer que a sua modestia foi commentada nos termos mais lisonjeiros por todos os membros da comitiva.

Desejando ardentemente o progresso da sua generosa empresa, aqui lhe manifesto a minha admiração e votos de felicidade no novo anno.

John Addison Porter,
Secretario do presidente”.

Vinte annos se passaram desde que fiz a minha primeira tentativa em Tuskegee, numa cabana desmantelada e num gallinheiro velho. Hoje possuímos mil cento e cincoenta hectares de terra, dos quaes setecentos estão cultivados, e temos quarenta edificios. Emquanto os alumnos trabalham no campo ou levantam casas, professores competentes lhes ensinam os mais recentes processos de agricultura e os officios relativos á construcção.

Juntamente com a educação literaria, scientifica e religiosa, damos aos jovens, homens e mulheres, em vinte e oito classes industriaes, os conhecimentos necessarios para que elles possam, deixando-nos, arranjar collocação immediata. A difficuldade é que os nossos diplomas são tão reclamados que só podemos attender á metade dos pedidos que nos chegam. Por outro lado não temos accommodações nem dinheiro sufficientes para admittir mais de metade dos moços que desejam matricular-se.

No ensino industrial fazemos questão de tres coisas: primeiramente queremos que os estudantes se eduquem de fórma a adaptar-se ás condições actuaes do meio onde vivem, isto é, que sejam capazes de fazer com exactidão o que exigem delles; em segundo lugar desejamos que tenham habilitade, intelligencia e character indispensaveis para

ganhar a vida e sustentar familia; afinal procuramos leval-os a amar o trabalho, não a eximir-se delle. Os rapazes labutam no campo, as moças exercitam-se na economia domestica, jardinam, cultivam flores, fabricam manteiga, dedicam-se á apicultura e á avicultura.

Embora a instituição não tenha character religioso, nella funcionam as classes a que damos o nome de escola biblica de Phelps Hall. Ahi varios rapazes, especialmente os que se destinam aos districtos ruraes, estudam as disciplinas necessarias ao ministerio e a outras fórmias de actividade christã. Trabalham na lavoura e na officina, como os outros, e assim poderão lá fóra dar um exemplo de energia ao publico.

Actualmente o valor da nossa propriedade eleva-se a mais de trezentos mil dollars. Se arrolarmos os ultimos melhoramentos, teremos, sem falar no dinheiro existente em caixa, um capital não inferior a meio milhão de dollars. As despesas annuaes sobem pouco mais ou menos a oitenta mil dollars, quantia que obtenho com peditorios. A propriedade, isenta de hypothecas, é administrada por um comité.

Tinhamos no começo trinta alumnos. Agora temos mil e cem, provenientes de vinte e sete Estados, da Africa, de Cuba, de Porto Rico, da Ja-

maica e de outros paizes estrangeiros. Vivem conosco oitenta e seis funcionarios e professores. E se contarmos as familias desses homens, arredondaremos na escola e na vizinhança uma população constante de mil e quatrocentas pessoas.

Perguntam-me ás vezes como, em meio de tantas cabeças, mantenho no estabelecimento ordem e moralidade. Tenho duas respostas: primeiramente os homens e ás mulheres que nos chegam são criaturas serias, em segundo lugar toda a gente aqui vive occupada. O quadro seguinte revela de que modo empregamos o tempo: 5 horas da manhã, toque para despertar; 5 h. 50, primeiro signal para o almoço; 6 horas, chamada ao almoço; 6 h. 20, fim do almoço; 6 h. 20 a 6 h. 50, limpeza dos quartos; 6 h. 50, chamada ao trabalho; 7 h. 30, estudo; 8 h. 20, chamada ás aulas; 8 h. 25, inspecção da roupa dos alumnos; 8 h. 40, serviço religioso na capella; 8 h. 55, recreio de cinco minutos; 9 horas, começo das aulas; 12 horas, fim das aulas; 12 h. 15, jantar; 1 hora da tarde, chamada ao trabalho; 1 h. 30, nova chamada ás aulas; 3 h. 30, fim das aulas do segundo turno; 5 h. 30, fim do trabalho; 6 horas, ceia; 7 h. 10, rezas; 7 h. 30, estudo; 8 h. 45, fim do estudo; 9 h. 30, cama.

Não nos esquecemos de que julgam a escola em conformidade com o numero de diplomas for-

necidos. Contando os alumnos que terminaram o curso e outros que arranjaram conhecimentos bastantes para cavar a vida lá fóra, até hoje umas tres mil pessoas sahiram de Tuskegee e espalharam-se no Sul. Têm um bom senso e uma firmeza que forçam o branco a acceital-as. Onde chegam os nossos estudantes notaveis mudanças começam logo a apparecer: compram-se terras, concertam-se casas, o espirito de economia e o nivel de moralidade sobem. Povoações inteiras são revolucionadas por elles.

Ha dez annos organizei em Tuskegee a primeira *conferencia negra*, uma assembléa annual de oitocentos a novecentos homens e mulheres, da melhor gente da raça, que passam um dia estudando, formando projectos para melhorar as condições do negro. D'ahi sahiram muitas conferencias locaes, fecundas em boas obras. Ultimamente um delegado affirmava que no seu districto dez familias tinham adquirido propriedades. Findas as discussões da *conferencia negra*, reúne-se a *conferencia dos trabalhadores*, composta de professores empregados nas grandes instituições do Sul.

No verão de 1900, auxiliado por homens importantes da raça negra, como o sr. T. Thomas Fortune, fundei a *Liga nacional dos commerciantes negros*, que funcionou pela primeira vez em Bos-

ton com os representantes de trinta Estados. Essa reunião originou as ligas locais e as ligas estaduais.

Apesar das minhas occupações de administrador de Tuskegee e das collectas que faço para arranjar o dinheiro preciso á manutenção da escola, sou forçado a attender pelo menos a uma parte dos convites para discursos que me chegam do Sul e do Norte. Transcrevo uma noticia dum jornal de Buffalo, relativa ao discurso que fiz numa sociedade de educação:

“Booker T. Washington, o mais eminente educador negro do mundo, chegou hontem do Oeste, saltou no melhor hotel da cidade e teve uma noite cheia. Deram-lhe apenas o tempo necessario para escovar a roupa e cear. Nos salões do hotel offereceram-lhe uma recepção em que tomaram parte mais de duzentos professores de todos os lugares dos Estados Unidos. Pouco depois das oito horas, conduziram-no em carruagem ao Music Hall, onde em hora e meia fez sobre a educação negra dois vibrantes discursos para um auditorio de cinco mil pessoas. Depois o sr. Washington foi monopolizado por uma commissão de pretos chefiados pelo reverendo Watkins e levado á pressa a uma pequena reunião organizado em sua honra”.

Não me eximo de chamar a attenção do paiz para os assumptos que interessam ás duas raças.

E' o que faço a respeito do odioso costume do lynchamento. Quando a convenção constitucional da Luisiana se reuniu, mandei-lhe uma carta pleiteando justiça para a minha raça. Nunca me faltou, Deus louvado, o apoio dos jornaes do Sul e de outras partes do paiz.

Não obstante certas demonstrações transitorias e superficiaes, que poderiam induzir-nos em erro, nunca a situação da raça negra me pareceu mais estavel que hoje. A grande lei humana que afinal reconhece e recompensa o merito é universal e eterna. O mundo ignora os esforços desesperados que os brancos do Sul e os seus antigos escravos fazem para desembaraçar-se de preconceitos. E nessa lucta medonha as duas raças merecem sympathy e indulgencia.

Escrevo as ultimas palavras destas memorias na cidade de Richmond, onde ha trinta e cinco annos dormi numa calçada. Agora estou em Richmond como hospede do povo negro. Fiz hontem á noite, perante as duas raças, um discurso no salão da Academia de musica, o mais vasto e o mais bello da cidade. Nunca um homem de côr tinha tido permissão para servir-se dessa sala.

Na vespera da minha chegada o conselho municipal decidiu ir escutar-me. A camara e o senado

resolveram também, unanimemente, comparecer á Academia de musica.

A centenas de cidadãos negros e brancos offereci a mensagem que trazia, mensagem de esperança. E no fundo do coração agradei ás duas raças o acolhimento que me dispensaram no Estado onde nasci.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo — para a Companhia Editora Nacional, em Julho de 1940.*

BIBLIOTHECA
DO
ESPIRITO MODERNO

PHILOSOPHIA * SCIENCIA

1.^a Serie

2.^a Serie

HISTORIA * LITERATURA

3.^a Serie

4.^a Serie

O NOSSO TEMPO, marcado pelo singular tumulto mental que lhe accentua o caracter de transição e mudança, é por isso mesmo um dos mais assignalados periodos de reconstrucção intellectual e moral da historia. Apesar da falta de perspectiva em que nos achamos para julgar das suas grandes realizações scientificas, literarias e artisticas, algumas das obras modernas vêm obtendo do publico consagrações que importam na immortalidade. A inaudita difusão cultural do mundo de hoje permite desses milagres que os antigos não conheciam.

A BIBLIOTHECA DO ESPIRITO MODERNO visa coordenar para o leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela accitação publica, aquellas que mais directamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da especie, tornando-a realmente e sem perda de nenhum dos finos e raros valores que sempre a caracterizaram quando não passava de legado attribuido a privilegiados eruditos, a herança commum e por todos partilhada. Alem disso, incluirá a bibliotheca documentos biographicos que nos familiarizem com os grandes homens e as grandes mulheres que souberam fazer de suas vidas um espectáculo de belleza ou de altura e, por esse modo, contribuíram para tornar a vida mais significativa e a civilização humana mais digna.

Bibliotheca de civilização e cultura, os leitores terão em seus volumes o mais rico documentario com que se poderá tentar comprehender e acompanhar o longo esforço do pensamento humano para embellezar, enriquecer e dirigir a vida.



EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA
NACIONAL
SÃO PAULO

BIBLIOTHECA DO ESPIRITO MODERNO

FILOSOFIA:

- 1 — WILL DURANT: *Historia da Filosofia* — A vida e as Ideias dos Grandes Filósofos — Edição ilustrada — Tradução de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato.
- 2 — WILL DURANT: *Filosofia da Vida* — Tradução de Monteiro Lobato.
- 3 — WILL DURANT: *Os Grandes Pensadores* — Com um Prefacio do autor, especial para a Edição Brasileira — Tradução de Monteiro Lobato.
- 4 — J. H. ROBINSON: *A Formação da Mentalidade* — Aplicação da Inteligencia na Reforma Social — Tradução de Monteiro Lobato.

NO PRELO:

- BERTRAND RUSSEL: *A Formação do Homem* — Trad. de Monteiro Lobato.
A. N. WHITEHEAD: *A Ciência e o Mundo Moderno* — Tradução de Anísio Teixeira.

CIENCIA:

- 1 — ALBERT EINSTEIN E LEOPOLD INFELD: *A Evolução da Física* — Edição ilustrada — Tradução de Monteiro Lobato — Revista por Nelson S. Teixeira.
- 2 — ALFRED ADLER: *A Ciencia da Natureza Humana* — Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira.
- 3 — GROVE WILSON: *Os Grandes Homens da Ciencia* — Trad. de Edgar Süsserkind de Mendonça — Ed. ilustrada.
- 4 — CHARLES KEY: *As Grandes Expedições Cientificas no Seculo XX* — Tradução de Gastão Cruls — Edição ilustrada.

NO PRELO:

- H. G. WELLS: *A Construção do Mundo* (O Trabalho, a Riqueza e a Felicidade da Humanidade) — Tradução de Anísio Teixeira.
JAMES JEANS: *O Universo Misterioso* — Trad. de J. de Sampaio Ferraz.
DOROTHY DAVIDSON: *Os Primeiros Homens* — Tradução de Bastos D'Avila.
JULIAN HUXLEY: *Ensaio de Ciência Popular* — Tradução de Otavio Domingues.

HISTORIA:

- 1 — EVA CURIE: *Madame Curie* — Tradução de Monteiro Lobato.
- 2 — CHARLES SEIGNOBOS: *Historia Sincera da França* — Tradução revista por Anísio Teixeira.

3 — ANDRÉ MAUROIS: *A Vida de Disraeli* — Trad. de Godofredo Rangel.

4 — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 1.º Tomo: *Dos Começos da Vida na Terra até o Fim do Imperio de Alexandre o Grande* — Ed. ilustr. — Trad. de Anísio Teixeira.

4-A — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 2.º Tomo: *Da Ascensão e Queda do Imperio Romano até o Nascimento da Civilização Occidental* — Edição ilustrada — Tradução de Anísio Teixeira.

4-B — H. G. WELLS: *Historia Universal* (em 3 tomos) — 3.º Tomo: *A Era das Grandes Potencias* — Ed. ilustrada — Trad. de Anísio Teixeira.

5 — H. G. WELLS: *Historia do Futuro* — Tradução de Monteiro Lobato.

6 e 6-A — LORD MACAULAY: — *Ensaio Historico* — Em 2 tomos — Trad. de Antonio Ruas.

7 — AFRÂNIO PEIXOTO: *Pequena História das Américas*.

8 — BOOKER WASHINGTON: *Memorias de um Negro* (Autobiografia), Trad. de Graciliano Ramos.

NO PRELO:

WILL DURANT: *Historia da Grecia Antiga* — Tradução de Monteiro Lobato.

HENDRICK WILLEN VAN LOON: *A História da Biblia* — Narrada e desenhada pelo Autor — Edição ilustrada — Tradução de Monteiro Lobato.

JAMES TRUSLOW ADAMS: *A Epopéia Americana* — Tr. de Monteiro Lobato.

H. G. WELLS: *O Destino da Especie Humana* — Trad. de Monteiro Lobato.

CHARLES BONNEFIN: *História da Alemanha* — Trad. de Luiz Viana Filho.

FIRMIN ROZ: *História dos Estados Unidos* — Trad. de Afranio Coutinho.

LITERATURA:

1 — RUDYARD KIPLING: *O Livro da Jungal* — Trad. de Monteiro Lobato.

2 — DAPHNE DU MAURIER: *Rebecca* — Romance de Uma Mulher Inesquecível — Tradução de Lígia Junqueira Smith e Monteiro Lobato.

3 — MANUEL BANDEIRA: *Noções de História das Literaturas*.

4 — HOWARD SPRING: *Meu filho, meu filho!* Tradução de Monteiro Lobato e Lígia Junqueira Smith.

NO PRELO:

JOHN MACY: *Historia da Literatura Universal* — Edição ilustrada — Tradução de Monteiro Lobato.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Sede — RUA DOS GUSMÕES, 639 — SÃO PAULO

Filiaes: RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO-ALEGRE